

OS GAFANHOTOS

1.^a SERIE

REVISTA MENSAL

N.º 1-1868

AOS ALVÁRES

DE TODAS AS CONDIÇÕES E JERARCHIAS

EM PROVA DO MAIS SUBIDO RESPEITO

Ha duas classes distinctas na sociedade; uma, por extremo diminuta, a dos homens d'intelligencia e de coração; outra numerosissima, uns noventa e nove centesimos da grande familia, a dos ignorantes e dos imbecís.

Offereço esta obra ao maior número.

A razão da preferencia está n'isto mesmo.

Desculpem-me—por não contentar a todos...

U. L.

PROLOGO

E riremos de muito boa gente, que deseja passar por séria, e mediremos a pequenez dos *grandes* homens e das *grandes* coisas.

Nos prospectos que se espalharam para esta publicação — e não vai isso tão longe — o redactor, entre mais coisas, escreveu o seguinte, que julga conveniente reproduzir:

«Agora do que se trata é dos GAFANHOTOS, revista, chronica ou folhetim dos acontecimentos burlescos do mez.

Não tem por ora dia certo de apparecimento, nem é provavel que o chegue a ter esta publicação.

Já não é pouco afiançar-lhes, que será uma brochura em 8.º grande, Mensal,

De trinta e duas paginas;

De trinta e sete linhas cada pagina;

E de quarenta e quatro letras cada linha...

Que tocará de leve em tudo, para não offender susceptibilidades,

E que deixará a politica e a salvação da patria aos Codros da imprensa e aos Ciceros parlamentares,

Não esquecendo, todavia, nem os Ciceros nem os Codros.»

O prologo dos GAFANHOTOS é este; com o prologo verão o seu primeiro numero.

Leiam-n'ó, commentem-n'ó, e depois rasguem-n'ó ou queimem-n'ó.

Elle, com os seus futuros companheiros, não aspira a um logar em bibliotheca de qualidade alguma.

Já não acha pouco ser lido e commentado; ainda que, se Deus lhe dêsse vida e saude, podia bem valer de muito para a historia do ridiculo do seu tempo.

Mas que nos importa a nós a historia do ridiculo? As pessoas que fazem historias e bibliothecas, são pessoas sérias, que não tratam de ninharias e superfluidades;

E modestas, que não gostam de ouvir fallar de si... na presença.

Ainda havia mais que dizer.

Para não enfastiar, logo á segunda pagina, o melhor será não dizer mais nada.

Antes, porém, de concluir:— as palavras que servem d'epigraphe são d'um escriptor francez no prefacio d'uma publicação da indole d'esta. O escriptor é Alphonse Karr; a publicação intitula-se— Les Guêpes— e durou sete annos.

MARÇO—

O carnaval de todo anno—O carnaval da folhinha—Echos do carnaval—Como a gente é feliz n'um baile de mascarar—Duas opiniões differentes—O poeta Garibaldi e o guerreiro Victor Hugo—Um tribuno popular—Do theatro lyrico—Dos buffos—Dos concertos—Dos japonezes—Da companhia nacional—A força de logica—Os leitores dos periodicos serios—Anatomia d'um periodico serio—Consequencias d'um «cujo»—Eleitores... á urna!...—Os maltrapilhos da imprensa—A instrucção primaria na redacção do «Commercio do Porto»—As observações criticas do nosso primeiro romancista—Uma questão porca e um advogado limpo—Mais um que premette recrear-nos.

* ————— *

O CARNAVAL DE TODO ANNO :

Começa esta publicação n'uma quadra triste — na Quaresma.

Devia ter começado no carnaval...

Como se o carnaval não fosse todo anno!...

Isto de não se poder mascarar uma pessoa senão no entrudo, não é mais do que para fazer acreditar ás outras pessoas que o resto do tempo... andamos desmascarados.

A idéa é boa, mas pécca por sedição.

O senão das boas idéas é serem sedições.

Escreveu um philosopho, cujo nome deixo no tinteiro, por motivos justificados: —*Nihil sub sole novum*— (o latim dá muita força) e não escreveu novidade nenhuma.

Quanto ás boas idéas, essas teem o reverso dos bons livros do snr. Castilho. Não passam de traducções.

* Mas lá vai um mascarado.

Este é dos de todo anno.

Chamam-lhe barão e dão-lhe excellencia.

Póde muito bem ser visconde, mas deviam tel-o deixado em barão.

Quando está um dia de primavera, passeia de carro e mostra-se em toda a parte. Quando o inverno aperta e as ruas estão quasi intransitaveis, sahe a pé, de chancas e guarda-chuva de muitas varas.

Chamam-lhe barão e dão-lhe excellencia.

O mais curioso é elle persuadir-se de que effectivamente é barão e de que tem excellencia.

Mas a gente aproxima-se, ouve-lhe dizer:—eu fez, eu teve, eu poz,— e convence-se logo de que está na presença d'um tanoeiro... disfarçado. É o que vale.

* Outro; este é commendador... ou inculca de commendador.

As irmandades teem o seu retrato na secretaria, com o habito respectivo e chamam-lhe — nosso carissimo irmão.

Falla pouco, mas quando falla tem o auditorio suspenso dos labios. É um borrifador d'asneiras e de perdigotos.

Aprendeu a escrever o seu nome depois que um ministro ratão, d'um dos carnavaes passados, se lembrou de lhe chamar commendador.

O que elle é, sei-o eu ha muito: é um ajustador de taboados... em disponibilidade.

* Outro que passa. Todos o conhecem, mas teima em não se desmascarar.

Está no seu direito.

Quando ha eleições, propõe-se a deputado; anda, barafusta, apparece onde é preciso e onde ninguem se lembra d'elle, convoca a gente do círculo por que se propõe — e ora.

Tem a logica do pregoeiro.

Atrôa tudo... com os rasgos da sua eloquencia d'homem de pulmões robustos.

Ninguem poderá adormecer emquanto s. exc.^a falla.

Tambem não ha patriota mais amante da terra que o viu nascer.

Promette o que lhe vem á cabeça e ha de cumprir o que promette, creiam-n'o;

Ou elle não fosse homem de palavra.

Uma vez consegue ir ás câmaras.

É ministerial e diz «apoiado» a um signal de cabeça do capataz...

Mas por fatalidade (ha criaturas bem infelizes!), mas por fatalidade, um membro lá da camarilha, acerta de propor um imposto sobre muitos dos generos, cujo preço o nobre deputado por... Alcaparra tinha prometido reduzir á expressão mais simples.

Que fará o homem?

Esta pergunta é offensiva do seu pundonor e dignidade... — observará alguem.

Pois não é. Seria—se elle não andasse mascarado...

N'isto a mascara desprende-se e cahe-lhe aos pés.

Muita gente só então conhece que foi lograda por um desconhecido.

O nobre deputado não vacilla...

O seu voto é pelo imposto.

Mas o ministerio cede ao peso da sua impopularidade e o nosso homem apanha a mascara da lama e ajusta-a de novo ao rosto...

E pretende ser outra vez... o salvador de Roma e das batatas!...

* Et cætera, et cætera, et cætera.

O verdadeiro carnaval, o carnaval de todos é este de todo anno.

O que terminou no outro dia, que vem na folhinha e se limita ás caretas de papellão, aos fatos d'aluguer e aos guinchos desentoados, não passa d'uma chocha parodia do primeiro.

* *

O CARNAVAL DA FOLHINHA:

Mas vamos ao outro, ao carnaval, que se despediu de nós no dia 25 do passado.

Resume-se a pouco.

* *Nas ruas:*

Muitos espectadores, raros actores, coisa alguma de geito.

É que, segundo o costume, todos quizeram ver as mascaras e ninguem se lembrou de se mascarar para ser visto.

D'ahi, qual o resultado? o resultado foi serem perseguidos pelo rapazío, com apupos e assuadas, alguns cidadãos inoffensivos, que se apresentaram na rua com fatos um pouco fóra dos moldes do ultimo figurino.

Estes casos são tanto mais para lastimar (estylo de gazeta ordeira) quanto ha bons motivos para suppor que o rapazío era instrumento d'alguns alfaiates despeitados.

Não affirmo todavia.

* *Nos theatros:*

Idem, idem, idem...

Quer dizer: Muitos espectadores, raros actores, e coisa alguma de geito.

Quer dizer: Um principe dando o braço a uma filha do regimento;

Quer dizer: Um moiro de turbante e cabelleira de cachos, dirigindo amabilidades em falsete a uma lavradeira de mascara envernizada;

Quer dizer: Uma mulher de capote e lenço descompondo de palavras um salteador calabrez de barbas até ao peito e sobrancelhas espessas;

Quer dizer: Um guerreiro de cota de malha instando com um Pierrot para ir tomar um capilé....

E ao fundo, grave e terrivel como a estatua do commendador, um sujeito de manto de rei pelos hombros, chapéu desabado na cabeça e um pau na mão...

Façam idéa!....

* *

ECHOS DO CARNAVAL:

— No salão do Palacio de Crystal. Multidão e charivari. —

Um D. Juan desmascarado — (para uma pastorinha) — Mas no fim do baile dizes-me quem és? A tua voz não me é desconhecida.

A pastorinha — (com voz aflautada) — Talvez não. Olha que ainda hoje estive contigo.

O D. Juan — Tu, mascara? Faltas á verdade. Hoje... não me lembra que estivesse com mulher alguma.

A pastorinha — (acrescentando) — E em tua caza!

O D. Juan — É impossivel! estás a mentir descaradamente.

A pastorinha — Não estou, palavra d'honra.

O D. Juan — Deixa-me vêr a tua mão...

A pastorinha — Para quê? — (fazendo menção de se retirar) Olha se te lembras de quem entrou pela manhã no teu quarto. Adeus...

O D. Juan — (agarrando a pastorinha) — Perdoa, mas então deixa-me dizer-te que estás redondamente enganada. Hoje no meu quarto, pela manhã, só entrou o meu barbeiro.

A pastorinha — (com voz d'homem, rindo) — Pois eu cuidei que me tinha matado ha mais tempo!

— O D. Juan fica parvo e a pastorinha é levada na turba. —

* *Um dominó feminino* — (passeando pelo braço d'um dominó masculino desmedidamente barrigudo) — E não falta mais nada? É a primeira vez....

O dominó masculino — Mais nada?! O que ha para vêr, já tu viste... que mais querias tu?

O dominó feminino -- Pois sim, mas ainda não me foste mostrar o restaurante.

O dominó masculino — (sentando-se; como entalado) — Isso logo, temos tempo. Vamos a descançar primeiro.

* *Um individuo obeso e baixo* — (de suissas e bigode preto, hombros largos, lunetas fuscas e abdomen saliente, voz de papo; formalizado; a um Pierrot que o persegue) — Não desço a responder-te, mascara! és um incivil!

O Pierrot — Porque sou incivil, doutor? Eu não fallo em coisas que te envergonhem, doutor.

O doutor — Já disse que não desço a responder-te.

O Pierrot — Nem eu quero que tu desças a tanto, homem. Sei perfeitamente em que pedra amolas as tuas prosapias. — (Para um espectador do caso) — João, apresento-te o medico de quantas companhias de theatro e circo venham a este Porto!

O doutor — Eu não admitto insultos!

O Pierrot — Quem te insulta, Galeno? Pois não foste o assistente das feras do Bernabó, dos cavallinhos do Palacio, dos buffos do Baquet... e da phoca das Carmelitas?

O doutor — (enxugando o suor da fronte) — É de mais!

O Pierrot — Não é de mais... Houve até quem affiançasse que foste o medico das figuras de cera... quando ellas estiveram na rua de Santo Antonio...

O doutor — (dirigindo-se a um guarda civil) — O snr. intime esta mascara... para não dirigir insultos ás pessoas bem educadas!

— Riso nos espectadores da scena. O guarda civil não responde e o doutor some-se na multidão. O Pierrot segue-o. —

* *Um espectador* — (a outro; encarando n'um general de mãos calejadas, que está sentado a um canto) — Não me dirás porque se mascarou este homem?

O outro — Pela mesma razão porque se mascararam muitos, que tu vês; porque os não deixariam entrar aqui d'outro modo.

* *Algumas vozes sediciosas* — Abaixo! fóra! ao tanque! ao tanque!

— Muita gente aproxima-se. Um japonéz de chapéu de bicos na cabeça é perseguido por uma turba de sujeitos, ao parecer, mal intencionados. De tempos a tempos o japonéz volta-se, fica n'uma posição exqu coasta, e os sujeitos desatam a rir.

Mas o japonéz continúa no seu caminho, e as vozes sediciosas, que pedem que seja arremeçado ao tanque, recrescem.

N'isto a policia intervem a favor do japonéz; vai depois o japonéz senta-se no chão, e aponta para o ar. Gargalhada geral; a policia, rosando, retira-se a bastidores. —

* *

COMO A GENTE É FELIZ N'UM BAILE DE MASCARAS:

Em janeiro de 1843 escrevia um folhetinista parisiense, predizendo as alegrias do carnaval d'aquelle anno:

«Muitos individuos terão aventuras muito parecidas com esta:

Um dominó feminino: — Bem te conheço; chamas-te Alberto.

Outro dominó: — Bem sei quem tu és; estás empregado na secretaria da fazenda.

Ainda outro: — Bem te vi ante-hontem; por signal que trazias uma calça côr de pinhão.

E o tal individuo é o mais feliz dos mortaes. E diz lá com os seus botões:

— Como todas me dão por baldas certas! como sou conhecido! como se importam commigo!

* Um quarto dominó toma-lhe arrebatadamente o braço e quasi que o arrasta sem proferir uma palavra.

— Mas então? — exclama o sujeito finalmente — que me queres? di-ze-me alguma coisa...

— Não tenho nada que te dizer — volve o dominó.

E o individuo levanta os olhos para o tecto do salão e roe uma unha, como quem se pergunta admirado:

«—Mas aonde foi esta mulher saber tudo isto?! Aqui ha grande mysterio!»

E elle bate o pé a modo de homem a quem tivessem contado os seus mais reconditos segredos.

Um dos amigos, vendo-lhe os gestos, murmura :

— Parece que o Alberto não está contente com o que lhe diz o dominó carmezim.

— Eu tomei-te o braço — accrescenta o dominó — porque passavas na occasião em que me queria livrar d'um importuno, que se tinha agarrado a mim e que não me queria deixar. Agora, adeus.

O sujeito fica só, e apparenta um ar de pessoa demasiadamente preocupada com as revelações que se lhe acabam de fazer.

O amigo, que o tinha observado, aproxima-se :

— Que te disse aquelle dominó?

— Cala-te! Uma criatura formosa e engraçada como nenhuma! Se eu pudesse adivinhar quem ella é!... e depois contou-me coisas!... Fiz-lhe perguntas incidiosas, respondeu-me com a maior presença d'espírito! Que mulher! não a largo! hei de conhecê-la por força!

— Felizão! — diz-lhe o amigo.»

* E o carnaval d'ha vinte e cinco annos foi o carnaval d'hontem e será o carnaval do anno que vem.

Sempre o mesmo... para não fatigar as attenções.

* *

DUAS OPINIÕES DIFFERENTES :

No theatro da Trindade foi á scena uma comedia n'um acto — «O xadrez da marquezia» (salvo o erro).

Um periodico dizia pouco mais ou menos, dando conta do facto :

«O espectaculo terminou com uma bonita comedia — «O xadrez da marquezia» — em que os bons ditos se cruzam, tendo o espectador em continua hilaridade.

» Apesar da modestia do auctor em esconder o seu nome dos cartazes, não havia pessoa alguma, que não reconhecesse, logo, na primeira scena, um dos nossos mais finos escriptores e distinctos dramaturgos, o snr. Francisco Palha.»

* No mesmo dia, sobre o mesmo assumpto, lia-se ainda n'outro periodico:

«Findou o divertimento com —«O xadrez da marquezia»— sensaboria d'um anonymo, que deveu á actriz fulana, a quem tocou o desempenho de tres papeis diversos, haver escapado a uma pateada monumental.

»Seria conveniente que a direcção do theatro olhasse pela escolha das comedias, que teem de subir á scena. Mais vale prevenir do que remediar.»

* Qual dos dois foi que disse a verdade?

Resposta que não satisfaz: — Ambos... Talvez differentes modos de vêr — o mesmo objecto!....

* *

O POETA GARIBALDI E O GUERREIRO VICTOR HUGO :

Foi pelas mascaras.

Os periodicos deram conta de que o poeta Garibaldi dedicára uns versos em francez da sua lavra ao *sublime apostolo da humanidade*, o guerreiro Victor Hugo, e de que o poeta Victor Hugo respondêra com outros ao *heroe da liberdade italiana*, o guerreiro Garibaldi.

Isto não deixa de ter sua graça.

Dos versos do guerreiro-poeta não rezam as folhas; mas ahi vai em prosa a traducção dos versos do poeta-guerreiro :

«Hauteville House 20 de janeiro de 1868.

»Querido Garibaldi

»Havia na tenda de Achilles uma lyra e uma harpa na tenda de Judas Machabeo; Rolando escrevia em verso a Carlos Magno; Frederico II dirigia odes a Voltaire. Os heroes são poetas. Tambem vós o provaes, vós tambem. Li com profunda commoção a nobre carta lyrica que me escrevestes, onde fazeis fallar á alma da Italia a lingua da França. O mesmo sopro de justiça e de liberdade que vos inspira grandes acções, inspira-vos grandes pensamentos.

»Até breve, illustre amigo.

Victor Hugo.»

Não sei se em verso a epistola do cantor das Orientaes teria mais graça; em prosa — é o que se vê.

* Notemos de passagem o laconismo todo spartano do poeta-guerreiro ao guerreiro-poeta.

«Rolando escrevia em verso a Carlos Magno e Judas Machabeo tinha uma harpa na tenda. Os heroes são poetas. Vós sois o Rolando e sois o Judas Machabeo... porque tocaes harpa; quer dizer, porque fazeis versos nas horas vagas.

»Até á primeira, illustre amigo... de Peniche...

Victor Hugo.»

* *

UM TRIBUNO POPULAR :

A politica não é já exclusiva dos Catões e dos Brutos, como d'antes. Agora o menos Catão e o mais Bruto questiona a respeito da salvação do paiz e treme pelo seu futuro...

Está no seu direito de questionar e de tremer...

É cidadão e paga décima (na hypothese...).

Mas, não só discute e questiona, como tambem ergue a sua voz — desauthorisada, no meio das mais respeitaveis assembleias.

No fim chamam-lhe tribuno do povo... para não lhe chamarem pelo seu nome.

Delicadeza sobre-modo louvavel.

* Exemplo d'um tribuno do povo :

Aquelle individuo que nas ultimas reuniões eleitoraes se tem apresentado a offender o senso-commum e a grammatica portugueza com uma sobranceria, que deixa tudo embasbacado... — Elle é que não embasbaca.

Ainda assim, para não causar grande estranheza, sempre que falla, o orador previne o auditorio, de que não sabe ler nem escrever.

Quando o não fizesse... era o mesmo; adivinhavamol-o nós ás primeiras palavras, — se não fosse em antes...

Ha caras assim expressivas.

No emtanto a franqueza do destemido tribuno é summamente louvavel.

Alguem lembrou-se, n'uma das mais numerosas assembleias, em que o tribuno fallou, de abrir uma subscrição pelos espectadores para o man-

dar aprender a ler e a escrever, sendo suspenso do uso da palavra até então.

Apoio a ideia... mas não estou resolvido a apresental-a ás massas.

* Venha o homem. Chama-se...—ignoro como se chama. O nome de guerra, esse é que não ha pessoa alguma que lh'o não saiba. É *Sentieiro*.

* *

DO THEATRO LYRICO:

E theatro? que me dizem de theatro? que me dizem da companhia lyrica na presente quadra?

Trovador, Favorita, Baile de Mascaras, Lucia... ai! d'esta vez não esperamos pela quaresma para jejuar!

O Porto é ainda a cidade burguezissima de que fallava ha quasi trinta annos o visconde d'Almeida Garrett.

O Porto não é ainda terra para sustentar uma companhia lyrica subsidiada, constante de quatorze figuras, incluindo os comparsas, que de mais a mais são boas figuras.

Nós cá dispensamos bem as inutilidades.

Quem fôr apaixonado por musica, pague a um cego para lhe tocar debaixo da janella, ou traga um realejo para caza.

Theatro... lyrico?! Não que tudo está pela hora da morte! os comestiveis sobem de preço e o tendeiro já não fia.

O theatro lyrico é bom para quem póde gastar á larga, e o Porto... é apenas um negociante de vinhos.

* *

DOS BUFFOS:

.....

Se fueron!...

(O espaço occupado pelas reticencias póde ser preenchido convenientemente e particularmente por cada leitor dos «Gafanhotos».

A lagrima é livre.

Para mim, dos buffos madrilenos, resta-me só a lembrança d'algumas noites bem passadas... á falta de melhor.

Está fechado o parenthesis.)

* *

DOS CONCERTOS:

Ouviram-n'os, a um e a outro? a Arthur Napoleão e a Catharina Lebouys! Ao pallido moço de fronte espaçosa e olhar intelligente e meigo? A' risonha e serena criatura de labios de coral, e perfil encantador?

Ouviram-n'os, a elle e a ella, ao magico e á fada?

Pois se os ouviram, e se no recesso dos seus corações ainda vibra a corda mysteriosa, que se chama.....

... Os GAFANHOTOS!!...

Sombra implacavel! pavoroso espectro...

Não posso concluir.

* Mas porque veio aguar o meu entusiasmo poetico a prosa do titulo d'esta publicação?...

Porque não me lembrei antes de encetar estas linhas ou não me esqueci por um momento de que era redactor... dos «Gafanhotos»?!

Basta. O mundo é isto. Para, no mais alto dos arrobamentos da nossa alma, não esbarrarmos d'encontro á realidade, ao positivismo, á prosa, é mister sermos, ou um genio privilegiado ou um tolo varrido; ou Arthur, ou então.....--Procurem na lista dos seus numerosos conhecimentos um nome para a lacuna.

* Lembra-me o caso presente uma caricatura notavel, em um dos muitos albums, que deixou Gavarni:

Era o interior d'um quarto d'estudante, em toda a sua desordem caracteristica.

Na cama, sentado, em mangas de camisa, estendendo a perna para uma linda rapariga, o morador.

Por debaixo o seguinte discurso:

—Mulher! anjo da criação! companheira inseparavel do homem! pharol á beira do pégo, que nos ameaça iamber... tira-me as botas!

* *

DOS JAPONEZES:

Não vi os japonezes, como também não vi o tigre marinho nem os animaes empalhados.

Perdão; eu vi os japonezes; o que não vi foi trabalhar os japonezes.

De figura não deixam de ser sympathicos. Teem o nariz amassado, os olhos pequenos, a pelle côr de paio com alguns dias de fumeiro, e uma trança... a trança é de fazer córar de puro pejo tantas que por ahi affectam dimensões extraordinarias... com palmo e meio de comprido.

* Os homens...

... Não trabalham mal—dizem alguns espectadores.

—Os homens...

... Trabalham admiravelmente—dizem as gazetas.

O leitor, se os foi vêr, póde n'este ponto, dar-me a sua opinião, que terei na conta da mais auctorisada.

Apenas ouvi dizer a um espectador, que o unico merecimento, por que se distinguiam, era serem japonezes.

* *

DA COMPANHIA NACIONAL:

Que mania esta de dizerem que no Porto não ha companhia nacional de declamação!

Pois querem mais do que isto?!...

Uma companhia que não tem mãos a medir;

Que possue o dom da ubiquidade;

Que não recúa diante dos maiores obstaculos;

Que sabe dominar as situações no palco e os espectadores na platêa?!...

Que leva hoje o Pedro Sem no theatro do Palacio de Crystal, amanhã a D. Ignez de Castro no Circo, e depois o Santo Antonio em S. João?!

Que tomou para si o drama, a tragedia, o melodrama,—o punhal e o veneno... como quem toma um copo d'agua!?

Não nos façamos tão exigentes, que nos tornamos ridiculos ao vêr dos estranhos, menos mimosos que nós.

.....

* A companhia que faz os prodigios apontados, na cidade do Porto, no anno economico de 68 a 69... registre-se para memoria e lição a futuros actores—é a companhia do Maneta!

* *

A FORÇA DE LOGICA :

Um argumentador do «Diario Popular», querendo metter a falla no bucho a um seu collega d'Aveiro, diz :

«Se o «Campeão das Provincias» (é o collega) não sabe ler nem interpetrar o que lê, se toma como certo o que se lhe dá por duvidoso, não temos culpa d'isso.»

Muito bem!...

Pois se elle não sabe ler... não admira nada (presumpção do redactor dos «Gafanhotos»), que não saiba interpetrar... o que lê...

Não é assim? — Muito bem, repito.

* *

OS LEITORES DE PERIODICOS SÉRIOS :

Eu confesso ingenuamente que não sei como ainda ha quem leia periodicos... sérios;

E quem leia periodicos sérios todos os dias;

E quem leia mais do que um periodico sério por dia.

Esta ultima parte, sobre tudo, é um problema d'escura solução para mim.

* João Fernandes vai ao theatro. Representa-se pela primeira vez... qualquer coisa.

Gosta.

No dia seguinte volta á scena a mesma coisa, e elle... volta para o seu logar da platêa.

Não tem que fazer.

Mas pouca attenção presta ao que vai no palco.

Todavia... não desgosta.

Por qualquer motivo João Fernandes assiste pela terceira vez ao desempenho da mesma coisa.

É de mais; enfastia-se...

Olha para os camarotes, conta os bicos do lustre, pergunta ao visinho o nome dos actores e sahe antes do signal para baixar o panno.

O caso dá-se;

João Fernandes assiste pela quarta vez á representação da mesma coisa.

Aborrece-se.

Tudo o que vai no palco, sabe-o elle de cór. Procura alguns amigos para conversar e não descobre na sala um que esteja resolvido a supportal-o.

Quando o silencio é profundo, quando o espectador está como que empenhado no desenlace final, João Fernandes levanta-se, pega no chapéu, e sahe batendo ruidosamente com os tacões no soalho.

Está divertido. Em quanto fôr o mesmo espectáculo não voltará ao theatro.

* Pois este snr. João Fernandes, que se aborrece tão facilmente com as repetições no theatro, lê, devora, uma após outra, quatro gazetas sérias por dia, a começar no titulo do primeiro artigo de cada uma e a acabar no seu derradeiro annuncio!

* *

ANATOMIA D'UM PERIODICO SÉRIO:

Dêem-me um periodico sério, seja qual fôr, e eu vou dizer pouco mais ou menos o que elle contém;—a data não importa.

É da opposição?—Vamos para o abysmo;

Periga a nossa autonomia;

A opinião pública declarou-se abertamente contra as medidas;

Os ministros devem largar as pastas;

O povo agita-se.—

Defende o governo?—O ministerio tem a consciencia dos seus actos;

A nação respira a final;

Ainda não tivemos governo mais intelligente, nem mais amante da républica;

A opposição está furiosa por vêr que o governo se mostra resolvido a trabalhar a bem do paiz;

Póde-se dizer que não ha opposição. —

* É isto, assim á maneira dos alcatruzes d'uma nora, desculpem o bucolico da comparação.

E se aqui ainda se nota desaccordo entre elles—não entre os alcatruzes, mas entre os periodicos—por um ser governamental e outro opposicionista (ambos sérios e ambos independentes), deixem que já os vamos encontrar do mesmo sentir no restante das suas columnas. A saber:

- Na revista estrangeira;
- Na parte official;
- Na gazetilha;
- Nos communicados e necrologios;
- Nas partes telegraphicas;
- Nos annuncios e outras miudezas.

* Pois apesar de tudo, João Fernandes lê, mastiga, quatro gazetas sérias por dia, a começar no titulo do primeiro artigo de cada uma e a acabar no derradeiro annuncio de navio!

* Mas...—lembra-me agora—que seria dos nossos gazeteiros, machinas inúteis para coisa alguma util, se não fossem os Joões Fernandes d'este valle de lagrimas?

Pangloss foi um grande philosopho e um grande doutor.

É, por conseguinte, uma providencia haver quem leia periodicos sérios;

E quem leia periodicos sérios todos os dias;

E ainda quem leia mais do que um periodico sério por dia.

* *

CONSEQUENCIAS D'UM «CUJO»:

Um fiscal do governo ia em um dos ultimos dias do mez findo, no comboio das 6 horas da tarde no exercicio das suas funcções.

Vai depois :

«Ao passar o comboio entre as estações d'Esmoriz e Granja— diz o noticiarista do «Jornal do Porto» — foi disparado um tiro d'um pinhal, «cujo tiro» veio ferir o dito fiscal na testa por cima d'um olho.»

Ora, que o tiro disparado d'um pinhal fosse ferir o dito fiscal, na testa por cima d'um olho—é natural, mas que o tiro fosse *cujo*... só lembrava ao porco sujo!...

* *

ELEITORES... Á URNA!...

Alguns candidatos a deputados aproveitaram-se da ocasião do entrudo para fazerem os seus manifestos aos povos dos circulos respectivos.

Se não passam de mascarada todas estas coisas!

Se vivemos em pleno carnaval!

Aqui teem duas proclamações:

Uma é d'um sujeito, que se arremeça pela primeira vez ao mar da politica—sem apetrechos alguns piscatorios;

Outra é contra um individuo, que foi deputado, mas que, pelos modos, não deu boa conta de si...—caso raro e muito para se archivar!

* E agora leiam... sem todavia se esquecerem de que foi no carnaval que se escreveu tudo isto.

Primeira proclamação :

Eleitores do círculo... de Milheirós!

«Certo de que vós estaes cansados de prestar o vosso voto a homens, estranhos ao vosso circulo, e que vos esqueceram no momento em que mais carecieis da sua cooperação a bem de vossos interesses, eu venho apresentar-vos a humildade do meu nome.

»O meu passado dir-vos-ha do meu futuro.

»Peza-me não poder offerecer-vos talentos, que os não tenho: asseguro-vos a minha boa vontade e pureza de intenções.

»Esforçando-me pelo vosso engrandecimento, trabalharei em meu proveito, porque os vossos interesses são meus tambem.

»Um governo, filho legitimo da soberania do povo, garantirá, por certo, em toda a sua plenitude, a liberdade do vosso voto. Escolhei, pois,

snrs. eleitores, mas escolhei sempre homem do nosso concelho, e se n'elle existe pessoa de vossa melhor affeição, desde já podeis contar com o meu fraco apoio.

»A lição da experiencia deve aconselhar isto tambem.

»Era meu proposito coadjuvar todos os homens que dotassem o nosso paiz, com medidas de instante conveniencia; era minha tenção propugnar pelos nossos fóros e isenções.

»Apoarei o governo actual nas medidas de prompta reduccion na despeza publica, do mesmo modo que apoiarei ou deixarei de apoiar os que ampliarem ou coarctarem os vossos interesses.

»Snrs. eleitores do circulo... de Milheirós, considerar-me-hei summamente honrado com o vosso voto, e farei tudo quanto em mim caiba para tornar-me digno d'elle.

Manoel Antonio.»

—Como se vê do presente manifesto, o candidato não se quiz apartar da praxe seguida pelos seus collegas... que fazem manifestos.

O que elle disse já nós cá sabiamos ha muito.

Perde-se na cerrada noite dos tempos o nome do candidato, que pela primeira vez arengou assim ás massas:

«O meu passado dir-vos-ha do meu futuro.

»Esforçando-me pelo vosso engrandecimento, trabalharei em meu proveito, etc..

»Se ha ahi alguem mais habilitado para tratar dos vossos interesses, eu serei o primeiro a ajudar-vos com o meu fraco apoio.

»Amigos eleitores, considerar-me-hei summamente honrado, etc..»

Manifestos d'estes lembram os bilhetes de boas-festas dos entregadores de periodicos.

Além de seguirem aquella maxima da moderna philosophia (os entregadores e os candidatos) — o mesmo para variar—, assimilham-se em que—uns desejam festas alegres ao assignante para receberem a consoda, e os outros promettem aos eleitores trabalhar pelo seu engrandecimento, que importa o mesmo que dizer — em seu proveito proprio —, para lhes pilharem o voto.

Ainda ha mais pontos, por que se aproxima o entregador de jornaes do candidato a deputado... mas deixo isso para o número em que me aperte a escassez de assumpto.

* Vamos ao segundo manifesto:

Clama-se contra um ex-deputado, que de novamente se propõe, e cujo nome pouco deve importar ao leitor dos «Gafanhotos».

Seja Antonio Pedro o candidato.

Eleitores do círculo... de Paio Pires!

«A urna vai abrir-se brevemente para acceitar o suffragio nacional, e exprimir a vontade popular.

»Não é uma questão insignificante, que vai tratar-se, e decidir-se junto da urna. A questão é grave, é gravissima, porque envolve o futuro destino d'este malfadado paiz. (Muito bem!)

»ELEITORES! E' necessario, que esses falsos procuradores do povo, em cujo número figurou o snr. Antonio Pedro, votando sempre contra o povo, não voltem mais a occupar as cadeiras de S. Bento. (Apoiado!)

»Vós já sabeis por experiencia, quem é o snr. Antonio Pedro; que, em lugar de advogar no parlamento os interesses da nação, foi um dos primeiros que cavou a sua ruina. (E' forte!)

.....

»ELEITORES! O snr. Antonio Pedro votou tudo isto, votaria muito mais, se o governo quizesse, e até votava a entrega de Portugal á Hespanha, se o governo transacto se conservasse no poder. (Muito bem!)

»ELEITORES! Não vos deixeis illudir com as falsas promessas d'este saltimbanco politico, (ordem! ordem!) nem com as ameaças dos regedores e cabos de policia. No dia da eleição não ha authoridade, nem subordinados. Diante da urna todos são iguaes. (Muitos apoiados!)

.....

»ELEITORES! Á urna com coragem e energia (apoiado!) contra Antonio Pedro; pois se assim o não fizerdes, dentro em pouco vereis as vossas propriedades assaltadas pelos empregados da fazenda, e o pão de vossas familias roubado por novos impostos.

»ELEITORES! Á urna contra o inimigo do povo.

»Á urna contra o homem, que não vai á missa, nem se confessa.»
Que rajada!

Em face d'este sudario, que farão os eleitores do logar por onde se propõe Antonio Pedro?

Estou vendo já partir da realeza popular o seguinte decreto fulminante:

«Nós, eleitores do círculo de Paio Pires, constituídos em dictadura.....
etc., etc. ;

»Considerando que da boa escolha de deputados depende o futuro
d'este malfadado paiz ;

»Considerando que é necessario que não voltem a occupar as cadei-
ras de S. Bento os falsos procuradores do povo ;

»Considerando que o snr. Antonio Pedro, em logar de advogar no
parlamento os interesses da nação, foi um dos que lhe cavou a sua
ruina ;

»Considerando que o dito Antonio Pedro votou cousas incriveis, e
que, pelos modos, até votaria a entrega de Portugal á Hespanha se o go-
verno quizesse ;

»Etc., etc. ;

»Considerando finalmente que o referido Antonio Pedro é inimigo
do povo, não vai á missa nem se confessa ;

»Hemos por bem nomeal-o nosso representante ás côrtes e lhe man-
damos passar este diploma para mostrar onde lhe convier.

»Os eleitores de Paio Pires.»

* —Á urna, cidadãos independentes ! á urna e com energia !

Mostrai, ainda uma vez, que sabeis conservar-vos á altura d'um
povo livre !

Correi em carga ás igrejas das respectivas freguezias, de lista em
punho, a gosar de uma das prerogativas com que vos favorece a Carta
Constitucional da Monarchia, tudo com letra grande !

Por quem sois, eleitores, não fiquéis em caza ou não vades para o
botiquim !... Á... urna !...

* *

OS MALTRAPILHOS DA IMPRENSA :

Ha ahi uns anonymos, que intrincheirados por detraz d'um prélo —
tambem anonymo—se divertem nas horas de folga, que são todas, em
arremeçar com lama e pedras ás pessoas decentes, que lhes passam por
diante.

A lama suja e as pedras magoam.

Pede-se a attenção da policia para estes gatunos da imprensa.

* E a proposito, não será mau lembrar, que ha no Porto uma caza de correcção para vadios.

* *

A INSTRUCCÃO PRIMARIA NA REDACÇÃO DO «COMMERCIO DO PORTO» :

Poucas vezes leio a gazeta da Ferraria de Baixo, pelo simples facto de saber de cór o seu conteúdo e ter mais em que matar o tempo.

A não ser a chronica d'alguns acontecimentos menos vulgares, *rari nantes in gurgite vasto*—porque eu tambem sei latim—o resto é, ha muito, do dominio do público, sem exceptuar os dictos agudos com que o noticiarista ás vezes apimenta a ultima columna ao seu dispôr.

Entre estes successos não vulgares está o julgamento d'um assassino, a respeito do qual julgamento se exprime do modo seguinte a gazetilha :

«Antonio Vieira foi assassinado a golpes de machado, descarregados no pescoço e no craneo pelo réo Bernardo da Silva no dia da romaria de S. Bento de Pedroso, sendo em seguida enterrado (o Bernardo?)—em uma cova, que ficava á porta da cozinha do réo e sobre a qual (porta ou cozinha?)—depois d'atuhlada, estava semeado um alfobre.»

E o «Commercio do Porto» sempre na teima de não mandar para a escóla os seus redactores !

Pois não gastava nada, affianço-lh'o eu ! Ali para a praça da Farinha, ás noites, ha uma escóla de ensino mutuo... gratuita !

Só por birra !

* *

AS OBSERVAÇÕES CRITICAS DO NOSSO PRIMEIRO ROMANCISTA :

O snr. Camillo Castello-Branco é redactor d'um periodico intitulado — «Gazeta litteraria do Porto».

Se não fosse fallivel aquelle proverbio de que — pelo dedo se conhece o gigante, e pelas orelhas o asno — eu ia jurar, em face do seu primeiro número, que a nova folha era a menos litteraria de todas as que se tem decorado com esse titulo até á data presente.

E prova-se facilmente a asserção lendo alguns dos seus artigos.

Por um, julga-se que o periodico é satyrico... até á insolencia;

Por outro, julga-se noticioso... parvalheira;

Por outro ainda, tolamente erudito.

Note-se que não me refiro nem á traducção das *Femmes savantes*, do snr. Castilho, que tenho na conta de boa, nem á *Palestra litteraria*, que se me afigura soffrivel, nem ao proemio, que reputo mau.

* Vamos a este ultimo, ao proemio :

Começa por chamar injustissima e quasi injuriosa a accusação de illiterato, que lá de fóra dirigem ao Porto, e acrescenta com intranhada modestia :

«Quem estas linhas escreve falsearia sua consciencia consentindo na immerecida nota, com que irreflectidamente se desdoura uma terra em que eu não sómente contribui para despertar em espiritos já cultivados o gosto da leitura de livros, embora frivolos, senão que dei alento a editores que fiados e seguros no consumo das obras, se arrojassem a dispendiosas empresas.»

A ultima parte devia ter sido em grypho; esquecimento imperdoavel do typographo, cuidou eu. Não era o snr. Camillo que deixava escapar um tão palpavel disparate!

É sabido por ahi, além de ser muito mais crível, que foram os editores que deram alento ao snr. Camillo, e que não foi o snr. Camillo, que deu alento aos editores.

O mais, ainda que não menos ridiculo... perdoa-se.

* Deixando a miuçalha — como diz o auctor da «Noite do Castello» e da «Joven Lilia abandonada» ;

Pretende o redactor da gazeta provar que da morte, á mingua d'assignaturas, d'alguns periodicos litterarios, que teem sahido aqui a lume, antes de resultar desdouro para o Porto, lhe vem lustre e proveito.

«É melhor estar ás escuras — diz o snr. Camillo — que n'um quarto alumiado por sail. Quer-me parecer isto.»

Seja assim. Não contesto. Apenas acrescentarei que a luz que o primeiro número da «Gazeta litteraria do Porto» espalhou no meu quarto não era preferivel á do sail das publicações a que allude.

O meu assumpto é outro : abiquemos a elle :

* «Além de que — prosegue o fecundo litterato — os meus collegas n'este genero de publicações intenderam quasi sempre que a alma d'um periodico litterario era a critica abastardada em satyra e a satyra desbragada em insolencia. Na escolha de victimas recenceavam as mais mansas e pacientes: os litteratos noveis e os litteratos caducos. Uns fechavam-os por ignorantes, outros por derrancados de sciencia velha.»

Peço licença para ajustar a carapuça por não achar outra cabeça para que fosse talhada, senão a minha.

Periodico de critica litteraria, que eu saiba, no Porto, e, direi, em Portugal, só um, o *Bocage*, de que fui redactor.

Corre-me, pois, a obrigação de responder ás zagunchadas pouco leaes do meu illustre collega.

Se eram ou não critica abastardada em satyra e satyra desbragada em insolencia, os commentarios feitos por mim aos escriptos alheios, copiados textualmente, não o direi, porque sou parte suspeita... como tambem o snr. Camillo;

O que digo e sustento é que é falsa a allusão seguinte, que resa:

«Na escolha de victimas recenceavam as mais mansas e pacientes: os litteratos noveis e os litteratos caducos.»

Eu não escolhia as minhas *victimias*, nem para me occupar de qualquer escripto indagava primeiro do arreganho e forças do seu auctor.

Litteratos caducos e litteratos noveis?! — Pois são-n'ó uma ou outra coisa Thomaz Ribeiro, Manoel Roussado, Pinheiro Chagas, Bulhão Pato, Julio Cezar, João de Deus e outros... não esquecendo o proprio snr. Camillo?!

Adiante. Vê-se que o redactor da «Gazeta litteraria» não buscou tanto dizer a verdade como desabafar os seus despeitos.

A culpa não é d'elle; é d'este vilissimo barro, de que somos todos formados, tão facil em acceitar o incenso dos outros como devido e merecido.

* Não basta.

O snr. Camillo, para se absolver dos peccadilhos de que foi accusado, como quem não deseja mostrar que pleitea em causa propria, toma a seu cargo a defeza da ignorancia, que leva o attrevimento a fazer versos e a escrever novellas; e proclama a inutilidade, em litteratura, do senso commum, da grammatica, e da boa e sã linguagem.

A coisa é para reparo; diz o mestre:

«Ora despresada a maledicencia como esteril, que importa ao leitor do periodico saber quantos gallicismos escrevi nos meus livros, quantas offensas á grammatica fez o meu visinho? Quem lê no intento de esparecer de graves occupações ou aprender alguma coisa util decerto me não atura a pedagogica philaucia com que eu venho delatar aos contemporaneos e á posteridade que um tal poeta ou novelleiro mancou uma estrophe ou fez um personagem aleijado. Esse leitor sisudo, que já leu periodicos francezes, admira-se de que não possamos em linguagem portugueza entretê-lo com publicações analogas.»

Corre impresso e vem assignado pelo redactor da «Gazeta», o que fica nas precedentes linhas.

Ora o leitor *sisudo*, que já leu periodicos francezes (não esqueçam esta particularidade), que saboreou Ponson du Terrail e Xavier de Montepin, como faminto de bons bocados, póde não desejar saber quantos gallicismos o snr. Camillo escreveu nos seus livros e quantas offensas á grammatica fez o seu visinho; póde não me aturar a pedagogica philaucia «com que eu venho delatar aos contemporaneos e á posteridade que um tal poeta ou novelleiro mancou uma *estrophe* ou fez um personagem aleijado»; mas é que, tambem, com esses não tem nada a crítica, embora abastardada em satyra e desbragada em insolencia. Para esses fazem-se traducções como as da «Bibliotheca das Damas» e escrevem-se livros como os «Mysterios de Lisboa», do redactor da «Gazeta», e as «Noites de Inverno», d'um escrevedor selvajinha chamado Tito de Noronha.

A crítica, *despresada a maledicencia como esteril*, é muito especialmente para o individuo a quem é feita, para os homens do officio, e para alguns mais, que desejem, não tanto esparecer de graves occupações, como aprender alguma coisa—util; porque não tambem, alguma coisa util?

O snr. Camillo, em duas pennadas, varre para o apanhador do cisco litterario, dois livros até hoje indispensaveis em qualquer lingua, e em nome dos quaes fallava a tal crítica abastardada em satyra e a tal satyra desbragada em insolencia: a Grammatica e a Arte de metrificar e compôr o verso.

* Mas o snr. Camillo nem ao menos se deu ao trabalho de cotejar o que fica transcripto com o que publicou adiante sete ou oito paginas o seu collaborador Delphim d'Almeida.

Pois dir-se-hiam talhados para o caso os seguintes periodos :

«São deveras tudo aquillo (as novellas de grandes combinações) uns taes safapateis litterarios chamados *romances d'enredo*. Estimular vivamente a curiosidade por meio de historias phantasticas é o fim a que poem mira, e para o conseguir desfeiteam corajosamente o bom senso, comtanto que seja isso necessario para a narração muito alabyrinthada de incidentes imprevistos.»

Mas que tem que seja desfeiteado o bom senso? O bom senso não tem nada com os livros destinados a esparecerem de graves occupações ou a ensinarem alguma coisa util ao sisudo leitor... que já leu periodicos francezes!

Não é assim?

* E prosegue o snr. Almeida, ainda com a mão na ferida :

«Tanto nas scenas como nas figuras, como em tudo não ha ahi que procurar naturalidade; as situações são quasi sempre estrambolicas, os caracteres d'uma extravagancia e desigualdade pasmosas, as paixões refinadamente absurdas, finalmente, se a taes livros falta o merito da boa linguagem ou do estylo, (e a quasi todos falta) não valem mais do que aquellas antiquissimas historias do Pedro Musart e do João Ratão, com que as mães e criadeiras entreteem as crianças.»

E que não valham!? Situações estrambolicas, paixões absurdas, caracteres impossiveis, linguagem mascavada, estylo desigual, que importa isso ao leitor sisudo, que já leu periodicos francezes, que se extasiou diante das resurreições de *Rocambole* e das scenas arripiantes do *Moulin Rouge*, que não quer saber quantos gallicismos escreveu o snr. Camillo nos seus livros e quantas offensas á grammatica fez o seu visinho, que lê no intento de esparecer de graves occupações ou de aprender alguma coisa util?

Viva o imbroglio disparatado, o anachronismo, o solecismo e o barbarismo (estylo de proclamação eleitoral)!

Abaixo com o bom senso, e a grammatica e a sã linguagem e tudo quanto seja impecilho para qualquer auctor de novellas esparecer o leitor sisudo... que já leu periodicos francezes!

* E tudo isto, porquê?

Porque o snr. Camillo, escriptor da melhor nota, foi accusado — com

as provas á vista—de ter levemente offendido o bom senso, a grammatica e a sã linguagem...

Consequencia :

Ámanhã um escriptor suez, d'estes que andam ás do chão, deita a lume um romance emaranhado, um aranzel em duzentas e cincoenta paginas com o triplo de blasphemias de toda a casta.

Ao outro dia um sujeito qualquer diz francamente pela imprensa, mas sem se desbragar, o que julga do livro, comprovando o que diz.

Resposta do auctor da obra.

«Ill.^{mo} snr.;

»Quem lê no intento de espaiecer de graves occupaões ou aprender alguma coisa util, não lhe atura decerto a pedagogica philaucia com que vem delatar aos contemporaneos e á posteridade que eu manquei tal e tal estrophe (se a producção é verso) — que eu fiz tal e tal personagem aleijado (se a producção é romance).

»Incluso remetto a v. uma declaração, da qual poderá vêr que o meu livro, apezar de todos os seus defeitos, conseguiu espaiecer mais de trinta leitores sisudos, que já leram periodicos francezes. Com ella devolvo a sua crítica degenerada em satyra.

De V.

O escriptor suez.»

E o homem terá razão.

E o crítico, o tal que disse a verdade e fez as diligencias por não se desbragar... metterá a viola no sacco — por honra da firma!

* Sem commentarios :

O «Jornal do Porto», que se préza de saber apartar em litteratura o trigo do joio, noticiando o apparecimento da gazeta em questão, lardea de gabos a parte do proemio que fica transcripta.

Não percebo.

* *

UMA QUESTÃO PORCA E UM ADVOGADO LIMPO :

Foi julgado aqui ha dias um rapaz que tinha roubado nem mais nem menos que dois porcos.

Ao menos accusavam-n'o d'isso.

Não entro na questão de, se, em verdade, o rapaz havia ou não feito o roubo alludido.

E' porca de mais a questão para lhe entrarmos no fundo.

Disse-se que o dono reconheceu os porcos.

Eu, se fosse advogado na questão, (isto não é querer ensinar o padre-nosso ao vigario) o que trataria d'indagar era se os porcos tinham reconhecido o dono.

E depois trataria do resto.

Coisa pequena, dirão; mas é nas coisas pequenas que um homem... se póde mostrar grande.

Ahi temos nós que o snr. advogado da defeza... sujeito que, pelos modos, está dando tempo ao officio, mostrou no interrogatorio das testemunhas um tacto especial.

* Dos meus apontamentos :

O advogado referido — (a um carreteiro, testemunha da accusação, que tinha conduzido os porcos d'uma aldeia visinha para o Porto, que nunca os tinha visto em antes, e que nunca mais os tornou a vêr, — havia sete mezes): — O' snr.^a testemunha; e lembra-se de que os cevados eram dois effectivamente?

A testemunha — Eram dois, sim, snr..

O advogado — E que signaes tinham, vamos a saber?

A testemunha — Os signaes... elle o que posso dizer é que eram dois cevados; quanto aos signaes... não reparei...

O advogado — (esganiçando a voz) — Pois o snr. conduz os cevados no seu carro... elles são entregues á sua salva-guarda... e não reparou nos signaes, que tinham?!... faz-me admirar!...

A testemunha — Não me lembra...

O advogado — (tomando nota para formular o argumento) — Estou satisfeito.

* Nova testemunha da accusação. Uma velha quasi mouca de 62 annos d'idade, que teve em caza os porcos por algumas horas, antes de serem conduzidos para o Porto.

O advogado — O' snr.^a testemunha; recorda-se dos signaes que tinham os cevados?

A testemunha — Se conhecia o dono dos cevados?

O advogado—(levantando a voz)—A snr.^a testemunha é mouca?

A testemunha—Se sou mouca? Não ouço bem d'este ouvido...

O advogado—(no mesmo tom)—E lembra-se que signaes tinham os cevados?

A testemunha—Os signaes? um lembra-me que era malhado, salvo seja, no lombo...

O advogado—E mais nada?

A testemunha—Que me lembre... não senhor.

O advogado—Quanto valeriam os porcos?

A testemunha—Se matariam os porcos?... Nanja que eu visse!

—Hilaridade no auditorio.—*O advogado* repete a pergunta elevando a voz.

A testemunha—V. S.^a desculpe, que eu não ouço bem d'este ouvido. Os porcos, snr., valeriam quatro moedas cada um.

O advogado—Então deveriam ser uns porcos monstros!

A testemunha—Não eram, não snr.; até para dizer direito era um porco e uma porca.

—Riso—

O advogado—Estou satisfeito.

* Testemunha de defeza. Um lavrador visinho do accusado:

O advogado—O' snr.^a testemunha; vocemecê conheceu o réu?

A testemunha—Que réu, snr.?

O advogado—(formalisado) — A testemunha responde ao que se lhe pergunta, e não faz a minima reflexão. Repito se conheceu este rapaz?

A testemunha—Este rapaz conheci muito bem.

O advogado—Ha que tempo?

A testemunha—Desde pequenito, snr.; conheço-o a elle e a toda a geração, não tem dúvida nenhuma; somos visinhos pegados...

O advogado—E foi sempre exemplar no seu comportamento?

A testemunha—Lá isso é que eu não posso dizer ao snr.. Nanja que me constasse.

O advogado—Pergunto se elle era bom rapaz. Se ninguem se tinha queixado...

A testemunha—Não, snr.; bom rapaz era elle; não tinha dúvida nenhuma.

O advogado—Em pequeno que fazia?

A testemunha — Elle em pequeno, snr., acompanhava o pai, que negociava, com o devido respeito, em cevados...

O advogado—E agora?

A testemunha—Antes de ser preso era pedreiro.

O advogado — Mas nunca teve transacção alguma com os cevados?

—Sorriso em alguns membros do jury—.

A testemunha—Que por lá constasse na freguezia, não, snr..

O advogado—Pergunto, se elle negociou algum dia em porcos, em cevados?

A testemunha—Não, snr., o pai é que negociou; não tem dúvida nenhuma.

O advogado—Estou satisfeito.

* Não rezam de mais os meus apontamentos. Falta-me o principal, o essencial, a oração do nobre defensor.

Que propriedade no termo! Que pathetico na phrase! Que fluencia no discurso!

Até aureolou o jury, de corôas immarcessiveis e diademas brilhantes...—para ouvir ler no fim a condemnação do réu!

Mas o discurso...! Vou aprender tachigraphia.

* *

MAIS UM QUE PROMETTE RECREAR-NOS :

Appareceu á luz o primeiro número d'um periodico litterario.

Diz no frontispicio :

TASSO

JORNAL LITTERARIO E RECREATIVO

Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

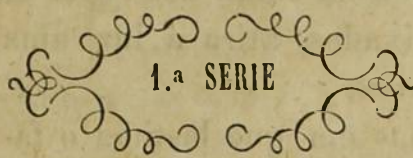
Recreativo é... simplicidade, *litterario* é... modestia, *jornal*, apparecendo apenas duas vezes por mez, é... tolice. |

Não transcrevo mais da nova publicação para não affligir algum leitor *sisudo*.

Por muitos annos e bons.

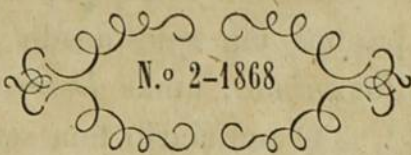
CSSF
56768

OS GAFANHOTOS



1.ª SERIE

REVISTA MENSAL



N.º 2-1868

ABRIL—

Os «Gafanhotos» e o noticiario—A casta Susana da imprensa—Um artista vagabundo—O snr. Camillo e os seus leitores sisudos—O D. João Tenorio em prospecto—Um alazão e um ginete—Os salvadores de Roma e das batatas—O balão d'oitto metros de diametro—Uma platêa... magistral—O snr. Vieira de Castro (Antonio) e a sua amizade fraternal—As cunhas do snr. Antonio Feliciano de Castilho—O chá e a bolacha... e a Assemblêa Portuense—O «Arco de Sant'Anna» e o «Commercio do Porto»—Um dente para três—Coisas e loisas do snr. Vieira de Castro (José)—Balzac e os editores—Uma gazeta modelo, *estudo de costumes litterarios no Perú*—A companhia nacional do theatro da rua dos Condes—Por não haver espaço—*Post-scriptum*: Brazileiros e paraguayos.

— * —

OS «GAFANHOTOS» E O NOTICIARIO :

O redactor dos «Gafanhotos» agradece cordealmente as palavras lisongeiras com que os seus collegas da imprensa periodica lhe saudaram a vinda a terreiro.

De tão distinctos personagens não tem a esperar senão attenções e obsequios.

Elle já os conhece ha muito, e foi por isso que não lhes estranhou a sovinaria de palavras a respeito da nova publicação, como de ha muito lhes não estranha a prodigalidade de sandices a respeito d'outras coisas.

E' certo que nem todos podem aspirar ás honras do noticiario.

Lá se um homem escorrega abaixo d'um passeio e bate com as ventas na columna d'um lampeão ;

Se um assignante, ou um indifferente, que póde vir a ser assignante, adoece ou vai a banhos para as Caldas ;

Se um individuo qualquer enguliu, ou tentou engulir duas caixas de phosphoros de páo;

Se um escriptor, d'estes que vão largar atraz da caixa dos typos os pannos em que desde meninos andavam enfaixados, atira á luz uma *Joanninha*, umas *Descrenças*, umas *Auroras boreaes*;

O noticiario tem sempre meia duzia de linhas em que lastima o facto do homem ter esbogachado os narizes, em que deseja melhoras ao assignante ou futuro assignante, em que sente o caso do suicida — que não chegou a comer os phosphoros, e em que dá os parabens ao mancebo —cujo talento desabrocha.

Para o que o noticiario não tem meia duzia de linhas nem meia duzia de palavras, ainda mesmo as da tarifa, é para escriptos da indole d'este;

Que não sabem guardar as conveniencias... nem desculpar-lhe as asnidades tolas.

E d'ahi?...—Paciencia... Faz muito bem o noticiario.

Ponha-se na sua posição... e deixe fallar quem falla.

* *

A CASTA SUSANA DA IMPRENSA :

O «Commercio do Porto» é um periodico virtuoso... é a vestal da imprensa dos tempos modernos.

Que não roce pelos seus ouvidos castos uma palavra—mal creada...

Que não topem os seus olhos com um espectáculo de moralidade equivooca.

Tem apenas contra si este innocente «Commercio»—morar na Ferraria de Baixo.

Mas póde morar onde quizer; o caso é não dar trela á visinhança, nem á gente de bigode e lunetas, que no geral não prova bem.

Brazileiros, esses, em tal caso...

* Como é sabido, os folhetins do «Commercio do Porto» são escolhidos, lidos e discutidos antes de publicados.

II. *Conscience* merece-lhe especial agrado.

Tambem não deixa de lhe servir o snr. Arnaldo Gama, ainda que de longe a longe se desmande um pouco nas descripções amorosas.

Paulo de Kock, Deus nos livre; esse... é que não.

O homem de moral estragada!

O escriptor de má nota!

O romancista de acontecimentos imprevistos, de burricadas e mo-
rendas no campo!

O auctor de *Ce monsieur*, d'*Un bon enfant* e de *La jeune fille du
Faubourg!*

Abrenuncio! Cruzes! nem por sombras! Para depois os pais de fa-
milia... que teem filhas para educar... prohibirem a leitura do periodico,
à noite, depois do chá!...

* Uma revelação, para a maior parte dos leitores do «Commercio
do Porto», é que lhes foi servido, não ha muito, em folhetins, um roman-
cinho de Paulo de Kock.

O romancinho não era immoral, era apenas engraçado.

Mas o nome do auctor, só por si, á frente da traducção, era uma
tremenda immoralidade!...

Pois então vá a historia como obra de auctor desconhecido... Paulo
de Kock não lê por certo os folhetins do «Commercio do Porto»...

E em folhetins do «Commercio» lá veio o «Mestre-escóla de Coube-
ron»... como do punho d'um escriptor anonymo...

Ah! Molière! Molière! Quem me déra aqui a tua penna de pato!
Como eu havia de escrever os «Tartufos da imprensa»!...

* *

UM ARTISTA VAGABUNDO:

No outro dia veio-me por acaso ás mãos um periodico de Ponta
Delgada chamado *A Persuasão*.

Em folhetim estreava-se um individuo chamado Jardim.

Abria d'esta sorte:

«Eu sou o vagabundo da arte...»

Não quiz lêr para diante. Fica mal a um homem travar conheci-
mento com certos individuos mal conceituados... especialmente quando
fazem gala do máo conceito, que merecem ás pessoas graves.

O que é de veras para lastimar é que a arte não tenha ainda uma caza de correcção para os seus vagabundos.

A medida urge.

* *

O SNR. CAMILLO E OS SEUS LEITORES SISUDOS :

E' ainda questão do prologo da «Gazeta Litteraria do Porto» do snr. Camillo Castello Branco.

Dois dias depois de distribuido o primeiro numero dos «Gafanhotos» veiu-me dirigida a seguinte carta:

Snr. redactor

Não me conhece nem precisa de me conhecer. Li o que dizia respeito ás «Observações críticas do nosso primeiro romancista» e achei que não havia em tudo muitas asneiras. Muitas, contando com as observações críticas d'elle.

Ora convém que v. saiba que eu sou um leitor sisudo,

E que leio periodicos francezes...

... para me recrear, e tambem para aprender alguma coisa util. Como tal assignei, e para tal fim tenho lido a gazeta em questão. E não lhe minto se disser que tirante dois ou tres artigos, e apezar das fumaças d'ella, ainda não topei do seu redactor coisa que valesse dez minutos de leitura.

Do que duvidarão é da minha sisudez...

Peço licença para dizer que nunca me ri durante a mastigação dos guisados que o snr. Camillo tem servido aos seus freguezes da meza redonda.

Mas se isto não é bastante, eu então desejava saber qual a craveira por que se ha de medir o gráo de seriedade de cada leitor de gazetas litterarias.

No que tenho assentado ha muito é que o nosso primeiro romancista, com grande mágoa de todos, está passando por uma notavel metamorphose. Depois de o termos conhecido larva, crysalida e borboleta... vamos enconral-o gosano.

Os dados que tenho para julgar isto, além dos artigos da gazeta, *Noticias do Porto antigo*, *Carta ácerca da morte de Clemente XIV*, *O Castello de S. João da Foz*, *Ácerca dos jesuitas*, *A meza mysteriosa*, etc., são «Cavar em ruinas», e o «Senhor dos Passos de Ninães».

«Cavar em ruínas» é um rosario de bernardices, apanhadas em livros mofentos, que a traça respeitou, não sei porque justificados motivos. A traça é o juiz mais imparcial, em assumptos litterarios, de quantos se teem apresentado ahi a despachar limbo e posteridade a torto e a direito; executor e juiz a um tempo.

O «Senhor dos Passos de Ninães», essa então é uma historia muito curiosa, em que o auctor... para não parar a um terço do caminho, se vê obrigado a marchar no mesmo terreno.

Agora, para acabar, o que desejava era que, no proximo numero dos «Gafanhotos», v. fizesse comprehender ao redactor da notavel publicação a conveniencia de marcar, por qualquer modo, os artigos especialmente destinados a ensinarem alguma coisa util ou a espairecerem das suas graves occupaões o leitor sisudo... que já leu periodicos francezes.

D'este modo—e desprezada a maledicencia como esteril — bem merecerá de muitos individuos, cuja sisudez é duvidosa, depois que veiu á luz da publicidade o prologo da «Gazeta Litteraria do Porto».

Um gafanhoteiro.

* A redacção dos «Gafanhotos» cuida ter satisfeito ao pedido justissimo do seu correspondente anonymo, publicando na sua integra a carta que lhe foi remettida.

A questão sujeita não é, como superficialmente se poderá julgar, de somenos importancia. E' ponderosa, é grave; que sei eu? é gravissima e ponderosissima; porque n'ella anda empenhado o bom nome de muitos homens serios... que ainda leem periodicos francezes.

Em attenção ao quê, espero que o snr. Camillo terá na devida conta o pedido feito na carta supra.

E R. M.

* *

O D. JOÃO TENORIO EM PROSPECTO :

Não averigui se a «Bibliotheca dos Dois Mundos», titulo porque se faz conhecer uma serie de traducções mais ou menos livres de romances hespanhoes e francezes, deu começo á versão d'um novo romance, composição tetrica e fabulosa, intitulada *D. João Tenorio*; o que lhes

posso afiançar é que se espalharam prospectos á farta para esta publicação e de que tenho um em meu poder.

* Entre parenthesis :

Pois ainda ha quem leia traducções do hespanhol e do francez?!

Ha. Que o digam por mim esse formigueiro de traductores na maioria, alvares, que largam nos bancos da aula o filho de Ulysses para se lançarem com furia ao primeiro livro de Ponson du Terrail, ou de Xavier de Montepin.

Aquillo é um despachar de volumes e de tolices (as tolices nos volumes) para todos os cantos do reino e para o Brazil, que Deus nos acuda.

Em conclusão, ainda ha quem leia traducções do hespanhol e do francez.

* Vamos ao que importa, ao *D. João Tenorio*.

A obra é do snr. D. Manoel Fernandes y Gonzaga; a versão é d'um escriptor novel, o snr. Alfredo de Sarmiento, que dá conta do quanto é capaz, n'um discurso original, que fórma a parte mais curiosa do prospecto.

N'esse discurso explica o traductor quem seja o heroe do romance hespanhol.

E' a amostra do panno.

Leiam, mas como se devem lêr os escriptos da força d'este; com entono e suas pausas pelo meio.

* Principia... a modo de quem se espanta :

«D. João Tenorio! Nome que em si resume uma epopéa de quanto ha de maravilhoso e de fatidico, de phantastico e voluptuoso, de monstruoso e sobre-natural! (Vozes de pasmo ao longe:—Ah!.....)

»Amores puros, suaves, emanação da alma da virgem, que abre os castos seios ao perfume enebriante de dulcissimos affectos!

»Desejos freneticos que queimam e matam, abrasando-se na chamma impura que os ateia! (Vozes d'incrédulidade ao longe:—Eh!.....)

»Crimes monstruosos! Vinganças inauditas! O ferro, a morte, o exterminio; e, por sobre este quadro lugubre e sombrio, as solemnidades tetricas e pavorosas dos autos de fé, illuminadas pelas chammas sinistras e medonhas das fogueiras do Santo Officio! (Vozes d'espanto ao longe:—Ih!...)

»D. João Tenorio! O cavalleiro por excellencia! O amator irresistivel; o fidalgo altivo e orgulhoso, ora suspirando amores, terno, mavioso, apaixonado; ora vingando affrontas, arrojado, embravecido, destruidor! (Vozes d'assombro ao longe:—Oh!...)

»D. João Tenorio! Ultimo descendente d'uma raça maldita! Symbolo da fatalidade, semeando na sua passagem a desgraça, a dôr, a infamia e a morte! Sorrindo á felicidade; buscando-a ancioso no turbilhão da vida, e sempre o destino a precipital-o no abysmo insondavel das paixões criminosas! (Vozes de medo ao longe—Uh!...)

»Desafiando a morte! Lutando com os cadaveres, procurando apagar a estrella fatal que lhe presidira á sua entrada no mundo, e vencido na luta, com a morte na alma e o coração despedaçado, buscando na penitencia do claustro a paz e o remanso, que o mundo lhe negára! (Ah! Eh! Ih!...)

»E' este o heroe, cuja vida constitue a parte principal do presente romance. Rico em descripções e scenas d'interesse palpitante, D. João Tenorio conta já, no original, quatro edições. (Oh! Uh!...)

»E' este o seu maior elogio. Publicando-o, traduzido, a empreza da «Bibliotheca dos Dois Mundos» julga prestar um bom serviço aos seus assignantes.»

* E continúa ainda publicando o titulo dos capitulos da obra.

Para massada já basta.

O juizo a respeito da Bibliotheca-editora, mais do snr. Sarmiento, mais do snr. João Tenorio, mais do livro está já feito.

A «Bibliotheca dos Dois Mundos» é o modelo das bibliothecas do melhor dos mundos possiveis; o snr. Alfredo de Sarmiento (o *de* afigura-se me pouco euphónico) é um escriptor de pulmões e força muito para aproveitar; D. João Tenorio é o diabo em figura de gente, e o romance uma coisa sem nome, para não lhe chamar uma parvoíce.

Todavia, «publicando-o traduzido a «Bibliotheca dos Dois Mundos» julga prestar um bom serviço aos seus assignantes»...

* *

UM ALASÃO E UM GINETE:

A proposito de traducções do hespanhol, ahi vai um trecho d'uma,

que por ahí corre, da «Maria, a Filha d'um jornaleiro», romance do snr. D. Wenceslao de Izco.

O traductor é anonymo. A obra é adornada de estampas.

Maria segue n'uma carruagem com a marquezia de Turbas-aguas ao lado:

«Ao passar a ponte de Segovia—diz o traductor—um galhardo ginete montado n'um fogoso alazão quiz cumprimentar a formosa Maria. Com este movimento assustou-se o corcel, deu um salto de carneiro e desapareceu desbocado.»

Isto não é tão original como parece. Nós também por cá temos bastantes ginetes, que andam a passear por essas ruas montados em alazões...

* *

OS SALVADORES DE ROMA E DAS BATATAS:

O mez passado foi o mez dos *meetings*.

A cada canto havia um ajuntamento eleitoral e de cada canto nos surgia um Demosthenes de cabello para a testa a clamar ás turbas em linguagem muito d'ellas e só d'ellas.

Era o direito da reunião e da livre expressão do pensamento.

Era a liberdade da palavra e da asneira!

N'isto, como em quasi tudo, a asneira não abandonava a palavra. Nascia com ella... e com ella morria felizmente.

E os oradores a receberem novo gaz nos bravos e acclamações dos ouvintes.

E as Cassandras da imprensa a chorarem sobre o futuro da patria... se não vai a S. Bento quem ellas propoem!

E a patria a olhar para estas coisas com um sorriso todo cheio da philosophia d'aquelle dito popular: — Quem não vos conhecer que vos compre.

E os estranhos, e os «Gafanhotos» a ouvirem o vozear dos oradores e o soluçar das Cassandras, e a comprehenderem o sorriso da patria... agonisante, e a repetirem com ella no mesmo sorriso: — Quem não vos conhecer que vos compre.

* E vozeava d'aqui, de sobre uma cadeira de pinho, um orador popular empenhado na salvação da républica:

—Meus snrs.! Se está ahí algum José Pelycarpo (o nome do candidato contrario)—que o diga! que não ha gente mais reles nem mais estúpida do que essa gente infame, que não quer senão a desgraça dos artistas em géral! que são peores do que o outro que vendeu a Nosso Senhor, porque nos andam a enganar, com palavras doces e com quarti-
lhos de vinho, como se fossemos alguns bebados, que não tivessemos aquella de dizer: a nossa listra é esta; havemos de votar, mas ha de ser por quem fôr do nosso gosto! (*Apoiados; depois de ter passado as costas da mão pelos beiços*)—Torno a repetir; se está ahí algum José Pelycarpo, que saia, que eu bem sei que elles andam a metter-se para ver se d'esta vez levam ao parlamento o homem que ainda nos ha de fazer desgraçados se lá vai! um homem, que, não é preciso dizer mais nada, mas emquanto precisa de nós anda de chapéo na mão a fallar com todos, e depois que se pilha no puleiro faz a vista grossa e passe por lá muito bem! (*Bravo! apoiados.*)

Um artista—O que elle quer é encher a barriga! (*palmas e gargalhadas*).

O orador—(*pegando na palavra*) Quer encher a barriga e não é só elle, mas são todos os que trabalham por elle, que são uns comedores e uns desavergonhados, que protestaram de nos tirar a camiza do corpo! (*mudando de tom*) Mas não se trata agora de saber quem é o nosso inimigo...

Uma voz—(*que passa desapercibida*) É o official do teu officio!

O orador—(*continuando*)... O que se trata é de levar ás camaras um homem que este saiba dizer áquelles tratantes que só pensam em comer e botar tributos ao povo, e mais nada: Arre p'ra ali; quem manda somos nós!—(*Apoiados*) E esse homem já todos sabem quem elle é... por dois motivos: primeiro, porque já mostrou quem era em outras occasiões; segundo, porque se põe no seu logar, e terceiro porque não é capaz de dizer hoje uma coisa e ir p'ra lá e fazer outra. (*Muito bem—palmas*). Isto é o que eu entendo, e tudo mais são historias. Por conseguinte vou levantar um viva.—(*Tirando o bonet*) Viva o nosso deputado o Ill.^{mo} Snr. José Pereira!

Todos—Viva!

O orador—(*pondo o bonet e descendo da cadeira*) Não tenho mais que dizer. (*Palmas*).

* E clamava para outra banda, já rouco e ebrio—do santo amor da patria, de pé, sobre uns barrotes, um novo salvador :

—Pois que vem cá a ser um deputado que não é capaz de dizermos agora : o povo precisa d'isto? pois então vamos fazer-lhe a vontade. O que elle quer bem sei eu! Olhem que não quer o bem do artista! é mas é ver se chega a ministro ou outra coisa, e depois de lá estar, fazer como os mais! (*Apoiados*) Eu não digo por uma via que o snr. José Pereira não seja agora de todo em todo merecedor d'ir ás camaras, porque emfim não me parece máo homem de dizermos agora : podes tratar d'outro officio! o que eu digo, e ninguem póde dizer que não, é que está muito longe por uma via, de chegar ao snr. José Pelycarpo, que tem estudos e sabe dizer duas palavras aonde chega. — (*Muito bem. Apoiados*) Eu vejo por estes applausos que me dão, que está no pensamento de todos de dizermos agora : quem ha de ir ha de ser o snr. José Pelycarpo, não é por mais nada, mas porque sabe occupar a sua posição como ninguem. O que mais custa a acreditar é que n'uma terra civilisada andem por ahi a prégar certas doutrinas a favor do snr. José Pereira, que são falsas, porque nem sabem o que dizem... (*apoiados*).

Uma voz de stentor—Andam a enganar o povo!

O orador—Por conseguinte, eu não quero dizer por uma via que o snr. José Pereira não deve ir ás camaras, de dizermos agora : quem não te conhecer que te compre, mas só porque o nosso candidato está mais habilitado, e por isso não deve ficar de fóra e o outro de dentro!... (*pausa ; com energia e convicção*) Eu bem sei por uma via que sou um bruto, e que não tenho talentos nenhuns de dizermos agora : podes fallar, porque tens aquella de poderes fazer a tua oração em diante d'um publico ; mas eu cá entendo que um homem não precisa d'ir a Coimbra p'ra escarrar o que pensa na cara de quaesquer e pôr as coisas no seu lugar! (*apoiados freneticos*). Eu, se acho que deve ir ás camaras o snr. José Pelycarpo em vez do snr. José Pereira é porque entendo que deve dar mais conta do recado por uma via do que o outro, que não tem peito de dizermos agora, p'ra fallar com todos os pontos e virgulas a favor dos artistas e do povo! (*Bravos ; o orador completamente rouco :*) Por conseguinte... Viva o snr. José Pelycarpo! Viva!

Os presentes :—Viva!

* A eloquencia dos nossos tribunos, pelo tempo das ultimas elei-

ções, orçava por o que fica esboçado nas duas peças oratorias que se acabam' de lêr.

O molde em que d'ordinario ella se fundia era este; fazia-se mesmo preciso que fosse este. Outro qualquer não era popular.

* E ullulavam as Cassandras de cabellos desgrenhados e lagrima crystallina suspensa das pestanas :

—Cidadãos! Ha muito que Portugal caminha a passos agigantados para o abysmo! E quem sabe se amanhã depois d'um somno pacifico, o despertar não será horrivel, como o do condemnado á pena ultima no dia do supplicio?... Quem nos diz a nós que o latego da ignominia nos não tem de ferir nas faces, ao soar a trombeta da morte da nossa autonomia?! Cidadãos! o momento solemne em que se vai jogar n'uma votação, o futuro da patria gloriosa dos Joões de Castro e dos Affonsos d'Albuquerque, está proximo! a hora fatal vai soar! attentai bem na escolha de representantes, que depois não ha retroceder! Cidadãos! É de vós que depende a nossa desdita ou o raiar de nova aurora de felicidade, mais brilhante que nunca! Cidadãos!... A' urna pelo benemerito candidato — o snr. José Pereira!

E outras Cassandras de cabellos não menos desgrenhados e lagrima não menos crystalina suspensa das pestanas, soluçavam :

—Eleitores! Estendei a vossa vista pela planicie revolta dos mares! Ao longe una ponderosa não voga sem rumo nem pilotos, á mercê do vento e das ondas furiosas! Os mastros partidos, o casco arrombado, o leme impotente e um grito de horror, um grito de agonia, despedido por toda a tripulação, a fender os ares, onde rue a trovoada ameaçadora! E logo, talvez cedo, a morte inevitavel, ingloria! Eleitores! qual de vós não seria assaz ousado para salvar aquelles infelizes, que terão o abysmo por sepultura? — Pois bem! Essa ponderosa não é a não do Estado. A tripulação, que dentro em pouco desaparecerá com ella, somos nós! Eleitores! na vossa mão está salvardes a patria do naufragio que promete engolil-a impreterivelmente, a ella e a nós todos! Eleitores! não hesiteis um momento! á urna pelo snr. José Polycarpo!

* E a patria a olhar para estas coisas com um sorriso todo cheio d'a philosophia d'aquelle dito popular: — Quem não vos conhecer que vos compre.

E os estranhos, e os «Gafanhotos» a ouvirem o vozear dos oradores e o soluçar das Cassandras, e a comprehenderem o sorriso da patria... agonisante, e a repetirem com ella no mesmo sorriso:—Quem não vos conhecer... que vos compre.

* *

O BALÃO D'OITO METROS DE DIAMETRO:

A empresa Bournay & Guichard, desde que tomou a seu cargo a direcção do Palacio de Crystal Portuense tem dado boa conta de si.

Os divertimentos succedem-se variados e baratos... que não ha mãos a medir.

Depois das rusgas carnavalescas deu-nos a ascensão d'um balão de papel e a magica «Os sete castellos do Diabo»...

Antes d'isso tinha-nos dado bailes de mascaras esplendidamente illuminados... a *meia-força*, e representações dramaticas tambem a *meia-força*, não menos esplendidas e não menos illuminadas, — o Pedro Sem e a D. Ignez de Castro.

E' verdade. A inauguração da empresa foi com a tragedia a — D. Ignez de Castro...

* Ora... diziam assim os cartazes annunciando a ascensão aerostatica:

Palacio de Crystal

Domingo 8 de Março

Musica nos jardins á 1 hora da tarde.

Ás cinco horas (se o tempo o permittir). Ascensão de um grande balão de oito metros de diametro, «sob» a direcção de seu auctor, mr. Lefebre.

Este balão será elevado por um processo novo, que offerece toda a segurança de não haver perigo d'incendio, e lançará no ar uns paraquedas, em cada um dos quaes haverá um premio, «que ficará pertencendo á pessoa que o apanhar.»

A ascensão do balão, «sob» a direcção do tal mr. Lefebre, auctor do dito, effectuou-se... porque o tempo e o vento o consentiram.

O balão era de papel;

O processo novo porque foi elevado e que offerece toda a seguran-

ça, etc., ao que pôde alguém averiguar, consiste na substituição do antigo fogareiro com trapos molhados em agua raz, por uma esponja ensopada em alcool;

Os para-quédas...

Quanto aos para-quédas, houve quem os visse cada qual com o seu lenço de seda de cruzado, mas foi nas mãos d'um dos empregados da caza. Pelos modos o tempo e o vento não consentiram que o balão de oito metros de diametro, cumprisse a parte do programma, que rezava:

«... e lançará no ar...» etc..

Ainda assim... *com tudo isso...* foi uma tarde agradavelmente passada.

* *

UMA PLATÊA... MAGISTRAL:

Um periodico popular noticiando a maneira por que foi acolhida em Lisboa, a opera do snr. Noronha, começa d'esta fórma:

«O «Arco de Sant'Anna», foi *magistralmente* applaudido pela platêa de S. Carlos.»

E' quanto basta.

* *

O SNR. VIEIRA DE CASTRO (ANTONIO), E A SUA AMISADE FRATERNAL:

Já ninguém falla em eleições.

Ainda bem.

Se ficam adiadas, por ultimo, eram mais os candidatos do que os eleitores.

Uma freima assim!

* Pela Maia propoz-se... mas não ficou eleito, o antigo deputado por Fafe, o snr. José Cardoso Vieira de Castro...

«... o antigo deputado por Fafe», notem bem.

Mas porque foi que o snr. Vieira, o dilecto de Fafe e dos fafenses, virou assim as costas á villa antiga e sempre leal?

Por amor á verdade seja dito:— A villa antiga e sempre leal foi que virou as costas ao seu dilecto, o snr. Vieira.

Pelos modos, este snr. cahiu na innocencia de se declarar maçon em um manifesto, que mandou para a localidade; e os padres ergueram os olhos piedosos para o céo e clamaram

Horror! horror! horror!

como Shakspeare, e o seu adversario pegou do hyssope e da caldeirinha por sua conta, e atirou-lhe com tudo á cara, dizendo estas palavras demonifugas:—*Vade retrò, satanaz!*

O caso é que o maçon deixou de se propôr a deputado por aquelle importantissimo círculo de Fafe, para se apresentar candidato pela Maia.

* Ora agora — já que temos entrado em indagações, como lhe deu para se apresentar candidato a deputado pela Maia?

Vamos ver:

Para o «Jornal do Commercio», n'uma correspondencia do Porto, com a data de 8 de Março — quando tudo ainda era azul e côr de rosa para todos — escreveu o snr. Rodrigues de Freitas o seguinte, que não deixa de ser engraçado:

«Pelo círculo da Maia propõe-se o snr. Vieira de Castro (José), a favor do qual cedeu seu irmão Antonio; este cavalheiro tinha já os trabalhos *muito adiantados e bem dirigidos*; praticou um acto, pelo qual provou comprehender a amizade fraternal, e não perde em adiar a sua entrada na camara, é ainda novo; e melhor lhe é robustecer a sua bella intelligencia com estudos proveitosos, do que sujeitar-se a um longo tirocinio parlamentar.»

Como isto é succulento...

... e moralizador!...

Como se diz tanta coisa...

... em tão poucas palavras!...

Porque nós, por estas seis linhas, vimos no conhecimento:

—De que o snr. Vieira de Castro (Antonio) se propunha a deputado pela Maia;

De que s. s.^a tinha os trabalhos bem dirigidos e muito adiantados;

De que cedeu a sua candidatura no seu mano, o snr. Vieira de Castro (José);

O qual não teve animo de a recusar;

De que o mano Antonio praticou um acto pelo qual provou comprehender a amisade fraternal...

De que s. s.^a não perde por adiar a sua entrada na camara...

De que é ainda novo...

E de que melhor lhe é robustecer a sua bella intelligencia com estudos proveitosos... como, por exemplo, traduzindo livros do francez, do que sujeitar-se a um tirocinio... parlamentar...—

O illustrado correspondente do «Jornal do Commercio» estava nas melhores disposições d'espírito, quando lavrou esta parte do seu artigo.

A dizer a verdade ninguem suppunha que o snr. Vieira de Castro (Antonio), cedendo a sua candidatura pela Maia, ao seu mano, o snr. Vieira de Castro (José), na impossibilidade d'este ultimo ser eleito por Fafe... dava uma prova de que sabia comprehender a amisade fraternal....

Creio até que elle mesmo, ao praticar tão meritoria acção... não suppunha isso...

A pena foi os eleitores não lh'a segundarem... elegendo-o.

Où l'amitié fraternelle... va-t'elle se nicher!...

* *Nota-bene*—O manifesto publicado no primeiro número dos «Gafanhotos», em que o digno candidato pedia aos eleitores «que se escolhesse homem do nosso concelho», era assignado pelo snr. Vieira de Castro (Antonio).

O concelho não era o de Milheirós, mas o da Maia.

* *

AS CUNHAS DO SNR. ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO:

Amigo redactor:

Achou v. boa a traducção das *Femmes savantes* do snr. Antonio Feliciano de Castilho, ao que disse no primeiro número dos seus «Gafanhotos», fallando da «Gazeta litteraria do Porto», e não serei eu quem venha pôr pechas á obra do mestre de nós todos — como está agora em uso dizer-se de qualquer litterato em voga; e de mais a mais, eu que nunca fiz um verso, nem compuz um romance, nem martellei um folhetim, nem sequer escrevi um necrologio... a pedido.

O que, tudo junto, não me tira o direito de lhe dizer, aqui muito á puridade, que estranhei—logo na primeira scena da traducção referida, umas certas *cunhas*, improprias do nome e credits de versista consummado em que todos temos o traductor da comedia de Molière.

* Não vou mais longe. Quasi no principio da scena, com que abre o primeiro acto, no dialogo entre Laura, a sabichona, e Henriqueta, a irmã prosaica e namorada, que suspira por casar-se, tropéço n'isto:

Henriqueta

.....
 As nossas bisavós
 casaram; nossas mães casaram; nós por tanto,
 vamos tambem casando.

Laura

Até me infunde espanto
 que possa haver mulher tão falta d'ideal,
 que antolhe sem horror...

Henriqueta

Sou muito terreal...
 que lhe quer? o casar agrada-me não nego.

Laura

Agrada-lhe!

Henriqueta

E até muito.

Laura

Agrada-lhe?! t'arrenego!

Henriqueta

Elle é tão natural! tão santo!

Laura

Justos céos!

Henriqueta

Chego até a pasmar d'ouvir taes escarceos!

.....

Ora, sem querer notar manchas no sol, e com o devido respeito,

não lhe parece que, n'este ponto, o snr. Antonio Feliciano de Castilho, o mestre de nós todos, foi um pouco infeliz?

Com franqueza, eu acho que sim.

UM OBSCURO.

* E eu tambem.

O REDACTOR.

* *

O CHÁ E A BOLACHA... E A ASSEMBLÊA PORTUENSE:

Ha no Porto uma caza, onde alguns individuos pacatos e bem morigerados, se reúnem ás noites a tomar chá, a discutir altas e baixas de fundos, e a jogar a bisca a feijões.

A casa é a da Assemblêa Portuense; os individuos bem morigerados são os socios da mesma assemblêa.

Vai depois, corria tudo na melhor ordem, quando uma noite apparece um homem de feições consternadas a clamar por toda ella:

—Que é isto, meus snrs.?! Tomais placidamente o vosso chá, comeis a vossa bolacha, quando o estado financeiro da caza está aconselhando economias? E amanhã quem vos ha de salvar, quando não houver cinco reis de fundo?

Este homem era o thesoureiro. Mais acalmado, proseguiu:

—Vós sabeis, meus snrs., «qual o estado desvantajoso da caza com referencia aos seus socios, pois que as prestações d'estes, por o seu numero bastante diminuto, são insufficientes para fazer face ás despezas»; que «por esse motivo é a falta do baile annual, unica regalia que esta Assemblêa dá aos socios que a não frequentam e aqui veem duas ou tres vezes no anno, sendo esta parte, dous terços, os verdadeiros socios benemeritos da caza, e por consequencia aquelles aos quaes se deveria caprichar o não faltar com aquelle goso»! Eu não quero com isto, «levantar dissidencias nem offender susceptibilidades»; o que pretendo é que «mediteis n'aquillo que mais convém á sustentação e prosperidade d'esta sociedade recreativa». Um alvitre, meus snrs.! supprimi o chá e a bolacha... e a patria será salva!

Fallou o homem.

E os socios, que tinham suspendido, por delicadeza com o orador, o

trabalho das mandibulas, continuaram na mastigação da bolacha, e no uso da *agua morna com assucar...*

Veremos agora!...

* *

O «ARCO DE SANT'ANNA» E O «COMMERCIO DO PORTO»:

Devem lembrar-se de que em principios do anno passado foi á scena, aqui no theatro de S. João o «Arco de Sant'Anna», opera do snr. Noronha.

A opera agradou muito; os espectadores applaudiram, no compositor portuguez, que se abalançara a tamanho arrojo, o merecimento incontestavel da composição.

Ao menos, criam isso.

Engano.

O «Commercio do Porto» foi que lhes veio tirar as cataratas dos olhos e pôr em pratos limpos o motivo, que levou o público a applaudir a opera,— e que elle era o primeiro a ignorar.

É de saber que sendo a divisa da folha alludida—o elogio—, na mais lata expressão do termo, d'esta vez desprezou todas as conveniencias, arrostou com todas as malquerenças, para *fallar verdade*.

Ahi tem, palavra por palavra, o que disse o «Commercio»... com C grande, a respeito do snr. Noronha, em Janeiro de 1867, depois de ter tocado no modo por que se portára cada actor:

«Com a nova opera do snr. Noronha na scena do theatro de S. João estão cumpridos os desejos d'este artista e tambem d'aquelles, que, talvez, por espirito de patriotismo, até certo ponto louvavel, procuraram enseo d'ouvir uma composição escripta por um portuguez e inspirada além d'isto, n'um drama (talvez quizesse dizer—n'um romance) cuja acção é passada no Porto.

»São estes, segundo nos parece, os principaes, senão os unicos, merecimentos da opera, que tornam justificavel aquelle empenho.»

A insinuação é vil e covarde, porque não offerece meio algum de defeza e n'esse intento é que foi dirigida.

Ao compositor portuguez, ao applaudido e laborioso artista, n'esta conjunctura, restavam-lhe apenas dois meios de desforra á escolha: ou descer, até grudar com pez, na testa do gazeteiro alarve, a sua obra

d'elle, gazeteiro, o que não lhe era muito airoso, ou deixar ladrar o mastim á vontade. Optou por este meio e ainda bem.

Agora chega-nos de Lisboa a noticia de que a opera, que o público do theatro de S. João applaudiu por patriotismo e por ser «inspirada n'um drama cuja acção é passada no Porto» tem recebido grandes ovações na capital.

Da correspondencia de Lisboa do mesmo «Commercio do Porto» de 24 ultimo aproveito o seguinte:

«Tem continuado a ter extrepitosissimas ovações o snr. Noronha na segunda e terceira representação da sua opera o «Arco de Sant'Anna».

»Ha muito tempo que nos theatros de Lisboa não tem havido noites de tanto entusiasmo como n'estas ultimas em que se tem cantado a opera do distincto filho de Guimarães.»

Não é preciso mais nada. Façam o favor de comparar isto com o que fica transcripto acima... e dizer-me depois se ao tal do «Commercio do Porto», que viu nos applausos da platêa do theatro de S. João unicamente «espírito de patriotismo» não era bem que se lhe esfregassem os narizes na immundicie com que pretendeu sujar uma reputação alcançada pelo talento, pelo trabalho e pelo estudo.

Ha individuos para quem é summa gloria escrever-se isto d'elles... porque não podem aspirar a outra.

Mas no caso sujeito não cabe toda ao auctor da torpe insinuação. Tem s. s.^a de a repartir com a gazeta que lhe perfilhou o vomito e o admittiui nas suas columnas.

Avenham-se lá.

* *

UM DENTE PARA TRES:

Á falta d'assumpto, para encher o espaço ao seu dispôr, deu-nos o correspondente de Lisboa do «Jornal do Porto», em um dos dias do mez findo a relação das peças approvadas pela censura dramatica em 1867.

Julgava eu, e commigo julgavam outras pessoas, que tinha acabado entre nós a censura dramatica, especialmente depois que o Gymnasio, no anno passado, nos apresentou como obras-primas, abonando-se com repetições consecutivas na capital, peças da mais fastidiente semsaboria, do mais negativo merecimento litterario e da mais crassa immoralidade.

Recordemos o *Supplicio d'um homem*, comedia em tres actos, *A ordem é resonar*, comedia n'um acto, e *Luz e sombras*, drama em cinco actos.

Felizmente, a censura não acabou, mas infelizmente é como se a não houvesse.

Á platêa competia fazer justiça; mas nós estamos a vêr diariamente que a maioria das nossas platêas está ainda abaixo das censuras dramaticas e de tudo quanto ahi se apresenta a despejar sandices, imprimindo-lhes a fórma de comedia em um, dous, ou mais actos.

Isto, n'este nosso paiz, é um louvar a Deus!

* Mas fallava eu da relação das peças approvadas pela censura dramatica em 1867.

Ora, o leitor dos «Gafanhotos» está lembrado de ter visto em scena, pela companhia do Gymnasio uma producção d'auctor anonymo, *O dente do siso?*

Eu estou, e até indaguei de balde o nome do consciencioso dramaturgo, que, não tendo pejo de atirar com aquillo para a scena, teve a precisa modestia para se esconder por de traz do annuncio da quarta pagina dos periodicos.

Pois hoje vou encontrar na indicada relação das peças approvadas pela censura para o theatro, mais de um auctor para aquella comedia. A obra é merecedora d'isso.

N'uma parte da relação, vem:

«*O dente do siso*», comedia em um acto, imitação de Manoel Roussado...» (Os meus parabens...)

E n'outra parte:

«*O dente do siso*», comedia em um acto, imitação de R. de Lima e E. Ferraz...» (Não conheço...)

Ambas as comedias foram revistas e approvadas pela censura; pois nem ao menos lhe tocou a paridade do titulo!

A dizer o que julgo, a coisa afigura-se-me um pouco... ratorna.

Mas, pondo de parte considerações e reticencias, pergunta-se:

—O dente do siso do snr. Manoel Roussado e o dente do siso dos outros dois senhores, é ou não, um e o mesmo dente?

Isto queria eu averiguar... já que o não pôde fazer, a censura of-

ficial, cujo unico mister é pôr o *visto*—com os olhos fechados, para não a acoimarem de apaixonada—nos manuscriptos que *sobem* até ella.

Que dizem?

* *

COISAS E LOISAS DO SNR. VIEIRA DE CASTRO (JOSÉ):

Já sabem que o snr. José Cardoso Vieira de Castro não sahiu deputado ás côrtes, pelo circulo da Maia... graças á amisade fraternal de seu irmão Antonio.

Mas o que talvez não saibam é que s. ex.^a, n'uma hora de desfas-tio, e quando tinha apenas em S. Bento um modesto logar d'espectador nas galerias, escarrou chascos e improperios d'almocreve nos individuos, a quem se foi juntar, mal o deixaram, e a quem não o deixaram agora juntar-se.

Estes chascos e improperios vou eu encontral-os a pag. 191 da primeira edição da noticia da vida e obras de Camillo Castello Branco, e mais correctas a pag. 164 da segunda edição do mesmo livro, pelo ex-deputado por Fafe.

Ao alto juizo do snr. Vieira de Castro (Antonio), que tão bem mostrou comprehender a amisade fraternal... adiando a sua entrada na cama-ra—offereço os seguintes excerptos, collidos do livro de seu mano, o snr. Vieira de Castro (José):

* 1.º *excerpto*: — Com alguns sujeitos assiste o illustre auctor de «Uma pagina da Universidade», á salvação da patria *por um Guizot de saragoça*.

O tal era Guizot de saragoça, porque chamava as coisas pelo seu nome e não usava de rodeios para isso. Talvez fosse Guizot d'outro estofa, superior em qualidade, se desatasse os odres da sua eloquencia por chamar selvagem ao sol, ás estrellas e aos aereolithes.

«Era bonito vê-lo, o tal Guizot! não o retrato, porque não sei de tintas que valham a tanto; o camaleão seria uma pallida imagem das variantes d'aquella cara, aonde, como já disse, a patria se salvava... o viajante perdido tambem se saiva nas costas de um camello.»

O gracejo é delicado. Adivinha-se no auctor d'estas linhas o futuro

Cicero, a quem estava reservada a honra de contar na camara a historia dos ultimos instantes da Maria Rita.

* 2.º *excerpto*: — Acha-se, como precedentemente, nas galerias, o snr. Vieira de Castro e outros; Camillo Castello Branco tambem.

«Os oradores começaram a dizer muito disparate e o poeta amassava-lhes nas sandices um epigramma feroz»... «Que não ha um raio de luz n'estas caras»...

... «O homem atira outra tolice mais cheia e mais compacta na parola e o romancista acordando para procurar o chapéo, diz-nos a meia voz: «Vamos embora. Que não nos confundam n'este congresso de vaqueiros.» Na rua foi o fallar e rir á vontade.»

E o snr. Vieira de Castro (José), que sahiu das galerias de S. Bento para não o confundirem n'aquelle congresso de vaqueiros, entrou no anno seguinte para o gremio...—para se distinguir n'elle, é muito de supôr.

* 3.º *excerpto*: —Vejam isto:

«—Mas... aquellas boas cabeças que ali ha? como lhes não amollece o cerebro?»

(*Amollece* é o termo. Todos nós sabemos que o cerebro é uma coisa rija... como pedra.)

«—Não é milagre. Tambem os meninos sahiam das fornalhas da Babylonia incontusos...

»—E ali o fogo é pouco.

»—Sim; desfazem-se no ar as faiscas que resaltam do choque das ferraduras.»

O dizer é d'estrebaria. Mas á-parte as ferraduras, d'onde nunca vi que resaltasse uma unica faisca para as questões debatidas no parlamento, foi dos discursos do snr. Vieira de Castro (José). Muita palavra sonora, muita *phraze pittoresca*, muito periodo torneado, mas uma completa negação—ou como queiram dizer—para aprofundar a mais insignificante controversia.

Aonde, em toda a sua vida pública s. ex.ª se mostrou respeitavel (ha muitos modos de qualquer se fazer acatar) foi na verrina, mas na verrina descabellada, insolente, que chega a indignar o espectador mais fleugmatico.

Ahi, sim! ahi é o verboso ex-deputado por Fafe mestre d'armas! Ahi não tem rival conhecido... nem terá. Deus, que não depositou na bacia dos mares duas areas eguaes, nem deu ao choupo duas folhas eguaes, não nos mandava cá outro orador como s. ex.^a.

Aqui tenho eu á minha beira o volume dos seus discursos, *com retrato*, como diz o frontispicio, e em que, em mais d'uma parte, encontro esta observação do presidente da camara a interromper-lhe o enthusiasmo palavroso:

«Peço ao snr. deputado que não use d'expressões insultuosas.»

* E já que chegamos a este ponto, consintam que eu abra paragraho novo para uma transcripção do livro citado, e onde nem tudo é parlamentar:

A pag. 64:

«O snr. *Vieira de Castro*:—.....»

»Mas quando eu disse que—o ministerio tinha sido feito por um valido do paço...

»O snr. *presidente*:—Como o snr. deputado é novo no parlamento, permitta-me que lhe observe que ha uma disposição no regimento, que prohibe nas discussões o insulto e toda a personalidade (Apoiados).»

Está fechado o paragraho.

* 4.^o *excerpto*:—O dialogo continúa sempre chistoso e feliz:

«Camillo acudiu á furia do palavriado com este correctivo:

»—Vossês denunciam a chaga d'uma alma pôdre, tratando assim em phraze tão descortez os homens que estão ali *suando para representar os vossos interesses*...

»—*E os da comarca*, accrescenta.

»Gargalhada geral.

»—Sois tolos. *Com a mão sobre o coração da minha patria*, juro que esses homens valem mais do que nós...

»—Lá isso é verdade. S. João vestia-se de pelles de camello e andaria nú se não houvessem camellos.»

Obrigam-me a dois reparos as duas ultimas palavras.

1.^o reparo:—*Houvessem*... Está assim em ambas as edições do livro. Parece que o snr. *Vieira de Castro* não é tão forte em grammatica por-

tugueza como é na descompostura de forçureira... talvez por se ter dedicado mais a este genero de litteratura.

2.º reparo:—*Camellos*.... Não nos devemos esquecer de que o viajante perdido tambem se salva nas costas d'um camello...

Ainda ha mais camellos para diante.

* 5.º *excerpto*:—Mas vamos a concluir com as citações, que o leitor já traz o estomago embrulhado de tanta protervia:

«—... Ora, demais tu, que nem sequer pagas *dez tostões de censo* vai lá acima perguntar a essa besta que qualidade de homem és...

»—Então. Não lhe chames *besta*...

»—Não lh'o chamo outra vez, não; que não quero offender esses pobres animaes, que ahi estão ao tronco d'essas carruagens para logo soffrerem humilhados o peso de alguns *homens*, cuja inutilidade e desserviço prohibem a uma alma justa de lhes chamar *bestas*.

»—Mas a patria chama *paes*...

»—Áquelles a quem ella recusa o leite da maternidade. *Paes* como Saturno, que devoram os filhos...

»—Sim, sim; o que ella quer é a gloria de Isaac. Põe a lenha nas mãos d'estes camellos e elles depois que lhe façam a fogueira.»

Ahi está!

E lembrar-se a gente de que o auctor d'estas linhas andou a fallar pelas feiras aos eleitores do círculo por onde ultimamente se propunha, para se ir juntar aos *homens*, cujo desserviço prohibe a uma alma justa de lhes chamar *bestas*!...—Oh! mundo! mundo!

Mas digam-me se não são de almocreve os improperios e chascos vomitados pelo auctor da noticia da vida e obras de Camillo Castello Branco sobre os que elle aspirava a egualar... e chegou a egualar.

Bestas e camellos!—Não sabe outra coisa o snr. Vieira de Castro! *Bestas e camellos* enquanto se não foi unir a elles, a ajudal-os a trazer mais lenha para a fogueira.

Bestas e camellos!— Por isso tratou de se inculcar deputado pela Maia, quando lhe disseram de Fafe que os seus antigos eleitores estavam resolvidos a fechar-lhe a porta de S. Bento na cara!

Bestas e camellos!...

* Fez o snr. Antonio Manoel Vieira de Castro muito bem em desistir

da sua candidatura a favor de seu mano José. Precisava-se lá muito d'elle. Pena foi a catastrophe inevitavel do resto...

E com isto provou-nos,—s. s.^a cedendo, a sua amisade fraternal, o mano José acceitando, a moralidade incontestavel da fabula—*A raposa ás uvas*.

* *

BALZAC E OS EDITORES:

Ahi vai a traducção litteral d'uma carta que Balzac, o numeroso auctor da *Physiologie du mariage* e das *Illusions perdues*, mandou um dia ao seu editor.

As considerações a que se presta são faceis de entrever. Que diria o grande romancista e não menor philosopho se tivesse vivido entre nós!

Provavelmente não dizia nada. Para não morrer á fome—ia cavar batatas:

«Caro amigo.

»Vou principiar n'este momento o ultimo capitulo da novella que vai editar. Como a minha ultima obra não recebeu o acolhimento que merecia, tenha a bondade de imprimir esta em papel de mata-borrão. Não se devem lançar perolas a porcos, disse o Homem Deus. O papel de mata-borrão é sufficiente para o publico de hoje. Seu amigo — Honorato de Balzac.»

Não era, ainda assim, muito digno de lástima o profundo litterato!

Ao menos desabafava com os editores. Achava quem lhe comprehendesse a justa indignação.

Mas n'uma terra em que os editores teem tanto de cerdo como de raposa, tanto d'estupidos como de velhacos...

N'uma terra em que os editores não passam d'uns sandeus encodeados, com a bossa do *negocio* desenvolvida até ao aleijão...

N'uma terra em que os editores são ainda mais *porcos* do que a maioria dos leitores...

N'uma terra, finalmente, em que as perolas, antes de cahirem debaixo da tromba dos leitores, como os do livro de Balzac, são afocinadas pelos editores...

Que desafogo lhe aconselhavam? — Eu sei; publicar uma coisa que se chamasse... «Os Gafanhotos», por exemplo, em que dissesse isto mesmo, e ainda mais, sem ter de o submeter a juizo algum, não é assim?

Muito obrigado.

* *

UMA GAZETA MODELO:— *Estudo de costumes litterarios no Perú*—:

A proposito de periodicos sérios e de Joões Fernandes (vid. o n.º passado), lembrei-me de copiar para aqui algumas paginas d'um livro, que tenho inédito e que deverá chamar-se um dia—*Os ridiculos*.

Estas paginas formam a primeira parte d'um estudo sobre os «Ciganos litterarios», e teem o titulo do artigo presente.

Sem mais introducções:

* Antonio Gomes encontrou-se uma tarde com Antonio Lopes.

Antonio Gomes pezado, gordo, bolachudo, era velhaco; não digo bem; era homem que estudava ha muito o meio de se fazer bemquisto dos tolos e dos parvos.

O meio tinha-o descoberto; faltava-lhe um Cyreneu.

Antonio Lopes magro, acanhado, intelligente, era a bondade personalisada. Tudo estava conforme, tudo ia bem.

Era d'um homem assim que precisava Antonio Gomes.

Tinha-o encontrado.

—Meu amigo—disse o primeiro ao segundo—ia procural-o para lhe fallar d'um negocio.

—De que negocio?

—Da publicação d'um periodico...

—Deus me livre!

—Ouça; quasi que já tinha previsto o seu horror pelas publicações d'este genero; mas o meu amigo Antonio Lopes deve fazer-me justiça, e acreditar que não me arremeçava a empreza d'este porte, sem a certeza do bom resultado...

—Pois sim; mas os desgostos, as indisposições...

—Ora ahi é que vai. Ao passo que os nossos bons collegas da imprensa, por espirito de camaradagem, se despedaçam uns aos outros e

enrouquecem a bradar contra os que lhes não apoiam as idéas, nós seguiremos um caminho muito diverso. Independentes...

—Independentes... são-n'ó todos...

—Independentes a seu modo; nós, independentes a nosso modo. Em quanto elles só criam inimigos novos e cavam a sua ruina pelas proprias mãos, iremos comprimentando para a direita e para a esquerda, sorrindo amavelmente e incensando a uns e a outros... Uma folha modelo!...

— N'esse caso...

—E' infallivel. Não ha memoria de ter sido chamado aos tribunaes o editor d'um periodico por haver elogiado um individuo qualquer... e cada elogio trará pelo menos um assignante. Especulação...

—Mas talvez nos chamem... capachos...

Talvez!...

—E que importa? Capachos em quanto não são elogiados! O que se quer é um certo ar de gravidade... e respeitabilidade...

—Convenho.

Apertaram-se cordialmente as mãos os dois Antonios.

* Ao outro dia combinaram estabelecer as bazes do novo periodico.

Mas o titulo?

O titulo é o essencial em publicações d'esta ordem n'um seculo de barões e de viscondes.

«Se fosse *O Independente*?»

—E' vulgarissimo. Cheira a assignatura de communicado.

«*O amigo de todos*?»

—Revela-se contra a idéa de justiça e imparcialidade, que é mister aparentar.

«*O campeão da imprensa*?»

—É filaucioso e apaixonado. Póde até offender os 'nossos collegas, que se appellidam tambem campeões da imprensa...

Um titulo inoffensivo... que diabo!

—Achei!—disse Antonio Gomes dando uma palmada na testa — *O Commercio*...

Supponhamos que o presente caso se dá muito longe d'aqui... no Perú...

—... *O Commercio do Perú!*...

—Exactamente!

—E por esta fórma será um afilhado da classe commercial...

—Nem mais!

—... Um protegido, que, pela sua banda, a protegerá tambem!

—E cujo titulo só, basta para a lisongear!

—Está dito!

—Muito bem; removidas as difficuldades, mãos á obra. Eu serei o responsavel; d'hoje a quinze dias apparecerá infallivelmente.

—Quanto mais depressa melhor.

--Outra coisa; não entrará em polemicas; fugirá de questiunculas.

—Está visto...

—Aos que divergirem do seu modo de pensar, aos que o deprimirem e amesquinharem nas suas aspirações, responderá com o silencio, que é a arma nobre por excellencia...

... Dos cobardes — teria acrescentado qualquer dotado de coração e instinctos cavalheirosos.

Mas Antonio Gomes não julgava isso, e Antonio Lopes achava que todos tinham razão.

Por isso foi approvedo o alvitre do responsavel da folha.

* Estava tudo a postos; gemeu o prélo; sahiu para a rua o primeiro número do *Commercio do Perú*...

Gazeta séria, grave, com uma extensa introdução, na qual os proprietarios elevavam a essas alturas a gente do negocio, não desfazendo na restante;

Um artigo de fundo que não dizia nada, ou em que era impossivel apurar o que vinha a dizer;

Uma revista estrangeira, traducção d'outra revista, que já tinha sido traduzida;

Uma versão de romance francez em folhetim;

Quatro locaes em que se elogiava o snr. Fulano por ter mandado tres varas de panno crú e duas toalhas de mãos para o asylo de mendicidade, e se dava parabens ao snr. Cierano por ter publicado as suas *Vozes d'Alma*.

Um necrologio da redacção;

Uma correspondencia da capital... escripta na redacção ;

E alguns annuncios para encher.

Os assignantes multiplicavam-se de dia para dia. Cada elogio, regra geral, acarretava tres assignantes, algumas vezes quatro e não raras vezes cinco.

Porque, depois do elogiado ou com elle, vinham alguns parentes e amigos.

De tanta alfazema, que se queimava lá, o periodico chegava a nausear as pessoas de senso. E os tólos?— O que se queria era agradar ao maior número.

* Dentro em pouco o periodico de Antonio Lopes e Antonio Gomes era considerado o modelo dos periodicos sérios. Não havia negociante de bacalhau nem loja de peso, que não tivesse o número da porta na cadernecta das assignaturas.

Chamavam-lhe o periodico da classe.

Desde o titulo da folha até ao ultimo annuncio, tudo se resumia n'esta palavra—commercio...

Um dia appareceu com uma innovação, que regosijou sobre-modo os assignantes ; Antonio Gomes não descansava ; o periodico abriu uma secção nova, toda interesse e curiosidade. Intitulava-se — *Parte Commercial*.

Decididamente era o periodico mais sério de quantos se podiam imaginar.

Apenas de longe a longe o gazetilheiro ousava quebrar a monotonia, entalando entre uma noticia com o titulo de —Honra ao merito—e uma outra com o titulo de —Hospede illustre — uma anecdota velha, roubada ao antigo *Panorama*.

E ainda assim lá tinha a censura de Antonio Gomes, que não parecia disposto a rir em público.

* O artigo continúa para o número seguinte... — Fallemos d'outra coisa.

* *

A COMPANHIA NACIONAL DO THEATRO DA RUA DOS CONDES :

No *theatro popular* do Palacio de Crystal, popular, creio eu, por

não se exigir que o espectador calce luvas e traga o cabello frisado, está trabalhando com applauso, a companhia nacional do theatro da rua dos Condes.

A companhia é soffrivel; quer dizer: não é de todo má. Abriu com a magica «Os sete castellos do diabo», e deu em seguida «Simão, o tanoeiro» e «O joven Telemaco».—Veamos em poucas palavras:

* *Os sete castellos do diabo:*

Chochice desengraçada, que não entretém senão a vista, patacoada tacanha e indigesta, que foi escripta — para uma platêa de surdos. E os que não o são, tem pena de o não ser—allí. O surdo no fim da estopada sahe para a rua imaginando coisas espantosas de tudo aquillo, ao passo que os outros, véem embora a bocejar e com uma dóse soffrivel d'aborrecimento.

* *Simão, o tanoeiro:*

Drama, cujo assumpto anda por ahi glosado debaixo de titulos diversos, e com os mesmos personagens debaixo de diversos nomes.

No «Simão», o que se destaca da vulgaridade, são os discursos. A a gente ouve fallar um tanoeiro e cuida que está a ouvir—um candidato a deputado.

Até dá vontade á gente de aprender a botar arcos nas pipas e nos barris para discursar pouco mais ou menos por aquelle theor!

Se-não imaginem os snrs. um rapaz educado a monte, que tem d'estes dizeres no fogo do enthusiasmo:

«O segredo, que me corroe a vida não transparecerá n'uma palavra, n'um gesto!»

«Ouvi as suas palavras, que retenho com *sunido d'amargura.*»

«De prantos e dores é o thalamo que lhe preparo!»

«É loucura! é devaneio!... E ha de pertencer-lhe como o madeiro pertence ao machado que o decepa!» (!)

«Antevi o paraizo e precipitaram-me no inferno!»

«Estará tão alto que não lhe possa decepar o collo?» (!)

Um rapaz finalmente, que diz sentir *um infinito de grandeza d'alma!* etc..

Eu, logo que tive o gosto de ouvir as primeiras palavras do *rude artista de mão callosa*, disse commigo mesmo:

— Ora quem me dera ser tanoeiro, para fallar assim!...

Depois foi que me lembrei de que só fallavam assim os tanoeiros do snr. José Romano.

* *O Joven Telemaco:*

Uma traducção livre do Joven Telemaco ainda ha pouco levado á scena, no theatro Baquet pela companhia de buffos madrilenos... que Deus tenha...

Ás modificações por que passou não é applicavel o dicto: peor a emenda que o soneto.

E a lettra não deixaria talvez muito a desejar... se não tivéssemos visto em scena o original hespanhol.

A respeito dos actores...—eu já disse ao principio, que não eram de todo mãos...

* Ha a notar que em certas occasiões, e pelo meio do espectaculo, as palmas e os bravos chegam a incommodar o espectador, que deseja ouvir alguma coisa do que se passa na scena.

Indagada a causa de tão amiudadas interrupções, vim no conhecimento de que os empregados do bazar do Palacio, que tambem são comparsas á falta d'homens, quando não teem nada que fazer no palco, vêem para a platêa applaudir como possessos.

Julgo que seria conveniente admoestal-os para evitar dissabores...

* *

POR NÃO HAVER ESPAÇO:

Eu bem receava isto mesmo. Pobre doutor!... Mas se posso apenas dispôr de trinta e duas paginas para cada mez!

Desculpas-me, sim? Olha que não é por desconsideração pela tua pessoa; é porque ha assumptos impreteriveis, e tu entras sempre a tempo, meu amigo; és sempre bem-vindo.

Perdoa a confiança...

* Com grande mágoa minha fica para o número seguinte a primeira peça d'uma collecção de *typos e caracteres*, que formam O MEU VI-VEIRO.

Será escusado dizer ao leitor dos «Gafanhotos» que a tal primeira peça é o «Doutor Basofia», que dava bem para duzentas paginas de materia compacta.—Eu só lhe dedico algumas.

Paciencia por não poder ser mais.

* *

POST-SCRIPTUM

BRAZILÊIROS E PARAGUAYOS :

Ha grande alvoroço na cidade.

—Que é?

Ha bandeiras em algumas cazas.

—Que succede?

Rebentam foguetes no ar.

—Que temos?

Ha luminarias, á noite, pelas janellas.

—Que foi?

Soceguem. Esta nossa gente é sobre-mancira expansiva. Foi que os brazileiros, cançados de levarem taponas, dos paraguayos, se lembraram no outro dia, de que tinham braços como elles, e de que tambem podiam dar...—isto a tempo de que os outros já estavam cançados.

Ora ahi teem o que foi.

Por esse motivo se alvoroçou a cidade...

Se embandeiraram as cazas...

E se illuminaram á noite as janellas.

—*D'esta vez* o Brazil despica-se — dizia-me um sujeito chegado ha pouco de lá.—*D'esta vez* o Paraguay... vai a pique!

Não ha dúvida nenhuma.

Treme, barbaro Lopes!

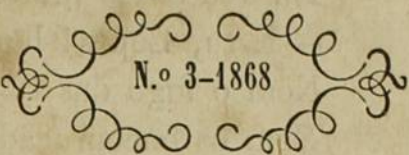
Conversaremos no seguinte número.

OS GAFANHOTOS



1.ª SERIE

REVISTA MENSAL



N.º 3-1868

MAIO—

Brazileiros e paraguayos—Duas linhas para serem glosadas pelos periodicos sérios—
Esmola para o papa—Esmola para diversos — A folha commercial e os seus folhe-
tins em segunda mão—A passagem do Hunaitá e o Palacio de Crystal Portuense
—Arte em Portugal—O snr. Vieira de Castro (José) aos *seus* eleitores da Maia —
As «Intrigas no bairro», as platêas, e o «Commercio do Porto» — O meu viveiro :
typos e caracteres; o Dr. Basofia—Dois cysnes pevidosos da margem do Douro—
Litteratura official—Uma gazeta modelo, *estudo de costumes litterarios do Perú*—
O snr. Calixto e o dente para tres—A armada brazileira e a planta impura dos pa-
raguayos—Um homem da sciencia—De como os vendilhões não sahiram do templo
—Os Te-Deums do snr. visconde... — O «Commercio do Porto», e a escola d'ins-
trucção primaria—Um paraguayo disfarçado.

— * —

BRAZILEIROS E PARAGUAYOS :

Cale-se do sabio grego e do troyano
A fama das victorias que tiveram...

.....
Que outro valor mais alto se alevanta.

Bravos soldados brazileiros, que mais de tres annos gastastes em le-
var cachação rijo dos vossos visinhos do Paraguay ;

Destemida esquadra, que durante esse tempo te empenhaste em for-
necer ao inimigo os vasos de guerra, de que elle precisava, para depois
te dar caça e coça ;

Illustres generaes, cujos nomes teem d'ir á posteridade no fundo
dos officios, em que só pedis reforços e munições aos vossos compatriotas,

que preferem a banana ao cartuxo e a sombra do coqueiro á palma da victoria :

Eu vos envio muito saudar—como a quem muito admiro!

—E tu, Lopes! barbaro Lopes! estava escripto! havias de ceder!

Nem o fogo das tuas famosas peças de páo, cobertas d'oleado,

Nem os encouraçados da tua armada de chatas,

Nem as espingardas de pederneira dos teus soldados, podiam oppôr-se por mais tempo ao animoso punhado de brasileiros... que te foi desalojar á toca!

Fazias-te fino com os teus quadrilateros e as tuas fortalezas! agora limpa a mão á parede, se nos queres dar o trabalho de a mandar cair!

.....

Pois é verdade! — Cá recebi pelo paquete o officio do marquez de Caxias, do barão d'Inhaúma e do capitão de mar e guerra Delphim Carlos de Carvalho, relatando o caso do Humaitá, e só tenho a responder-lhes que não posso com tanto enthusiasmo...

Parabens, intrepididos brasileiros! muitos parabens da minha parte... e d'este povo, que vos admira a coragem com que daes... e com que levaes tambem; com que vos bateis... e com que sois batidos!

Porque eu, — e muito boa gente é do meu pensar, — admiro talvez mais o denodo de quem apanha a pés juntos, do que de quem dá para baixo, sem pensar na pena de Talião...

Por conseguinte, dando ou levando, tendes sido sempre bravos, sempre guerreiros... e sempre heroes!

E é por tão justo motivo que eu vos envio muito saudar, generaes, grumetes e soldados brasileiros em guerra contra o Paraguay... como a quem muito admiro.

* «O Brazil está vingado — diz uma correspondencia datada de Curuzú. — Póde levantar orgulhoso a cabeça, pois tem um exercito e uma marinha para os quaes não ha impossiveis. Hoje temos direito ao respeito e consideração do mundo.»

Isto é um facto.

Ali cada soldado é um guerreiro, cada guerreiro um heroe, e cada heroe — um Magriço.

E o mundo olha para o Brazil, com o ar de respeito e consideração que a tem direito, desbarreta-se, e á socapa trata de precaver-se de pa-

petrechos bellicos, talvez receoso de que um dia lhe venha a declarar guerra, e lhe vá desapiedadamente á pavana.

Que os brazileiros eram selvagens, isso já o mundo sabia... especialmente depois que lh'o disse o nosso illustre orador o snr. Vieira de Castro, — e como taes os respeitava...

Mas que fossem intrepididos... sabe-o o mundo agora, e sabe-o muito a tempo.

* *

DUAS LINHAS PARA SEREM GLOSADAS PELOS PERIODICOS SERIOS :

¶ Pois esbanjam-se dinheiros loucos em Tancos, mandam-se militares a França estudar o campo de Chalons, gastam-se contos e contos de reis em fornecer a tropa de armas de carregar pela culatra (ultimo systema); e vê-se o Brazil no Paraguay a dar lições de bravura e tactica militar, e ninguem se lembra de pedir ao governo para mandar uma commissão d'homens espertos a estudar o exercito brazileiro—no proprio theatro da guerra?!!...

Com franqueza, parece-me inexplicavel!

Mas isto infelizmente é sempre assim entre nós. Pois queira Deus que não seja para breve que nos tenhamos d'arrepender!... Hum! hum!

* *

ESMOLA PARA O PAPA :

O *Direito*, periodico iminentemente religioso, abriu uma subscrição... a favor de Sua Magestade e Santidade Pio IX.

E' que Sua Santidade e Magestade precisa mais das nossas esmolas, do que tantos infelizes sem trabalho, do que tantas familias sem arrimo, do que tantos enfermos descurados, e do que tantos paralyticos no abandono, que por ahi ha na obscuridade.

A subscrição subia por estes dias a 2:747\$310 rs., e continúa aberta.

É assim que se prepara o caminho da Bem-aventurança e d'ante-mão se tem alcançado um logar distincto no mundo celestial.

Parabens aos catholicos do *Direito*.

* *

ESMOLA PARA DIVERSOS :

Novo artigo para dizer que o *Direito* vai ser declarado protector dos monarchas europeus necessitados.

É uma honra que muito deve orgulhar o catholico bemfeitor de Pio IX, que teve a desdita de vir ao mundo n'um tempo em que só mandam os pedreiros livres.

Ha já quem diga que, fechada a subscripção a favor de S. Santidade, o rei de Roma, o *Direito* abrirá nova subscripção, egualmente louvavel, a favor d'algumas testas coroadas...

Se teimam com elle é capaz de fundar um asylo... *ad hoc*.

* *

A FOLHA COMMERCIAL E OS SEUS FOLHETINS EM SEGUNDA MÃO:

O «Commercio do Porto», o seraphim da Ferraria de Baixo, esse arminho da imprensa periodica, essa vestal que não larga por um instante os folles com que assopra o fogo sacratissimo das sãs doutrinas... está merecendo ao redactor d'esta revista muitas e cordiaes sympathias.

Não apparece ali o mais insignificante communicado, nem a mais innocente noticia que não passe por uma censura rigorosa... que não é a censura grammatical, mas a que é imposta pelos *bons principios*... das conveniencias... sociaes...

Já no segundo número dos «Gafanhotos» se deu a conhecer a traça de que lançou mão a engenhosa gente do «Commercio» para não escandalisar os seus atocinhados leitores com a publicação d'um romance de Paulo de Kock.

Publicou o romance e calou o nome do auctor. Mas com justificado motivo; porque a pedra d'escandalo era o nome do auctor e não o romance.

D'estas agudezas, só na redacção do «Commercio» da Ferraria de Baixo, o qual pouco differe, aqui para nós, d'um outro, que se chama—commercio dos ferros velhos.

Agora, cançado de publicar em folhetins traducções inéditas de romances francezes, resolveu dar aos seus numerosos leitores, para variar, em segunda e terceira edição, romances cuja versão corre ha muito impressa.

* E não vá sem a prova :

Porque o *Avarento*, historia de H. Conscience, pertencente ás suas «*Scenas da vida flamenga*», e publicada ultimamente na gazeta commercial, já appareceu aqui ha annos em folhetins no «*Jornal do Porto*».

Resta-me só indagar se o innocente e escrupuloso periodico da Ferraria reproduziu ou não a traducção, que não me pareceu ao tempo das peores.

O que, porém, desde já lhes afianço é que elle era muito incapaz d'isso... a não ser por ignorancia...

...Ou distracção...

Procurarei saber.

* *

A PASSAGEM DO HUMAITÁ E O PALACIO DE CRYSTAL PORTUENSE :

Parece que os empregarios do Palacio de crystal se regosijaram com o heroico feito da passagem do Humaitá pelos brazileiros.

Tambem o acontecimento não era para outra coisa.

E foi por isso que se annunciou espectaculo de gala, á noite, pela companhia do theatro da rua dos Condes, e se embandeirou a caza por dentro e por fóra, e se armou um throno e um nicho na platêa, á direita do espectador, e se dependurou no mencionado nicho o retrato de D. Luiz I e de D. Pedro II, e se cantou o hymno nacional brazileiro e se tocou uma *sonnata allegorica* do snr. Cyriaco de Cardozo.

Os empregarios do Palacio de crystal são assim.

Alguem quiz ver n'estas demonstrações de regosijo um cálculo de gente de negocio, que espreita occasião de pescar nas aguas turvas. No emtanto eu *deito* para que fosse tudo aquillo enthusiasmo dos empregarios da caza pelo glorioso successo... e nada mais...

E fosse, que não fosse cálculo, o espectaculo esteve luzido e concorrido.

A *metropole* achava-se lá em massa. Não quiz faltar ao appello patriotico; era occasião de mais uma vez o poeta exclamar com a voz possante, que Deus Nosso Senhor lhe deu :

N'esta festa de gloria... brazileira,
 Quem patricio faltou, ou é já morto,
 Ou não sentiu jámais no peito, ardente,
 A lava do vulcão!

Ora, como ia dizendo, a funcção esteve brilhante, e n'ella reinou sempre o mais fervido enthusiasmo.

Apenas á quarta ou quinta repetição do hymno um espectador entendeu dever admoestar a *metropole*, incendiada no santo amor da patria, de que era tempo de se dar principio ao espectáculo.

Depois, um joven brasileiro recitou um discurso e uns versos, dignes do assumpto, de per si grandioso e muito para inspirar poemas.

Depois espalharam-se uns quadrados de papel de côres garridas, nos quaes vinham impressas umas *poesias* adequadas ao objecto da funcção e assignadas pelo proprio Palacio de crystal.

Depois levantou-se o panno e começou o espectáculo — (dez horas da noute).

Depois cahiu o panno e foi cada qual para o seu cubiculo — (uma hora da madrugada).

E d'esta fórma testemunhou a empreza do Palacio de crystal portuense o *vivo interesse e o regosijo de que o paiz se achava possuido pelos ultimos acontecimentos victoriosos obtidos pela esquadra brazileira* — no dizer do cartaz.

A gente do Palacio é assim.

* Á prosa do humilde chronista, segue-se a poesia.

Vamos aos quadrados de papel de côr, espalhados em um dos intervallos do espectáculo.

Tem a palavra o quadrado vermelho :

GLORIA AO BRAZIL!

Porto 4 de Abril de 1868

*Ilumina o sol da gloria
As terras de Santa Cruz!
Soam hymnos de victoria,
E na espada que reluz
Precursora de bonança
Lê-se a palavra Esperança
Em lettras de immensa luz!*

*O barbaro, audaz guerreiro,
Que na lucta foi prostrado,
Vê no campo brasileiro
Um heroe... cada soldado!*

*Salvè! pois, nação briosa
Aureolada pela luz
De tão immensa victoria (!!!)
Salvè! nação generosa
Que á ventura nos conduz (?)
Salvè, pois! o sol da gloria
Já rebrilha em Santa Cruz!*

Palacio de crystal portuense.

A inspiração de parte, os versos são uma obra acabada. Não digo isto para elogiar o auctor, o joven Palacio de crystal, ainda novel n'estas lides do Parnaso, mas porque s. s.^a revela muita queda para a poesia... heroica.

Apenas um sujeito, meu visinho de platêa na grande noite, me disse, como querendo ter graça e metter a riso a *festa de gloria brasileira* :

—Fallam tanto em luz n'estes versos, que lembra á gente se o Brazil estará ás escuras.

* O outro quadrado de papel de que dei noticia, e que é amarello, contém duas décimas, e vem assignado pelo mesmo auctor.

Estou que n'um dos paquetes proximos lhe chegará a commenda da Rosa ou do Jacaré.

Diz assim o mencionado papel:

GLORIA AO BRAZIL ¹
Porto 4 de Abril de 1868

*As fortalezas temiveis
Ei-l'as por terra prostradas,*

¹ Para o titulo d'esta poesia fazer differença do da outra, o auctor omittiu-lhe a admiração final.—Finorio!

As *esquadras* (?) *invenciveis* (!)
 Ei-l'as ahi derrotadas,
 Já hoje o paraguayo
 Fulminado pelo *raio*
 Da *victoria brazileira*
 Pede a paz *humildemente* (!!)
 E acolhe-se *reverente*
 Sob a triumphal bandeira!

Salvè, pois; *brilhante imperio*
 Do *novo mundo, senhor,*
 Das glorias d'esse hemispherio
 Serei humilde cantor;
 Pois de taes feitos a fama
 O *universo* proclama
 Em *hymnos de adoração* (!!!)
 Hymnos que a *posteridade*
 Pela voz da *immensidade*
 Ha-de entoar-te, ó nação!

Palacio de crystal portuense.

Ha quem ache ainda mais merecimento a esta composição do que á outra.

Mas é indubitavel que o merecimento, quer d'uma quer d'outra *poesia*, é elevado, e que o entusiasmo de que se possuiu o joven e *humilde cantor das glorias d'esse hemispherio* (do hemispherio do Brazil), não tinha nada de pêco nem de fingido.

Pois... o universo a proclamar a passagem do Humaitá... em hymnos de adoração?!...

Valha-te Deus, Palacio!...

* *

ARTE EM PORTUGAL:

Duas palavras só.

Não me cabe a honra de ser o auctor das linhas que seguem. Declaro isto, não porque receie de que me acoimem um dia de me ter apre-

sentado auctor d'escriptos d'outrem, mas como satisfação á minha consciencia, que não quer dar força áquelles dois versos da Fabia :

Roubar ideia alheia é desacato?...

Você nem sombras tem de litterato!

Para ella e para mim basta-nos ter por collaborador dos «Gafanhotos»... o auctor do artigo, cujo nome constitue, em que pese aos insignificantes, uma reputação litteraria das mais bem cimentadas, n'este Portugal.

O redactor.

«A par de toda a originalidade da nossa litteratura, não é menos sensível o talento creador dos nossos artistas. Lembra-nos agora o auctor do monumento a Camões, o snr. Victor Bastos.

O publico amator deve conhecer o celebre baixo relevo d'este senhor, intitulado *A febre amarelia*; veiu publicada no «Jornal de Bellas Artes» uma gravura que o dava a conhecer.

O que o auctor, que foi louvaminhado e premiado por essa criação não sabia, era que se conheciam as duas obras primas estrangeiras, que elle plagiou para a sua composição. As *Feiticeiras de Macbeth*, concepção gigantesca de Kaulback, acham-se copiadas *ipsis lineis* na *Fome* e na *Febre* do snr. Victor Bastos. A *Torre de Belem* que avulta no fundo do baixo relevo, é copiada, em quanto ao pensamento, do *Capitolio* representado por Kaulback na grande pintura moral do *Combate dos Hunnos e dos Romanos*, bem como as demais figuras, grupos, panejamentos e posições são roubadas dos innumerados vultos que formam esta obra assombrosa do pintor allemão.

O snr. Victor Bastos é um digno artista da sociedade de Lisboa; de uma vida frivola, que póde provir senão um ideal falso?

Arthur.»

* *

O SNR. VIEIRA DE CASTRO (JOSÉ) AOS «SEUS» ELEITORES DA MAIA:
Depois do resultado tristissimo, que teve a bem agourada candidatura do snr. Vieira de Castro (José) pela Maia, s. exc.^a, desgostoso, retirou-se... para a capital.

Outro qualquer teria fugido para o bosque, onde não chegasse noti-

cia dos homens, nem dos seus torpes arranjos e machinações; elle foi para Lisboa.

É que o habito em nós póde muito, e o snr. Vieira de Castro já estava habituado a ir para Lisboa apenas as camaras se abrissem.

Mas a mim é que pouco me importaria para onde se tivesse acolhido o idolo de barro dos fafenses, se não tencionasse apresentar, por curiosa, uma carta que foi distribuida impressa aos eleitores da Maia... que não o elegeram deputado.

Façam o obsequio de ver:

«Ill.^{mo} Snr.

»Venho offerecer-vos os meus serviços em Lisboa, para onde parto no dia 4 do corrente mez.

»Fui ha pouco vencido na urna, como sabeis, mas fui vencido pela injuria vil, e pela calunnia torpe, que nunca tão depravada, nem tão covardemente, se prostituiram para atraçoar o vosso suffragio.

»Os miseraveis dos meus calumniadores sei eu que terão agora os ouvidos fechados quando vós lhes sollicitardes um favor para vossos filhos, ou uma protecção para as vossas causas. É por isso mesmo que me apresento perante vós n'esta occasião em que os meus offerecimentos e os meus serviços ficarão a salvo da torpeza d'elles.

»Quero prevenir-vos do modo «porque» vos podeis dirigir a mim. Em todas as freguezias dos dois concelhos do circulo 25 ha um ou mais cavalheiros que ficam encarregados de me transmittir as pretenções de todos os senhores eleitores a quem o meu prestimo possa ser util. Estes cavalheiros são conhecidos de todos, e será mesmo por intermedio d'elles que estas cartas serão entregues. Peço pois a V. S.^a, assim como a todos os honrados eleitores do circulo 25, que se dirijam a estes cavalheiros, ou tambem a qualquer dos dois centros permanentes.

»Esta cautela serve para evitar o abuso de cartas falsas.

»Provarei sempre com os meus esforços a lealdade do meu procedimento; e sou, senhor, com muita honra e muito affecto,

»De V. S.^a

»Muito attento venerador e creado

»Moreira.—Quinta do Mosteiro.

2 de Abril de 1868.

»A minha morada em Lisboa é:—Rua Direita da Lapa, n.º 79.

»José Cardoso Vieira de Castro.»

Ora, — pergunta a minha curiosidade, — quem serão, ao ver do snr. José Cardoso, os eleitores honrados do circulo 25?

Serão os que, surdos a blandicias e a convites de opiparos jantares, votaram conforme a sua consciencia, ou os que receberam a lista das mãos dos agentes de s. ex.^a com o ultimo... abraço?

Estou que os eleitores honrados, a quem se allude na precedente missiva, são os ultimos, que votaram no snr. Vieira de Castro; por isso, querendo s. s.^{as} alguma encommenda para Lisboa não teem mais do que ir aos taes cavalheiros das freguezias correspondentes... para serem devidamente reconhecidos... e levarem a devida informação...

A final, tudo isto não passa d'uma scena-comica, muito mal desempenhada, em que o auctor da carta é actor, e os eleitores do circulo 25, honrados e não honrados, são meros espectadores.

A scena-comica poderá chamar-se — *Desabafos para rir.*

* *

AS «INTRIGAS NO BAIRRO», AS PLATÊAS, E O «COMMERCIO DO PORTO»:

Em uma das noites do mez passado foi á scena a comedia em dois actos, ornada de musica «Intrigas no bairro», que se abonava com não sei quantos centos de repetições no theatro da rua dos Condes em Lisboa.

A comedia foi uma vez, e penso que para não voltar mais;

O que se explica facilmente quanto a mim:

É que no Porto as collarejas e os mariaheiros, que frequentam o theatro, não são em tão crescido número, que por si dominem uma platêa e façam a reputação de quantas indecencias appareçam a reproduzil-os em scena.

Esperemos, comtudo, que por cá, um dia tambem venha a succeder assim.

* O «Commercio do Porto»... — ainda o, «Commercio»! — depois de ter elogiado as «Intrigas no bairro» e o seu desempenho, com aquella finura, que lhe é particular, conclue:

«Não obstante o que dizemos — (a comedia agradar e os actores satisfazerem o público) — todos os artistas foram muito applaudidos e chamados ao proscenio».

Isto é:

Não obstante o que dizemos... a comedia foi pateada como era de justiça...

* *

O MEU VIVEIRO :

(*TYPOS E CARACTERES*)

I

O doutor Basofia

Como elle se espaneja ás manhãs pela porta do Moré, de chapéo cahido para os olhos, lunetas fuscas montadas na canna do nariz e papeira a trasbordar-lhe do colleirinho-tolipa!

Como atira para diante a barriga circumflexa, e trautêa o seu trechosito d'opera, e palita os dentes a intervallos, dizendo n'esta operação aos transeuntes:—almocei... de garfo!

Com que sorriso affavel cumprimenta as *excellencias*, com que altiveza dispensa um leve aceno de cabeça ás *senhorias*!

Conhecem-n'ó. Devem-n'ó conhecer. É exemplar unico entre-nós e creio que no resto do globo. Não se confunde com outro. Chamam-lhe o doutor Basofia.

Um typo acabado.

Que heroe de comedia — impagavel!

* A qualquer hora que o encontremos, de manhã, á tarde, á noite, afigura-se-nos que virá de jantar;

E de jantar um boi;

Ou um rei.

Ao menos a bastante gente, ao vêl-o passar, tenho eu ouvido:

—Ora olha como anda impertigado! parece que leva o rei na barriga.

Mas d'ahi á verdade não posso dizer o que vai. O que vêem todos os que teem os olhos desempanados, é que o doutor se bambôa com uma importancia, a que lhe dá jus... o alteroso abdomen... e a formidavel cabeça.

Julgo que ainda não disse que elle tambem trazia suissas e bigode, e que fumava charuto.

Pois digo-o agora. Não ha de esquecer particularidade alguma relativa ao meu homem.

Era muito capaz de reclamar, e ver-me-hia obrigado a fallar outra vez d'elle... em detrimento do que estivesse á bica.

* Vamos a pormenores.

O doutor Basofia não é bem doutor. É medico-cirurgião. A Eschola deve orgulhar-se de ter perfilhado um aborto d'aquelle calibre; ainda que seja outras mais coisas — como logo melhor se verá.

Por emquanto basta que vão sabendo, que não tem clinica, porque ninguem quer ser a *anima vili*, em que o digno Hypocrates prove a mão;

O que não tira de arrotar clientella... e milagres d'um formulario, seu, original, fructo de aturada experiencia e teimosa observação... indito por ora... e destinado a vingal-o, perante os evos, da gargalhada com que o perseguem os zoilos.

O doutor Basofia, será nas chronicas, d'aqui a cem annos, o que é, já hoje para nós, o doutor Sangria.

Um vulto, de cuja camaradagem muito se devem honrar os manes do famoso practico...

Se não fôr um mytho, uma historia, como o homem das botas.

* O doutor Basofia é o medico de quantas companhias de circo e ratos sabios e animaes domesticados e pulgas industriosas venham a este invicto Porto.

Ninguem o convida, mas elle offerece-se...

A tanto força o amor pela arte e pela sciencia.

De mais a mais é philantropico;

Tudo por uma entrada na superior!

Já não lhe acontece outro tanto com a companhia lyrica. Mas é assignante do camarote da administração do bairro, e infallivel nos ensaios geraes. Por isso falla e discute o merito dos cantores, que são todos uma insignificancia, não exceptuando o baritono que parece bom sujeito.

Pela rua o doutor Basofia anda sempre a trautear bocados da Norma ou do Baile de Mascaras.

No theatro italiano acompanha o cantor a meia voz, chegando a incommodar os visinhos, que não vêem para o ouvir a elle, e marca rasgadamente o compasso, denotando nas contracções do rosto ou nos movimentos da cabeça enorme, a sua approvação, ou, o que é mais frequente, o seu descontentamento.

Mas não deixa d'applaudir; é um habito. O seu fraco são os artistas...

* Vamos adiante. Basofia rabisca para o publico.

Em tempos que lá vão, escrevia revistas no «Braz Tisana». Também não posso agora dizer se lh'as publicavam de graça, mas é de presumir que sim. Assignava-se com o transparente pseudonymo de *esthetico*.

Esthetico, o sujeito mais plastico do meu conhecimento! Por esse motivo o apontavam ao dedo ahi como auctor das revistas.

E elle não se zangava.

Antes sorria vaidoso e aprunava os colleirinhos e retizava a barriga, lembrando a rã da fabula.

Do que tenho pena é de não ter aqui os «Braz Tisanas» d'aquelle tempo. São uma preciosidade os taes escriptos.

* O doutor Basofia tem instinctos fidalgos. Lembra-me que n'um dos seus folhetins pedia que em noites de muzica no jardim de S. Lazaro, se exigisse um pataco ao visitante... porque d'esse modo não entrava senão gente de certa classe...

A ideia era feliz... mas não foi aproveitada.

O que elle queria era dar o pataco, por se poder contar depois entre essa gente—de *certa* classe.

Uma posição barata... e decente!

* Também escreveu uns «dialogos» para uzo de quem fosse visitar as margens do Pó, e traduziu do hespanhol um disparate comico, d'uma graça infinita — «Por causa d'um cabello».

Os «dialogos» não se resolveram por emquanto a deixar a estante do editor para irem visitar o Pó; foi o pó que resolveu vir visital-os á estante do editor... e a coisa harmonisou-se. Tinham preenchido o fim.

A traducção do disparate comico, essa denunciava uma das muitas faces por que se póde encarar o variado talento do nosso doutor.

O que eu não sei é porque havia de ser uma traducção e não uma obra original, d'espavento, d'estrondo.

Que necessidade pedir emprestado, quem póde atirar, do que é seu, ás rebatinhas?

Se não conhecesse alguns trabalhos litterarios do doutor Basofia, seria o primeiro a affirmar que s. s.^a não é homem para produzir um disparate original.

Estranho capricho, de fingir de mendigo quem tem posses para deixar a perder de vista os mais opulentos!

Mas isto vê-se, e ainda mal, não poucas vezes. Nós, porém, nós, os que de ha muito lhe conhecemos e admiramos a força, pedimos que nos favoreça com uma das suas producções originaes... e terá por certo as honras da posteridade — que já de longe lhe acena com um lenço branco.

Esperando ser attendido — continúo.

* O doutor Basofia tambem é veterinario. Ao menos sobre veterinaria póde o leitor encontrar alguns escriptos, firmados pelo meu illustre conterraneo, em um periodico litterario, hygienico, scientifico, recreativo e acrobatico, publicado n'esta cidade com o nome de *Mosaico*, salvo o erro.

Veterinario!... aquillo é que se póde chamar uma encyclopedia em carne, osso e enxundia!

Até veterinario!

Zoilos!... assoai-vos a esse guardanapo! até veterinario... e veterinario hydrophobo... por outra, dedicado á cura da hydrophobia nos quadrupedes!...

Ahi vae a amostra do panno, em terceira edição. Já n'outro logar tive o gosto de offerecer ao respeitavel publico a segunda edição de tão curioso trabalho; mas nem por isso deixarei de o recommendar ainda uma vez:

«*Cavallo*

»Principia n'elle a raiva, como nos outros animaes, pela inappetencia e tristeza; mais adiante braceja, rincha, dá couces, sacode a cabeça, e executa movimentos desordenados.

.....

»A mula e o jumento apresentam os mesmos symptomas que o cavallo.

» *Gado vaccum*

»*Estes animaes* desde logo manifestam horror á agua, e chega a tal extremo o seu furor, que não é possível «aproximar-se» a uma rez, pois que ella procura investir com todos os que se lhe aproximam, principalmente «aos cães», cuja presença lhes causa grande irritação. Arrojam pela bôcca muita baba glutinosa; os olhos são scintillantes e ameaçadores, dando horrorosos balidos. Apresentam tenesmo, etc..»

—Vê-se das investigações a que se entregou o erudito doutor Basofia, — escrevi eu em tempo, fallando d'este mesmo assumpto — que a hydrophobia no gado vaccum differe totalmente, nos symptomas, da dos outros animaes.

Por exemplo: os symptomas de hydrophobia no cavallo: primeiro, inappetencia e tristeza, depois bracejar, rinchar, dar couces; e os symptomas de hydrophobia no boi, é um modo de dizer, horror á agua, possuir-se de tal furor, que foge de uma rez, o que é original, arrojar baba pela bôcca e soltar horrorosos balidos pelos olhos scintillantes e ameaçadores.

Aqui temos nós uma descoberta, que aproveitada, como cumpre, deve ser de grande alcance para a hygiene. Ainda ninguem se tinha lembrado de pôr em letra redonda isto.

Honra e gloria ao doutor Basofia.—

Agora consta-me que o illustre hydrophobo está escrevendo uma longa memoria em tres idiomas europeus e um selvagem sobre o assumpto dos olhos do boi para ser apresentada á Real Academia das Sciencias e publicada a expensas suas, d'ella, a exemplo do que se fez com as obras de Fr. Francisco de S. Luiz.

Tem s. s.^a a minha approvação.

E cuidado com os bois, leitor, que não são muito de fiar. Tanto mais quanto não se nos declara o meio de conhecermos quando os balidos lhes sahem pelos olhos ou por outra parte...

* É tambem jurado o illustre doutor, mas *in nominè*, porque, de todas as vezes que lhe cahe a sorte em caza, é recusado...

Não por incapaz ou má figura, mas porque pede para isso... em

nome da humanidade enferma, que do leito da dôr lhe estende os braços anciosa.

Nos dias de jury, apresenta-se esbaforido, no tribunal, procura o advogado, persegue-o, incommoda-o, rala-o, diz-lhe que o esperam doentes d'immensa gravidade, que a sua reputação e os seus interesses perigam se não lhes acode a tempo, que não pôde por modo algum demorar-se... e d'ahi a meia hora todos o vêem á porta do Moré a palitar os dentes... e a discutir politica, musica, sciencia, litteratura, com o primeiro que lhe aperte a mão e que lhe falle n'uma d'estas coisas.

O dr. Basofia tem opinião formada sobre tudo. É pena que ninguem discuta com elle.

* Concluindo o esboço d'um dos individuos, que mais teem despertado as atenções dos estrangeiros n'esta nossa terra, e feito o orgulho de nós todos os portuenses, que temos a dita de o conhecer, julgo-me na obrigação de levar a s. s.^a um pedido, que está no animo de todos:

— Sabio doutor Basofia... — desculpa a familiaridade; é sempre assim que se tratam os grandes homens — n'este momento, em que a patria sente o abandono em que a deixam os seus filhos mais prestantes; n'este momento em que nós lastimamos a falta d'homens d'uma intelligencia provada e esclarecida nos bancos... ou nas cadeiras da camara electiva; porque não te apresentas a orar ás turbas por essas praças, em termos subidos, e não te propões, á primeira vagatura, juiz eleito na tua freguezia, para mais tarde abocares um logar em S. Bento... e uma pasta de ministro?... Vamos! Eu serei o teu Cyreneu, doutor! Amanhã irei recommendar-te ao meu barbeiro... que te conhece perfeitamente, e serás na politica o mesmo que tens sido na litteratura e na sciencia.

Vamos! que eu para mim só quero a gloria de ter descoberto em ti... um deputado!..... Marcha! É teu o futuro! — Disse.

Ahi o teem, o meu caro doutor, sempre magnifico e sempre impagavel, a quem era de justiça o primeiro logar, o logar d'honra entre os individuos, que fazem parte do meu escolhido viveiro... e que nos estão mesmo lembrando uma fabula de Lafontaine.

Agora corre o panno e apparece... o *Joanninha*.

* *

DOIS CYSNES PEVIDOSOS DA MARGEM DO DOURO :

Cuidava eu que o tempo em que o theatro era como que um pateo de freiras em noite d'abbadessado tinha fugido com os poetas e com os abbadessados...

Mas o tempo ou não, tinha fugido, ou então voltou...

Porque chego de ouvir dois poetas no sarau dramatico e musical, que a sociedade de soccorros dos typographos portuenses promoveu no theatro de S. João.

Poetas de beneficios, se lhes chamava d'antes, a estes desgarrados cysnes, que passavam a melhor parte do seu tempo a lêr os cartazes das esquinas, espreitando occasião para soltarem d'un camarote de segunda ordem o seu canto mavioso.

Hoje não sei que nome tenham estes sujeitos... a não querermos que sejam poetas d'agua chilra, attendendo ao seu elemento... como cysnes.

Mas o aperto d'espaco não consente que entremos em averiguações. Abiquemos ao assumpto.

* Primeiro fallarei do snr. Eduardo Silva, escriptor bem conceituado pelas suas traducções do hespanhol, e que foi o interprete dos sentimentos de que a direcção da sociedade dos typographos portuenses estava animada para com os artistas, que lhe tomaram parte no beneficio.

S. s.^a recitou uma coisa, que deverá chamar-se «poesia», á falta de vocabulo, com que possa exprimir em portuguez um dos mixtiforios mais disparatados que os meus ouvidos peccadores teem ouvido.

A coisa era em oitavas. Cada oitava terminava com um verso dos Luziadas.

Pobre Camões! não te deixam!... Ainda ha pouco te viste forçado a surgir do túmulo á voz d'um asneirão chamado Estanislao, e já nova offensa, hoje!

Pois que mal farias tu ao snr. Eduardo Silva, para este snr. vir á frente d'uma platêa respeitavel abocanhar cinco versos teus... pescados á canna em differente logar do teu poema?

* Desculpe-se, porém, o trovista pela intenção que me dizem ter sido

boa e desçamos ás duas ultimas estrophes da composição metrica... simplesmente para dar ao leitor a amostra do panno.

Eu por mim estou convencido de que o auctor não teve nem tem a consciencia do que escreveu; que juntou linhas d'um certo comprimento, amontoou rymas, e procurou glosar, como soube e pôde aquelles cinco versos do nosso epico, e que do mais não tratou nem quiz saber.

Vejam que mastigada:

Caminhar, caminhar, é este o norte,
 Que a seguir temos, eia! persistamos
 No trabalho, na honra, «e nosso porte
 Seja o dos filhos nossos», e façamos
 Da industria nosso campo de Mavorte,
 E «o certame de paz» que ahi travamos
 Diga aos évos qual é mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

Comprehendendo a missão que o Eterno obreiro
 Deu como fito á pobre humanidade,
 «Por buscar, incansaveis, qual mineiro,
 Os veios explorar á caridade»...
 «Vos damos gratidão por derradeiro»,
 «Perpetuando tal feito n'esta idade,
 Que exaltado será no universo»,
Se tão sublime preço cabe em verso.

Muito bem, poeta! Para a frente, cantor!

* Não leio esta... poesia, que não me lembrem aquelles feixes de carqueja (com c pequeno, reparem), que os pannelleiros trazem das aldeas para a cidade.

O snr. Eduardo Silva juxtapez trinta e cinco linhas mais ou menos euphonicas, mais ou menos metrificadas, dividiu-as em mólhinhos de sete, rematou cada mólhinho por um verso de Camões, enfeixou tudo e disse:

—Tenho concluido a minha obra. D'isto faz-se poucas vezes, mas faz-se .. e esta é uma d'ellas.

Depois foi para o theatro, de casaca e luva branca, e n'um dos in-

tervallos recitou d'um camarote abaixo aquillo de que dei a amostra ao leitor.

Fez muito bem. Deixe que ainda ha de ser um poeta de nome... se se dedicar aos beneficios.

Para outro lá o espero.

* O segundo poeta, que recitou, foi o snr. João Cardozo Diniz Junior.

Ao menos os versos d'este senhor sabe-se a que fim apontam, o que ninguem poderá descobrir nos do seu collega Silva. A composição é chata e em alguns pontos revela parvoice, mas percebe-se o pensamento do auctor. Não é, como a outra, uma charada sem o menor vislumbre de senso-commum.

Fugiu p'ra longe o tempo do torpe servilismo,
D'esse jugo de ferro, que os pulsos algemava
 Á pobre humanidade!

Vê-se hoje em cada obreiro o symbolo do progresso!
A *par da* illustração, d'esse brilhar benefico,
 Caminha a charidade!

Eu tambem sou artista! tambem nutro no peito
O amor p'lo trabalho, pois n'elle vejo um mundo
 De gloria perennal!
Tenho por mãe, a Imprensa, dos sabios protectora;
Meu pae é o sol que brilha na historia do progresso,
 — Guttemberg immortal! —

Estes ultimos versos fazem rir. Ainda bem que fazem rir. Podiam fazer enjoar, e sempre era bem peor.

Não é assim?

* *

LITTERATURA OFFICIAL :

O «Diario de Lisboa» costuma trazer uma secção que denomina *Pubblicações litterarias*, e que muito deve interessar os amantes de bellas-lettras.

Ahi está que no dia 30 do mez findo trazia a notícia do apparecimento de dois livros preciosos, na extensão do adjectivo.

Resava o titulo do primeiro :

«Livro do registro de tutellas

para uso dos escrivães dos juizos orphanologicos das comarcas do reino e ilhas adjacentes, etc...»

Dizia o frontispicio do segundo :

«Manual do distillador

ou modo facil para preparar com toda a perfeição vinho e vinagre branco e tinto, toda a qualidade de licores finos e exquisitos, cerveja e genebra, cidras e geropigas, etc...

»4.^a edição, correcta e consideravelmente augmentada com tres additamentos de receitas curiosas e varios processos para a fabricação de vernizes, sabão e sabonetes, etc...»

É para que saibam que um periodico por ser todo seriedade e gravidade, e pertencer a um governo digno d'elle, nem por isso exclue das suas columnas os annuncios de livros honestos e serios, que podem servir para a diversão d'um publico tão serio como honesto.

Observemos que a ultima obra, o «Manual do distillador» conta quatro edições. É para que não digam que não ha movimento litterario em Portugal.

* *

UMA GAZETA MODELLO : — *estudo de costumes litterarios no Perú.*

Estamos com o «Commercio do Perú», com Antonio Lopes e Antonio Gomes.

E' a continuação do artigo do numero antecedente, em que se fallava d'estes dois individuos, mais do seu periodico... exemplar.

Desçamos a minudencias:

José de Souza publicou um livro cujo entrecho não era a historia d'uns amores infelizes, nem os arroubamentos metrificados de poeta campesino.

José de Souza é um individuo qualquer, um quidam ; tanto pôde ser o auctor como o leitor d'estas linhas.

O assumpto de que tratava a nova publicação era metter a ridiculo, sob pseudonymos transparentes uns tantos lorpas, que rebolam a sua importancia por essas ruas e por esses passeios.

O caso, foi que José de Souza mandou um exemplar da sua obra á redacção do «Commercio do Perú», que nem sequer lhe annunciou o apparecimento d'ella.

Porque seria?

José tratou d'indagar e soube :

Que o seu livro tinha subido á censura do respeitavel Antonio Gomes...

Que o dito Gomes lêra e meditára muito a obra...

E que resolvêra não fallar do livro ;

Porque :

Ou havia de o elogiar, e então ia tacitamente offender as pessoas caricaturadas n'elle ;

Ou não o havia d'elogiar, e o auctor espinhar-se-hia justamente.

Posto o que, resolveu Antonio Gomes na sua alta prudencia não fallar d'elle.

E não fallou.

E José de Souza, ao ver pezar-lhe a excommunhão no seu livro, que dormia nos lotes das livrarias, por falta de quem o annunciasse aos indifferentes, experimentou vontade cega de o estampar na cara do vendilhão d'incenso podre e mal cheiroso...

Na impossibilidade, José de Souza contentou se com lhe chamar ao ouvido, baixinho, —*negociante!*

* Um caso novo :

De longe a longe apparecem a encher o espaço consagrado ao folhetim romances originaes ou imitados d'alguma notabilidade litteraria d'aquella terra de cegos (fallo do Perú...).

Estes romances... são escriptos d'encommenda.

Resolve Antonio Gomes offerecer aos seus assignantes em mimo, (pallavras com que annuncia na gazetilha o apparecimento da coisa em folhetim) um conto original; pega da penna e escreve ao litterato escolhido pouco mais ou menos o seguinte:

«Meu amigo. Desejo apresentar na minha folha um romance original; escreva-o e mande-o; já sabe, um romance que não offenda a moral pública e termine de modo que a virtude seja premiada e o vicio castigado. Seu amigo

Antonio Gomes».

D'ahi a tempos o romance apparece, a moral pública é respeitada, o crime recebe o justo pago, a virtude é salva pelos cabellos e a historia acaba com geral applauso dos toucinheiros e dos carapuceiros assignantes da folha.

Ora succedeu que um dos seus collaboradores do folhetim, ao passo que ia escrevendo o romance pedido, o ia mandando para a redacção da folha, que o ia dando aos numerosos leitores.

Antonio Gomes, arvorado em censor, lia as provas de tudo. Uma vez deu um pulo na cadeira, chamou um empregado, mandou ordem para que o romance fosse substituido por um folhetim de reserva, e escreveu ao litterato em questão a seguinte carta, remmettendo-lhe juntamente as provas do escripto:

«Amigo e Snr.. Na continuação do seu romance ha um ponto que me parece fugir do caminho trilhado até aqui; quer dizer: afastar-se um pouco da moralidade, que sempre o *Commercio do Perú* tem respeitado.

»Alvaro encontra-se com Elvira, a mulher que elle ama, a sós, em caza de seu tio; e esta particularidade póde fazer nascer um pensamento criminoso na mente do leitor. Pedia-lhe por consequencia o obsequio de emendar isto da melhor maneira. D'uma pequena coisa depende o esboço do credito mais bem fundado; seu amigo

Antonio Gomes».

O romancista enviou as provas emendadas.

Elvira na entrevista com Alvaro fazia-se acompanhar d'uma criada velha, que assistia muda a toda a scena.

Antonio Gomes respirou.

Dentro das provas vinha o seguinte bilhete:

«Veja se vai bem assim. A verosimilhança é aqui atrozmente sacrificada. O disparate é notorio. Adeus».

Inverosimilhança? disparate?... mas que tinha se ficava salva a moralidade... do periodico?

* Seguia-se ainda contar outro caso, mas escasseia o espaço, e nada

se perde com delongar o remate d'este artigo para o número seguinte. Concluir-se-ha pois.

* *

O SNR. CALIXTO E O DENTE PARA TRES:

Apresento ao leitor o snr. Calixto... que eu não' tenho a honra de conhecer; homem de poucas palavras, mas essas acertadas.

Ahi vai o que elle me escreve com data de 18 de Abril:

«Snr. redactor dos «Gafanhotos»:

»A respeito da sua *gafanhogada* — Um dente para tres — tenho a dizer-lhe que a comedia — O dente do siso — imitação do Roussado e a outra do mesmo titulo do Lima e Ferraz são uma e mesma coisa, traducção chatissima da já muito chata farçola franceza — La dent de sagesse — do fallecido auctor Thiboust. A que aqui viu representada pela companhia do Gymnasio era a imitação dos dois ultimos auctores dramaticos (?) acima mencionados.

»Seu venerador,

Calixto».

Muito agradecido. Com franqueza, se não fosse a carta de v. s.^a, nem já me lembrava de semelhante parvoice; e penso que ao leitor havia de succeder o mesmo, se por acaso não tem a dita de se chamar Calixto.

Ha coisas por que não vale a pena incommodar o prélo duas vezes. *O dente do siso* dos tres sujeitos, que ficam mencionados na carta, pertence ao número d'essas.

Basta incommodarem o espectador, quando são levadas á scena... com auctorisação da censura...

* *

A ARMADA BRAZILEIRA E A PLANTA IMPURA DOS PARAGUAYOS:

Como são bravos os brazileiros!

E como estavam com o jogo encoberto ha uns poucos d'annos a esta parte!

Ora ainda bem que foram obrigados a descobri-lo, e com bastante honra para a mãe-patria!

Custou, mas foi.

Um dos ultimos feitos, que a lettra redonda celebrou e fez notorio (a lettra redonda veio substituir a *tuba da fama*, com bem mágoa dos amantes d'antiguidades romanas) foi a maneira por que se viu repellida uma força de paraguayos, que tentou, em canôas, abordar ou chegou a abordar dois encouraçados brasileiros. Que bravura! que denodo!

Eis o que diz um chronista, noticiando o grande acontecimento:

«O que então se passou foi rapido como o relampago. O inimigo roto e esmagado, apenas tinha alento para tentar uma salvação mais precaria, atirando-se ás aguas do Paraguay, que mais uma vez se tingiu com o sangue dos que tiveram o louco arrojo de pôr a planta impura n'esses lenhos onde fluctuava ovante o pavilhão do imperio de Santa Cruz...»

Como isto é magnifico!... Anda-me assim, Brazil! Como depois da guerra te hão de chover em caza os poemas epicos de todos os tamanhos e feitios!

O que eu sinto de véras é que os paraguayos não mandem tambem para cá os seus boletins e correspondencias.

Havia de ser divertido!...

* *

UM HOMEM DA SCIENCIA:

Miguel Antonio frequentou os bancos da Escola Medico-Cirurgica. Nas aulas fazia charadas, porque não sabia fazer outra coisa. Mas despicava-se cá por fóra em conversas com os mais ignorantes do que elle, que não eram outros senão os plenamente ignorantes.

Então é que era o abrir as torneiras ao tunel da erudição academica! Não perdia o minimo ensejo.

Uma vez — eu lhes conto — já depois de formado, arranjou um namoro, uma rapariga sympathica, de rosto oval e madeixas pretas como a aza d'um corvo.

Servia de Mercurio d'estes amores um gallego estúpido—como qualquer gallego sem excepção dos velhacos;

Ainda que, por espaço de quinze dias, não houvesse razão de queixa.

Miguel Antonio, ao entregar a missiva amorosa, para ser depositada nos mãos d'ella, fallava-lhe assim:

—André, toma esta carta; e diz á tua ama que o meu coração não

é a viscera com valvulas para darem passagem ao sangue venal e ao sangue arterial, mas o repositório d'uma paixão, que me tolda o cerebro e especialmente o cerebello, que segundo alguns auctores é a parte onde reside a alma do individuo racional.

Dito isto, com pequenas variantes, a cada entrega de carta, mettia a mão na algibeira do collete, e entregava uma placa de seis vintens ao gallego-Mercurio;

O qual partia como um raio... a beber um trago na taberna d'um seu patricio e amigo, que pelo nome não perde.

Mas á decima primeira ou decima segunda missiva, o subdito hespanhol, um pouco perturbado, não posso dizer agora se do cerebro se do cerebello, foi entregar a carta, que Miguel Antonio dirigia á sympathica menina, ao pai da mesma... que não reparou no sobre-escripto — em branco.

—Esperam pela resposta?

—Não, snr.

—Vai-te embora.

Abriu a missiva o pai, e leu:

«Senhora:

»A ultima carta que recebi do diaphano punho de V. Ex.^a, produziu em mim o effeito que produzem no cadaver os conductores da pilha de Volta ou de Ronkorff. Ainda agora, quando cerro as palpebras, se desenham diante das minhas pupillas em caracteres matisados com as côres em que se decompõe a luz solar, a palavra «amor»... o mais preconizado tonico para os enfermos da alma...»

Não seguiu na leitura o pai da menina; meditou um pouco e chamou-a a final:

—Entregaram-me esta carta...— disse-lhe elle—Julgo que foi engano do criado. Era para ti; não creio que ninguem se entretenha a escrever-me cartas de namoro. Li esta sem querer. Previno-te de que é tolo quem a escreveu, se não te desfructa, o que mais me inclino a suppor. Em qualquer dos casos não te fica bem continuar com a correspondencia...

* No dia seguinte Miguel Antonio era inteirado, d'este acontecimento, por uma carta da menina:

E começava a resposta á missiva nos termos seguintes:

«Ex.^{ma} Snr.^a

«Admira-me que V. Ex.^a não tenha em seu poder um rabo de vassoura com que faça passar o seu criado do estado physiologico ao estado pathologico...»

* Será escusa do accrescentar que o meu homem ainda não se emendou da patetice.

Ha pouco, n'um jantar de bodas, pedia ao noivo um *pentagono de vitella*...

* *

DE COMO OS VENDILHÕES NÃO SAHIRAM DO TEMPLO :

Um dos membros mais sérios da imprensa do Porto deu-nos ha dias noticia d'um facto puramente commercial.

Este membro é o proprio «Commercio» da Ferraria de Baixo; o facto é o seguinte e vem na secção do *noticiario* :

«MISSA : — Principiará desde o proximo domingo a haver missa na capella de Carlos Alberto, *segundo a resolução tomada pelos snrs. Bournay & Guichard*, empresarios do Palacio de crystal, no recinto do qual se acha situada a referida capella.

»A missa será celebrada pelo reverendo Alexandre Pinto Pinheiro, e acompanhada a *orgão*».

Nota-se n'esta noticia do periodico da Ferraria um certo acanhamento, que faz lembrar logo que não era ali o seu lugar.

E não.

Até porque ha outra secção mais adequada ao fim a que se propõe a noticia.

Eu lhes explico :

«ANNUNCIOS DIVERSOS

Novo barateiro sem competidor

Os empresarios do bazar do Palacio de crystal, Bournay & Guichard, teem um liudo sortimento de fazendas, loiças e varios artefactos, que vendem por todo o preço.

Os mesmos previnem o publico de que aos domingos, segundo a resolução tomada, tambem haverá missa — com acompanhamento d'orgão». Não acham que estaria melhor assim a noticia?

* E quando a não quizessem d'esta fórma, d'outro modo ainda. Lá vai :

« ESPECTACULOS

Domingo tantos

Funcção no Palacio de crystal portuense

— Preços reduzidos —

Ás 11 horas da manhã — Missa na capella de Carlos Alberto, dita pelo padre Fulano, e em que se estreará um orgão-realejo.

Á tarde muzica nos jardins.

Entrada para ambos os divertimentos — 50 réis.

N. B. Os logares da sombra estão todos tomados por quarenta e oito pessoas de distincção. Do chalet porém gosa-se commodamente o espectáculo, havendo oculo e *vistas* com as explicações das passagens do orgão e dos directores.

Será ocioso mencionar, que os mesmos emprezarios do Palacio teem um lindo sortimento de fazendas, loiças e varios artefactos, que vendem por todo o preço».

Etc., etc..

* Por isto se vê que o logar para o annuncio da missa não era o destinado ás noticias diversas mas aos annuncios puramente commerciaes, ou aos espectaculos do dia.

Comtudo, se me tornam que elle estava bem, fosse em que parte fosse, porque o periodico, desde a primeira á ultima linha é todo *Commercio* — eu então calo-me... porque não sou teimoso por systema.

* A idéa de se mandar dizer a missa acompanhada a orgão na capella de Carlos Alberto, foi uma idéa feliz. Até já se espera ahi do rei da

Italia a nomeação de cavalheiros de S. Victor e S. Lazaro para os em-
prezarios do bazar. É justo.

U...

Ahi te mando rabiscada ao correr essa meia folha de papel.

Não tenho cabeça nem tempo para mais.

Não te peço que publiques essas linhas. Faze d'ellas o que muito
bem te parecer, comtanto que não te esqueças de fallar no proximo n.º
dos teus «Gafanhotos» da gazetilha do «Commercio» e da intensão pouco
pura dos emprezarios do Palacio de crystal.

Teu

Chico

* *

OS TE-DEUMS DO SNR. VISCONDE...

O enthusiasmo que se traduz no estourar das bombas dos foguetes,
nas luminarias das janellas e nas barricadas d'alcatrão a arderem pelas ruas,
é um enthusiasmo corriqueiro, d'arraial; o enthusiasmo que se traduz nos
Te-Deums e nos repiques de sinos, é um enthusiasmo serio, decente e
muito para inflamar os corações devotos.

Por isso o snr. visconde da Trindade, uma das notabilidades d'este
nosso tempo, querendo dar público testemunho do enthusiasmo de que se
achava possuido pelo resultado da guerra do Brazil contra o Paraguay,
mandou celebrar um Te-Deum na sua igreja.

Antes do Te-Deum houve oração commemorativa do caso, por um
dos ornamentos do nosso pulpito, o snr. dr. Alves Mendes.

Assistiu á cerimonia o snr. bispo, o snr. consul do imperio, e varios
cavalheiros e senhoras.

Foi um acontecimento a festa, como se costuma agora dizer, mas
um acontecimento digno de passar á historia com o nome do que forne-
ceu os dinheiros para ella... se de ha muito não pertencesse á historia o
nome do snr. visconde da Trindade.

* Esteve brilhante e digna do alto feito d'armas que lembrava, a
festa do nosso patricio. Musica no largo, bandeiras nas torres, soldados
ás portas, repiques de sinos, e orchestra escolhida no templo.

A oração correspondeu aos creditos do orador... e á elevação do assumpto.

No dizer de s. exc.^a, o Brazil era um imperio florentissimo, onde tudo era oiro — e azul; o Paraguay uma republica de barbaros, o exercito brasileiro, um *punhado* de bravos, o Humaitá uma coisa inexpugnavel... até á data em que foi expugnada.

Não faltaram rasgos d'eloquencia, que por mais d'uma vez conseguiram fazer-me esquecer o objecto de que se tratava.

No fim da oração um sujeito que se conservava ao meu lado, e tinha prestado toda a attenção ao orador, voltou-se para mim e perguntou-me — a como estava o cambio.

Antes de eu confessar a minha ignorancia, um brasileiro, que repousava assento e barriga n'um banco em frente de nós, voltou-se para traz e respondeu com ar de satisfação, que estava a dezenove...

O meu interlocutor agradeceu cortezmente ao obsequioso cavalheiro e continuou a prestar toda a attenção á cerimonia.

* O convite para o Te-Deum era assignado e feito pelo snr. visconde.

Parece que o fraco de s. exc.^a é-os Te-Deums. Não ha muito que mandou celebrar um em acção de graças por ter falseado a punhalada, que um subdito de s. m. catholica, dirigia ao coração da mesma.

Hoje tivemos outro, pelo motivo que sabemos; e já se falla em um terceiro por motivos que ainda ninguem sabe, incluindo o snr. visconde.

Mas os motivos são uma coisa secundaria; o que se quer é o Te-Deum.

Vamos a elle!

* *

O «COMMERCIO DO PORTO» E A ESCÓLA D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA:

Meu caro redactor:

E' notavel a similhaça, que o seu «Commercio do Perú» tem com o nosso «Commercio do Porto»! Olhe que para fallar com toda a fran-

queza, até já entrou em mim a dúvida de que, se um e outro não fariam mais do que uma e a mesma gazeta.

Isto digo-lh'o eu a si confidencialmente, que, em público, Deus me livre! aquillo é gente para chamar qualquer aos tribunaes!

Porque pundonor não lhe falta! O que lhe falta menos é pundonor; palavra d'honra!

Mas vamos ao caso. Não trato do «Commercio», que deve ser no Perú uma folha-modelo, mas do «Commercio», que é o modelo das folhas entre nós.

V. já aconselhou aos redactores da candida vestal da Ferraria mandarem para a escola do ensino mutuo alguns dos seus collaboradores, mas ao que parece a idéa não foi abraçada.

Pois deixe-me dizer-lhe que não andou com acerto o «Commercio».

Um periodico d'aquelle feitio, o oraculo d'uma classe respeitavel, não devia só primar na *moralidade e conveniencia* dos seus escriptos, mas na confecção d'elles com referencia á grammatica portugueza.

Agora mesmo acabo de ler uma noticia em que se recommenda o sarão musical e dramatico em beneficio da sociedade de soccorros dos typographos portuenses, que deverá ter logar no theatro de S. João; e na qual noticia se lê, que o espectáculo, além d'algumas outras coisas, constará:

«... d'uma poesia do snr. Pinheiro Caldas intitulada «Gloria», recitada pelo snr. Villar Coelho, e d'uma cantata pelo snr. José Romano, com acompanhamento d'orchestra, *de quem é a poesia*».

Ora eu podia apostar em como a poesia não é da orchestra; a poesia, a meu juizo e a juizo tambem de quem arranjou o programma do espectáculo, é do snr. José Romano. A illustrada folha quiz talvez dizer isso, mas não lhe chegou a lingua.

— O «Commercio do Porto» — observou-me um sujeito, fallando-se n'este assumpto—resolveu divertir-se á custa da nossa gente, ou da gente d'elle, de quem ha muito conhece as forças, e está insoffrivel.

Não o creia o meu amigo redactor.

O «Commercio» é um negocio e um negocio de bota-fóra; por isso nos vem cá para fóra d'aquillo, que seria reparado e censurado n'uma caza em que a litteratura sã e escorreita não fosse contrabando.

Apezar de o julgar escusado, porque v. não perde de vista os D. Bazilios de toda a casta, recommendo-lh'o.

Já que o meu amigo por si não póde mais, apresente-no-l'ó, sempre que possa, em sua stulta nudez, este negociante de palavras impressas em grandes folhas de papel.

Seu am.º

18 d'Abril.

Figaro.

* *

UM PARAGUAYO DISFARÇADO :

Escrevem do Rio de Janeiro para um periodico de Lisboa :

«Os que tomaram parte na passagem do Humaitá, todos tem sido galardoados, até os proprios navios.

«Espera-se que não fique em esquecimento, para ser devidamente condecorada, a enchente das aguas do rio, que n'esse feito heroico tomou uma parte tão activa».

Ora sempre é muito pedaço d'asno este correspondente!... O que eu suspeito é que seja um paraguayó disfarçado!

Metter a riso coisas de tanta seriedade e gravidade!...

Deitar para o ridiculo um feito d'armas de tal ordem..., que não tem outro na historia do mundo com que se possa comparar!?...

Fóra, bruto!

CSSF

56770

OS GAFANHOTOS

1.^a SERIE

REVISTA MENSAL

N.º 4-1868

JUNHO—

Uma gazeta modelo :—*estudo de costumes litterarios no Perú*—Viram por ahi o Lopes? —O snr. Vieira de Castro (José) no Ermo—Meditações do snr. Bento no Prado do Repouso—O «Phebus Moniz» e o crítico das «Pupillas»—Enthusiasmos patrioticos d'um brazileira—Educação guerreira no Brazil—Entre parenthesis : *Delyrios do amor*, romance contemporaneo e mycroscopico—O lyrismo do snr. Antonio Feliciano—Um poeta brazileiro em Tuyú-Cué, versos funebres—O snr. Caldeira e os erros typographicos—Os touros no Palacio de Crystal... e os vandalos—Uma fera no povoado : Aviso aos paes de familia—De como os soldados paraguayos eram de couro—Um traductor alarve—Por não poder ser.

— * —

UMA GAZETA MODELO :—*estudo de costumes litterarios no Perú* :
Concluamos.

Um terceiro caso e seja o ultimo :

Appareceu na capital um volume bem impresso e mal escripto, constante de verso e prosa; verso chato, que o vulgo denomina debaixo do titulo generico de poesia, e prosa que não se afastava do parceiro; pequenos artigos sem fundo nem fórma, em que o auctor se via de contínuo a braços com a sua impotencia, fazendo, no dialecto expressivo do povo, das tripas coração.

E de toda a parte resoava a *trombeta da fama*, no dizer dos Arcades—que era um juizo final, a apregoar em tom de arauto de feira, o aborto de concepção e de estylo.

—Você escreve um elogio ao livro de fulano para o «Commercio do Perú»?—disse um dia a José de Souza, o tal do volume de caricaturas, um sujeito incumbido de agenciar gabos para o apontado.

—Não escrevo. Hei de fallar do livro, mas como elle merece...

—Tem sido elogiado...

—Não importa. Elogiam-n'o aquelles a quem o livro não custou dinheiro; quem o comprou, chora...

—E' o mesmo; vou bater a outra porta.

No dia seguinte lia-se no «Commercio do Perú», uma extensa noticia da qual aproveitarei o seguinte, cuja textualidade aſianço:

«*Publicação litteraria*: — Acaba de ser publicada e está á venda nas livrarias uma obra de litteratura amena, que—dizemo-l'o com «disura e convicção» — ha de ficar archivada com elogio entre as melhores do anno, e tambem se nos não enganamos muito, póde contar com uma popularidade merecida entre as merecidas. Referimo-nos ás *Noites sem lua*, do snr. José Benevides, nome «já bastante conhecido no mundo das letras», etc... «Não são phrazes banaes.» No livro que mencionamos ha realmente poemas de notavel merecimento assim no genero sentimental, como no genero comico.»

O livro tinha *na verdade* POEMAS de notavel merecimento. O sujeito encarregado, pelo agente de gabos, de embocar a trombeta da fama na gazetilha do «Commercio do Perú», nem ao menos se tinha dado ao trabalho de abrir o livro de que fallava.

Escreveu a pomposa noticia sobre um cartaz das esquinas. Compennetrára-se do espirito da folha para que escrevia.

* D'outra vez... peço licença para notar outro caso, que vem completar a phisionomia de Antonio Gomes ou da sua folha... commercial.

Até aqui o ridiculo, agora o baixo, o indigno.

N'um reino visinho do... Perú, cujo povo d'escravos vergava ao peso do sceptro de bronze, que uma fragil criatura empunhava com mão viril, ergueram-se alguns centenaes d'homens, anciosos de respirarem o ar purissimo da liberdade, martyres que se offereciam em holocausto ao santo amor da patria, a conclamar, a protestar contra o aviltamento a que tinham chegado.

Era grandioso e sublime! Não havia alma nobre que não estivesse com aquelles infelizes.

Mas é que esses infelizes, se tinham por si os votos e as preces de quem lhes sabia comprehender os santissimos anhelos, tinham contra si uma floresta de bayonetas pagas pelos cofres do estado.

Antonio Gomes, fiel aos seus principios, era pelo mais forte.

Na revista estrangeira lia-se (textual):

«Se os revolucionarios na... no tal reino, não teem feito alguma coisa mais do que o que referem as folhas de... da localidade, é claro que não valem os seus feitos o trabalho de menção especial. São uns pobres loucos que suspiram pelo fuzilamento, como muita gente suspira por larga vida...»

Que cynismo!

Para este cata-vento da imprensa não ha esforços grandiosos nem acções heroicas. Aos olhos do escriba do «Commercio do Perú» os quarenta portuguezes da expulsão dos Philippes, os revolucionarios de 1820, os sete mil e quinhentos bravos das arêas do Mindello, os inforcados da Praça Nova eram uns pobres loucos... que suspiravam pelo fusilamento e pelo patibulo, como muita gente suspira por larga vida...

.....
O «Commercio do Perú» é uma das folhas mais lidas... do imperio.

Antonio Gomes conheceu bem os individuos com quem tinha a tratar. Antonio Lopes é um authomato.

Um dia, quando eu quizer *arranjar vida* pelo jornalismo, e a barriga mostre certas tendencias a abaular-se, vendarei os olhos á minha consciencia, e publicarei um periodico assim.

Um periodico, onde se respeite tudo... menos o decoro devido á imprensa, ao senso commum e á grammatica.

A razão d'isto é facil de prever.

O decoro, o senso-commum e a grammatica não consta que tenham assignatura aberta em escriptorio de redacção alguma.

* *

VIRAM POR AHI O LOPES?

Como são finos os brasileiros e como são estupidos os paraguayos!

Que exemplos de bravura e tactica ha tres annos a esta parte os brasileiros não estão dando ao Universo... e que provas d'ignorancia de coisas bellicas não teem fornecido os paraguayos!

Lopes, — estás bem aviado! antes, á imitação do Ulysses, tivesses ido botar tacões para o cimo da Cotovia! livravas-te do, já agora, ine-

vitavel desaire de te mandarem para o carcere, uma bella noite em que te pilhem descuidado a escrever para a familia.

E um homem na tua posição dispensava bem essa vergonha; sabes o que são as más linguas...

* — ¿O Lopes; onde está o Lopes? viram acaso o Lopes?

E ninguem sabe do Lopes! e ninguem dá noticias do monstro!

Uma vez grita um dos espiões que o farejavam:

— Elle cá está! venham todos! acudam!

Acodem.

— Que é d'elle?

— Fugiu...

— Por onde?

— Não sei.

— Toca a procurar.

E lá vai cada qual para a sua banda á procura do Lopes, o intangivel, do Lopes, o paraguayo.

* Mas d'esta feita não escapas; a tua cabeça está pendente d'um fio.

Á hora a que eu escrevo, deve-se ter distribuido pelo exercito brasileiro, em cartões de visita, o retrato photographico do celebre tyranno, e um par d'oculos de vista cançada para cada soldado.

Com estes elementos, é contar com a apprehensão do bicho.

* *

O SNR. VIEIRA DE CASTRO (JOSÉ) NO ERMO:

Ha dois annos tinha o snr. Vieira de Castro (José) a entrar no prelo, segundo se vê d'um annuncio que mandou imprimir na capa dos seus «Discursos parlamentares», um volume denominado—«Noites do Ermo»;

E ha dois annos tambem esperam debalde os admiradores do talentoso moço o apparecimento de tal volume, cujo titulo é para aguçar curiosidades e prometter coisas de sacudir os nervos á gente.

O livro provavelmente d'ha muito que está acabado; nem creio que o snr. José Cardozo quizesse imitar alguns burlistas francezes cuja primeira e ultima publicação os eleva á cathegoria de fecundos, graças aos

que teem á vez no prelo:—ao snr. José Cardoso o que faltava era tempo e quietação para dar a ultima vista pela sua obra. A politica absorvia-lhe a melhor parte do dia; e o resto era para descansar...

Mas com aquella ingratição dos lavradores da Maia veio-lhe o descanço e o desengano do mundo, e com o desengano e o descanço é muito d'esperar que lhe nasçam desejos de continuar no cultivo das boas lettras... como todos hemos mister.

A «Pagina da Universidade» e a «Biographia de Camillo Castello Branco» são um bom penhor do merecimento litterario e philosophico das «Noites do Ermo», e do mais que nos tenha de vir do engenho de s. exc.^a, o ex-deputado por Fafe e ex-candidato a deputado pela Maia.

* *

MEDITAÇÕES DO SNR. BENTO NO PRADO DO REPOUZO :

O «Commercio do Porto» da Ferraria de Baixo (é preciso distinguir; que ninguem confunda este da Ferraria com aquell'outro dos Ferros-Velhos, ainda que no fundo tudo seja commercio) — o engravatado e pansudo burguez da nossa imprensa periodica, é admiravel até nos communicados!

Ultimamente dei de face com um, eu que não leio communicados, nem annuncios, nem artigos de fundo, que vale bem o dinheiro que o auctor deu pela sua inserção, e não desdiz do restante da folha.

Ali os redactores pagos e os collaboradores d'ocasião correm todos parellas; diante do *espírito* do «Commercio» são todos eguaes.

O *espírito* do «Commercio» é o nivelador dos talentos, das mediocridades e das nullidades que teem entrada n'aquella grande caza de negocio.

* O communicado, a que acima alludi, vem espremido entre duas funebres tarjas pretas, intitula-se *Duas horas no Prado do Repouzo*, e traz um nome, que é promettedor d'um futuro litterario muito para encarecer o papel d'impressão e embaratecer o papel d'embrulho.

O nome do auctor das *Duas horas* é Bento A. P. da Nobrega; não se esqueçam d'elle para um dia me dizerem se tenho geito para adivinho

Agora trata-se do lugubre communicado :

Vamos a elle :

«I — Principiava o astro do sol a dourar as collinas quando eu transpunha os humbraes do cemiterio, n'esse chão razo aonde o silencio impera, aonde o monarcha depõe o sceptro, aonde o magistrado despe a toga, aonde o nobre esquece os seus brazões, aonde o operario descança de um trabalho fastidioso, aonde finalmente todo o genero humano rasga a tela da ambição.»

Já se vê que o snr. Bento começa bem; nunca pessoa alguma se lembrou de dizer estas coisas do cemiterio... Ha originalidade em tudo isto. E' bem certo que o cemiterio é o chão razo aonde o monarcha depõe o sceptro e todo o genero humano rasga a tela da ambição...

Pois...

«Foi n'esse campo, aonde a igualdade é lei, foi n'esse campo aonde cruzei os braços e meditei a fundo, foi n'esse campo aonde a recordação me alimentava a mente, foi... oh! meu Deus, aonde a descrença fez envolver no pó do nada o mancebo auspicioso, o amigo dedicado e o filho obediente!»

* O amigo dedicado e o mancebo obediente, envolvido no pó da descrença chamava-se Alfredo. O snr. Bento com os braços cruzados, medita a fundo pelo theor seguinte:

«II —
..... — Pois não é aqui que Alfredo tem a sua morada? — perguntava eu a sós commigo; se não fosse eu um dos que o viram desaparecer da face da terra, respondia: — Não é aqui. — A passos lentos, com as ideias fixas n'aquelle recinto lugubre, aonde a fôrma humana medita, percorri por entre os ciprestes inscripção por inscripção, mas o epitaphio de Alfredo que dissesse — Aqui jaz — não o vi; revestido então da paciencia de amigo, alimentada ao mesmo tempo por o espirito de classe, volvi as ideias, até que alfim encontrei uma pedra raza, junto da qual me disseram: — Aqui jazem os restos mortaes do infeliz Alfredo.»

E o infeliz Bento da Nobrega volveu as ideias até que lhe disseram, junto d'uma pedra raza que elle encontrou: — Aqui jazem os restos mortaes do infeliz Alfredo...

E antes d'isso tinha já o mencionado Bento percorrido a passos vagarosos aquelle recinto lugubre aonde a fôrma humana medita, com as ideias fixas n'elle, á procura d'um epitaphio que dissesse — Aqui jaz — !

E alfim encontrou um que não dizia nada!.....

* E continuou com os braços cruzados a meditar a fundo :

«III — Qual a minha surpresa ao ver o abandono além da campa — qual... se a expressão de amigo profundasse os corações d'aquelles que te removeram da terra, para te dar uma nova morada, e que depois verdadeiramente sentidos de terem vilipendiado as cinzas de um collega amigo, então, Alfredo, seria gravado o teu nome sobre a pedra que te escondeu de uma vida fallaz; seria levantada uma pyramide que dissesse — Aqui jaz. E nunca esquecendo os deveres de amigo, nunca esquecendo os deveres de irmão, nunca fugindo aos deveres do capricho, servindo o deprêso apenas de pedestal á tua memoria!...»

E virou-se para o infeliz, que jazia no chão razo aonde o monarcha depõe o sceptro e disse-lhe d'esta forma :

«Alfredo: — Se foi a allucinação que te arrojou ao crime, se foi o pouco espirito que fez com que tu manchasses a face do Senhor, se foi a tua pouca crença que te reduziu ao nada — que importa?.. sim, que importa o mundo se a illusão é certa, que importa o vilipendioso da sociedade, quando, nos momentos do arrependimento, o Deus Omnipotente te dictou um perdão eterno; que importa, sim, se a tua alma voou á mansão dos justos, aonde o amor é vida?»

E digo eu agora ao auctor do escripto :

Bento: — Se foi a allucinação, que te inspirou tanta asneira, se foi o desejo de te veres em lettra redonda, que te levou a mandares para a imprensa tamanho chorrilho de disparates — que importa?... sim, que importa o mundo se a illusão é vã, e os disparates e as asneiras são ás canastras, e o «Commercio do Porto» as admite nas suas columnas porque estão no espirito d'elle? que importa, sim, quando se pagam quarenta reis por linha e se gosa d'uma celebridade, a que dão jus os alludidos quarenta reis, dobrados tantas vezes quantas são as linhas do necrologio impresso?

Bento!... que importa o mundo?... fizeste muito bem... dá cá a tua mão...

* Afinal, o digno Bento sahiu do cemiterio, aonde o magistrado despe a toga e o mundo rasga a tela da ambição.

«IV — Deveres da minha posição fizeram com que dictasse um saudoso adeus ao recinto aonde meditei a fundo; — sahi.....»
»

De mais a mais este Bento das *Duas horas no Prado do Repouzo*, é o modelo dos Bentos da sua profissão. Como ninguem é senhor de si, e o meu Bento, ao que se deixa adivinhar, seja zeloso dos seus deveres, porque elles o chamassem, dictou um adeus saudoso ao lugar, aonde meditou a fundo, tirou o seu chapeo e foi-se.

Outro qualquer, absorto a meditar a fundo, nem se teria lembrado dos deveres da sua profissão... que eu ignoro qual seja.

Mas foi aquillo uma providencia... para poupar ao guarda do cemiterio o incómodo de o mandar pôr fóra, e aos leitores do funebre comunicado o desgosto de deixarem a leitura em meio.

O «Commercio» é que deve estar satisfeito com um tal freguez de necrologios para rir.

Muitos, venham muitos como este, e que se torçam e mordam d'enraivados os invejosos.

Parabens, ó Bento!...

* *

O «PHEBUS MONIZ» E O CRITICO DAS «PUPILLAS» :

O snr. Luciano Cordeiro, julgador severo em litteratura, por o que deixou entrever n'uma crítica ás «Pupillas do snr. Reitor», elevou ás nuvens, por occasião da crítica citada o «Phebus Moniz», romance que tem passado, despercebido até hoje no mercado das letras, e de que é auctor o snr. Oliveira Martins, sujeito pouco mais conhecido que o romance.

Não venho quebrar lanças pelo escripto do snr. Julio Diniz, nem tão pouco denegar superioridades e excellencias á producção do snr. Oliveira. Nem o primeiro ganhava com a minha defeza, nem o segundo perdia com a minha crítica.

Mas seja-me lícito dizer que o livro d'este ultimo litterato não é nenhum monumento erguido ao senso-commum, e ainda menos á grammatica da nossa lingua, a qual grammatica não é a do snr. Aulete.

O illustre crítico ou é myope ou não quiz vêr.

* A primeira pagina do segundo volume, o unico do Phebus com que um amigo me favoreceu, diz assim :

«O Cardeal era um espirito incapaz para domar a procella, que se sentára com elle no throno; a influencia castelhana tinha-o dominado desde o principio do seu governo, e conseguira tomal-o n'uma teia, d'onde o velho não podia fugir. A aranha prendia a vespa; mas o insecto, debatendo-se nas agonias da morte e nos impetos d'um odio senil, descarregava aqui e acolá uma ferroadada, não alcançando com isso mais do que exaurir-se de forças e desprestigiar-se.»

Deve ser, na verdade, um espectaculo muito para se vêr a lucta da vespa com a aranha; a aranha a prender a vespa na teia, e o insecto a exaurir-se de forças e a desprestigiar-se, descarregando aqui e acolá uma ferroadada...

Mas se elle por acaso acerta na aranha e a mata?—Não póde... que se debate nas agonias da morte e nos impetos d'um odio senil...

Uma vespa assim...!

* O auctor do «Phebus» é um portento em comparações. Sahem-lhe do bico da penna tão naturaes, pinta por meio d'ellas tanto ao vivo, o objecto, que nos quer dar a conhecer, que uma pessoa cuida têl-o diante dos olhos (ao objecto).

Quasi em seguida:

«...; e o velho que se entregára atado de mãos e pés á causa castelhana, não querendo romper formalmente com os partidos nacionaes, encontrou-se n'uma perplexidade cruel, n'uma vacillação contínua, como o navio sem leme no meio da tempestade. E' esta a feição do seu reinado.»

O Cardeal estava perplexo... vacillante, como o navio sem leme—no meio da tempestade!

A feição do reinado do Cardeal era esta... a do navio sem leme... perplexo e vacillante... no meio da tempestade!

* Agora, ao acaso:

A paginas 44 falla-se de Portugal, que se ia arruinando de dia para dia:

«Desabava o minado edificio, que até ali se sustentára n'uma pedra comida de vermes. Começou então a despedaçar-se; hoje tomba no chão

um lanço de muro, amanhã se despenha o telhado, caem depois as madeiras, some-se tudo enfim n'um vortice medonho!...»

Vê-se que o snr. Martins não é feliz com os bichos.

Aquella pedra comida de vermes, apoio do edificio minado lembra á gente uma certa arvore das «Odes modernas», cercada tambem de vermes, que tentam, mas debalde, comer-lhe o tronco. A final quem são comidos são os vermes; porque

Hão de gastar os dentes n'essa lida
Hão de gastar depois ainda a cabeça
Hão de gastar por fim o corpo todo!

Aquelles, os bichos do snr. Martins, deram em comer uma pedra, e conseguiram-n'o; estes, os bichos do snr. Anthero forcejavam por comer o tronco d'uma arvore e eram comidos por ella.

Mundo!

E então começou a despedaçar-se o edificio, que pousava sobre a tal pedra bichosa; e vejam como se despedaçava elle: tombando hoje no chão um lanço de muro, amanhã despedaçando-se o telhado, cahindo depois as madeiras e sumindo-se tudo finalmente n'um vortice medonho.

Pois não seria mais natural *despenhar-se* o telhado, antes de *tombiar* o muro com as madeiras? Não parece disparate, contrario a todas as leis da gravidade, esbarrondar-se um edificio qualquer, e só no dia seguinte cahir o telhado?...

* Por ultimo, prove-se que o snr. Martins, auctor do «Phebus Moniz», romance historico do seculo XVI, não sabe os rudimentos da grammatica da sua lingua:

Abusando da liberdade de romancista, o snr. Martins, em uma nota final, na penultima pagina do livro, imagina que o seu heroe, que tinha combatido a união de Portugal com a Hispanha no tempo do Cardeal-rei, se voltasse ao mundo nos diria com *aquelle gesto inflammado e aquella voz terrivel*:

«Hontem nem vós possuieis a força, que dá a illustração, para *defenderes* os vossos foros, nem ella, a Hispanha, a força para se reger a si propria. Hontem, eu vos diria—NÃO! Eu seria o primeiro a armar os

vossos braços para *defenderes* os direitos em perigo. Reparai bem n'isto. Hontem não!

»Mas hoje? Hoje SIM.»

A repetição da mesma palavra, escripta pelo mesmo theor, vem-nos desvanecer as duvidas de que o erro seja typographico.

A verdade é que o snr. Martins não sabe conjugar o verbo *defender*... áparte a doutrina com que deslustra a memoria do grande patriota—como se tivesse procuração do outro mundo para ser o interprete das ideias d'elle no seculo XIX.

* E é este o livro que o Planche de Lisboa, o snr. Cordeiro, que foi lobo para a obra do snr. Julio Diniz, oppõe ás «Pupillas do snr. Reitor»!

E por cima ainda, chama-lhes burla! Com franqueza isto não é sério!

* *

ENTHUSIASMOS PATRIOTICOS D'UM RRAZILEIRO :

Ainda a passagem do Humaitá! Ainda esse grande feito da marinha brazileira!

Lá vai mais um trecho sobre o fabuloso assumpto, esgravatado (mas o trecho) n'um periodico litterario do Rio de Janeiro, intitulado a «Semana illustrada».

Lê isto, Europa, cobre as faces com as mãos, d'envergonhada, e cala-te; porque, ás duas por tres, aquella gente não é para graças e um bello dia póde surgir ahi, sem ser esperada, a tomar-se de palavras contigo.

Deixa-te a fiar na tua roca, velha arrogante, e abafa os teus brios de guerreira, que não és senhora de te bateres á marrada com o menos bravo dos soldados brazileiros.

Aquillo é outra louça e de mais a mais são outras cabeças! cabeças de pederneira, que lembram a conveniencia da broca e do rastilho.

Mas apartei-me do assumpto; vamos a vêr isto:

«A grandeza, o esplendor da victoria de 19 d'este mez, feito naval de brilhantismo inextinguivel, são capazes de aparvalhar talentos robustos, quanto mais o fraco bestunto de obscuro escriptor como eu sou! —(Modestia...)

» Houve motivos para delirar de *prazer*...

» Dia 19 de Fevereiro!

» Qual a marinha do mundo que tem outro igual?

» Os dias de Aboukir, de Trafalgar, de Port-Hudson, de Charlstown são gloriosos, sem duvida, mas os successos, que *romemoram*, não exceedem, em audacia, precisão e sciencia, o da heroica e prodigiosa passagem de Humaitá; ficam-lhe bastante áquem. (Isto é sério porque não está em gripho...)

» Salvè, tres vezes salvè, Brazil querido!

» Acabas de ennobrecer-te para todo o sempre com um triumpho estupendo.

» Teu credito elevou-se á immensa altura e o da tua marinha de guerra não poderia subir mais alto. (Foi ás nuvens).

» Glorifica-te, Brazil, glorificando o bravo barão de Inhauma, obreiro da esplendida victoria, e os bravos officiaes e marinhagem, que a fizeram sahir radiante de heroicidade do plano em que foi gerada.»

Esta ultima parte é intrincada; porque não percebo como o barão de Inhauma e a sua gente fizesse sahir a victoria radiante de heroicidade, do plano onde fôra gerada.

Aqui ha sentido occulto... Veja o sabio leitor se descobre o que se quer dizer n'isto que eu—tenho mais que fazer.

* *

EDUCAÇÃO GUERREIRA NO BRAZIL:

Falla-se em que, depois de terminada a rixa do Brazil com o Paraguay, se abrirá no Rio de Janeiro uma Academia d'Heroismo, para onde serão nomeados professores vitalicios os bravos do Humaitá e Curupaity, e approvada para compendio a historia de guerra em que melhor se mostre que os brasileiros não eram de manteiga e os paraguayos não eram de palha.

O que d'ali, da historia e da Academia não sahirá! Voltamos ao tempo da cavallaria e dos torneios!

* *

ENTRE PARENTHESIS:

Vou pedir ao leitor dos «Gafanhotos» licença para lhe dar aqui a historia d'uma paixão infeliz, a qual historia, escripta em uma tira de papel pautado, achei ha dias dentro do canno d'uma bota velha.

Será como um parenthesis aberto n'esta revista.

Diz assim o frontispicio :

DELYRIOS DO AMOR

romance contemporaneo e mycroscopico

I

Elle tinha os olhos grandes e o nariz rombudo.

Era um original. Chamava-se Rufino.

Um dia encontrou-me.

Vinha pallido e trazia as mãos nos bolsos.

—Não sabes?—disse-me elle com voz cavernosa.

—O que?

—Ella... é-me infiel.

—Quem?

—Ella!

—Não conheço...

—Ella mentiu-me!... sacrificou-me!... Ainda has de ouvir fallar de mim. Adeus.

—Adeus.

E partiu com as mãos nos bolsos.

II

Que foi?

No olhar torvo do meu amigo havia o quer que era de selvagem, que lhe vinha do ponto mais negro do coração.

Fiquei admirado;

Porque o tinha sempre tido na conta d'um pobre moço, incapaz de fazer mal a um insecto.

Mas disse não sei quem não sei aonde, que o amor mudava um covarde n'um bravo e n'um bravo um covarde...

O auctor d'estas linhas saúda esse não sei quem. Devia ter sido um grande homem do seu tempo.

III

E tornei a encontral-o d'ahi a dias.

Envolvia-lhe o pescoço um cache-nez vermelho, côr de sangue de boi.

O peso do chapéo fazia-lhe vergar as orelhas.

Estava pallido...

E arrastava uma bengala de martello.

O amor, pois, tinha feito d'aquelle cordeiro, d'aquelle innocente borrego, que eu conhecêra nos dias felizes de serenidade para o seu coração, uma fera, um rhinoceronte, um crocodilo!

—Que tens?

—Ella continúa a zombar.

—Mas que t'importa a mulher?

—Cala-te! fui-lhe declarar guerra...

—Deixa-te d'isso...

—Cala-te! — exclamou o Rufino irado, e continuou mais sereno. — Encarou commigo e tornou-se pallida. Ainda has de ouvir fallar de mim. Olha...

—O que?

—Não vês este cache-nez... rubro?

—Que tem?

—Não comprehendes? significa exterminio... fui-lhe declarar guerra...

—Basta...

E seguimos em caminho opposto, ambos pensativos.

IV

Para dizer a verdade, tive dó d'elle.

Ninguém que ponha uma navalha na cara está livre de se namorar loucamente de qualquer Anna Bolena de coração inconstante,

De se vêr desprezado, escarnecido, ludibriado pela dita Anna Bolena, que se namora do primeiro quebra-esquinas de charuto na bocca,

E de fazer alguma asneira... como quebrar os ossos, ou esmurrar os queixos ao sobredito quebra-esquinas...

Tenho pena do pobre do meu amigo, repito.

Se elle resvalar no atoleiro do crime—quem será o culpado?

V

Esbarramos um com o outro ao voltar uma rua.

Vinha mais enfiado e mais sinistro ainda, que da ultima vez em que *lhe* foi declarar guerra, a ella, com um cache-nez côr de sangue, enroscado no pescoço.

Não tinha penteado as guedelhas, nem amaciado com a manga do casaco o pêllo do seu chapéo de seda, o qual pêllo estava ouriçado como se fosse d'um gato em cólera.

Nos olhos havia como que o reflexo vermelho d'um incendio pavoroso....

E mascava um palito...

—Innocencio—disse-me elle (não o palito, o Rufino) com a voz cava—tens sido o meu confidente, o meu amigo... queria pedir-te um favor...

E os labios tremiam-lhe convulsos.

—Falla.

—Já sabes. Aquella mulher jurou perder-me. Não durmo, não como, não bebo... Agora vou passar-lhe por diante da porta. Vês este embrulho atado com um barbante?

—Vejo.

—São as suas cartas, em que me jura um amor sem limites, e a trança de cabello e uma gravata bordada nas pontas...

—Mas que vais fazer com isso, desgraçado?!

—Que vou fazer?! ainda o perguntas? vou passar-lhe por diante da janella e dar na cara do meu infame rival com este embrulho de cartas!... Deixa que ainda has de ouvir fallar de mim...—acrescentou o misero, sorrindo como costumam sorrir os lobos e outros bichos d'igual ferocidade.

—Homem, deixa-te d'asneiras.

—Não deixo, Innocencio ; perdôa, mas não deixo. Paga-m'as todas juntas.

—E se o teu rival te desanca os lombos?

—Ai d'elle!...

A este rugido, medi d'alto a baixo o meu infeliz amigo. Cuidei que estava em dialogo com uma hyena.

—Faze o que tu quizeres. Sinto que não possas esquecer a mulher...

Eu ia a accrescentar:

«... que te poz os miolos n'esse estado...»

Mas fui a tempo d'emendar:

— ... que te roubou o socego... do espirito. Adeus.

— Ouve. Ainda não disse o favor que te queria pedir..... Ha momentos em que um homem estimava cahir fulminado... por uma apoplexia. Empresta-me cinco tostões.

.....

CONCLUSÃO

Depois nunca mais o tornei a encontrar nem soube noticias d'elle.

Têl-o-hiam prendido?

Ter-se-ia suicidado?

Ou teria morrido de uma apoplexia como eram seus desejos?

Leio nos periodicos diariamente a parte denominada *occorrencias policiaes*, não me escapa um unico suicidio com ou sem cabeças de phosphoros, corro um por um os nomes que formam o registro parochial, no tocante a obitos, mas ainda não vi Rufino Maria a figurar em qualquer d'estas secções...

Que me dizem? — Talvez emigrasse...

Post-scriptum

Uma novidade importante. Acabo de fallar com o meu infeliz amigo. Nem comeu cabeças de phosphoros, nem foi preso para o aljube, nem morreu fulminado.

Cazou-se...

Mas não com a perjura. Essa uniu-se pelos sagrados laços do hymeneu, com um tio paterno... que veio do Brazil; e fez bem.

Rufino estava vingado.

Mas a historia do seu casamento é uma historia muito comprida.

Se elle me der licença — hei de escrevel-a n'outra tira de papel.

Fim dos DELIRIOS DO AMOR.

* Vou vêr se encontro a segunda parte d'este romance de tres paginas, em que ha o jogo das paixões; o amor, o despeito, o ciume... e cinco tostões para fóra do bolso.

Não se perca tudo.

* *

O LYRISMO DO SNR. ANTONIO FELICIANO:

O snr. Castilho deu á luz na «Gazeta litteraria» do snr. Camillo Castello Branco, periodico semanal, cuja longa existencia de quatro mezes faz muita honra aos assignantes mais ao redactor, porque não creio que o editor fique lesado com esta publicação, deu á luz, repito, uns versos que são a traducção d'outros d'Ovidio.

Talvez fosse desnecessario dizer que eram uma traducção. O snr. Castilho não parece resolvido a aproveitar o seu grande talento de versista (indague-se a differença entre poeta e versista), senão em traducções mais ou menos semsaboronas.

E d'ahi, quem me afiança que o snr. Castilho não anda muito acertadamente n'este seu proposito?

Os versos a que eu alludi acima foram publicados na primeira pagina do numero 15.º da «Gazeta litteraria» e constituem parte do canto 1.º da «Arte de desamar, d'Ovidio, o auctor da Arte d'amar».

E diz o auctor da *Noite do Castello*:

A ti, que insano iidas
a fim de desamar, e bem devéras
quererias podel-o, a t. só fallo;
para ti sou eu mestre e vou proval-o.

E agora vai o leitor saber como ha de desamar, se chegou a render o coração a alguma joven Lilia, que ficará pensativa e delirante, a divagar em seu jardim...

Ouçã os conselhos do *mestre* :

Das semrazões da barbara
percorre a miudo a lista ;
teus males, seus escandalos
a um e um regista.

«Insasiavel ! soffrega !
»Dei-lhe isto e aquillo... e agora...
»té o patrio domicilio
»sem pena me devora.

»Fez-me tal jura, a perfida !
»quebrou-m'a assim ! na rua
»jazer-me fez, sem lastima,
»noites á porta sua !

»Tem outros ; aborreço-lhe ;
»refusa-me, e talvez
»pernoite avara e sordida
»co'o vendilhão freguez !»

Chama a isto o snr. Castilho—Paraphrase lyrica. Paraphrase será ; mas de lyrismo, ha de permittir-me que lhe diga que tem muito pouco.

* A «Gazeta litteraria do Porto» continúa a vir interessante... Aconselho-a para modello das gazetas litterarias nacionaes... e estrangeiras.

* *

UM POETA BRAZILEIRO EM TUYÚ-CUÉ --VERSOS FUNEBRES :

A litteratura no Brazil está dando muito de si. Até agora, eramos nós, que nos queixavamos das reimpressões brazileiras d'obras portugue-

zas e pediamos um tractado litterario; pois socegum que não tardará que sejam elles os lezados.

Aquillo por lá, poetas e romancistas, rebentam aos pares, como os tortulhos em terra pantanosa! Bananas e escriptores, e escriptores—bananas, em parte mais nenhuma do globo, como n'aquelle abençoado terrão.

Ora, entre diversos periodicos litterarios publica-se no Rio de Janeiro a «Vida fluminense», de quatro paginas escriptas e outras tantas de desenhos lithographados.

E entre varios verzejadores brasileiros torna-se notavel um chamado Sotero de Castro, que faz versos por dá cá aquella palha, especialmente depois que o alludido periodico lhe chamou poeta intelligente a proposito das duas *poesias* que se vão lêr.

Convém notar que uma e outra é offerecida á memoria d'um bravo que tendo nascido em Março de 1868, morreu combatendo pela patria, como abaixo se verá, em Outubro do mesmo anno.

Primeira poesia:

FRANCISCO FREDERICO.....

Nasceu a 18 de Março de 1868 e morreu a 29 de Outubro de 1868

Na celeste mansão descança o bravo
Que em defeza da patria combateu!
E ante as hostes d'um povo fero, escravo,
O pendão do Cruzeiro altivo ergueu (1)!...

Seja-lhe a morte a paz, termo a romagem (2)
N'uma estrada d'espinhos e de gloria!...
E do vulto iminente a heroica imagem
Não se apague jámais da patria historia!...

(1) Era porte-bandeira, ao que se deixa vêr.

(2) Parece que n'este verso ha tolice, mas não afixo...

Cubra-lhe os restos nus, idolatrados,
 O respeito dos evos—eternaes (3) !
 E a lembrança d'irmãos, tambem soldados,
 Siga-lhe sempre as cinzas immortaes (4)...

Tuyù-Cué, 29 de Novembro de 1868.

Em Tuyù-Cué já correu o mez de Novembro d'este anno. Pelos modos a gente n'aquellas paragens barbaras está mais adiantada do que nós...

Ou o anno em Tuyù-Cué principia pelo fim e acaba no principio, o que tambem não é para admirar.

Seja como fôr—vamos á outra composição métrica :

* E' ainda offerecida á memoria do mesmo individuo, que, seja dito de passagem, não é culpado das tolices e perdigotos, com que lhe borrifou a campa o barbaro poeta da «Vida Fluminense».

Reza assim a versalhada :

Sobreviveu ás tormentas,
 Ás pelepas mais cruentas
 De seu nobre apostolado (5) !...
 Nunca temeu o inimigo !...
 Nem conhecêra o perigo
 Ante o dever do soldado !

Para leval-os de rojo
 Elle sempre impetuoso (6)
 Não se lembrára da morte!...

.....

Et cætera ;

(3) Outra suspeita de tolice : «Quem serão eternaes: os evos ou restos nus»?—pergunta sem esperanza de resposta.

(4) Quer dizer : As cinzas na frente e a lembrança dos irmãos atraz, a servir de bagagem.

(5) Aqui ha coisa...

(6) A ryma parece forçada e no primeiro verso não descortino quem fossem os individuos, que o illustre militar levára de rojo. Liberdades poeticas !

.....
 E quando, cheio de glorias,
 Se orgulhava das victorias
 D'aquelle nobre soffrer (7),
 Lá veio a fatalidade,
 Trazendo o pranto e saudade,
 Do bravo a fronte abater!...

E nada mais.

E assigna o novo parto em Tuyù-Cué, e data-o de 29 de Novembro de 1868. Quem me põe este negocio em pratos limpos?...

* *

O SNR. CALDEIRA E OS ERROS TYPOGRAPHICOS:

Amigo redactor

Confiado na severidade com que tem desde o principio da sua publicação, encarado os lapsos dos seus semelhantes... (*) venho lembrar-lhe a urgencia d'uma *gafanhotada* no seu revisor, ou em quem seja de justiça, pelo desleixo com que trata a revisão das provas typographicas dos «Gafanhotos».

Na ultima linha da segunda pagina esbarrei com isto, que lhe offereço para prova do que deixo exposto:

«E o mundo olha para o Brazil com o ar de respeito e consideração *que a* tem direito, desbarreta se, e á socapa trata de precaver-se de *pa-petrechos* bellicos...»

Ao mais obtuso não será difficil emendar:

«E o mundo olha para o Brazil com o ar de respeito e consideração *a que* tem direito, desbarreta-se, e á socapa trata de precaver-se de *appetrechos* bellicos, ...»

(7) Entendam-n'o!

(*) Muito agradecido...

O redactor.

Mas é certo que taes desconchavos deixam no espirito de quem lê uma impressão desagradavel, como de pingo d'agua fria no cachaço d'um homem distrahido; e ninguem, muito á puridade seja dito, lucra menos com isso do que v. como redactor.

Portanto espero que dará providencias para o próximo número. E sou

Caldeira.

* Tem razão o snr. Caldeira e eu agradeço-lhe a observação amigavel. Deixe-me porém s. s.^a que, tambem amigavelmente, lhe observe que não é muito facil entre nós, sem um trabalho insano, poder apresentar-se impresso um folheto, que seja, de 32 paginas, escoreito d'errros typographicos.

E isto vê-se do mesmo lapso apresentado; porque em todas as provas do número antecedente dos «Gafanhotos», que me vieram á mão, se lia o paragrapho tal como tinha sido escripto, e na folha impressa, não sei por que arte diabolica, appareceu aquillo...

Todavia não cuide que a sua observação cahiu em sacco roto, pela parte que me toca, ainda que mais devia importar ao typographo e impressor a cargo de quem está a composição e impressão d'estas brochuras.

Muito obrigado.

* *

OS TOUROS NO PALACIO DE CRYSTAL... E OS VANDALOS.

Estamos nos touros, no circo do Palacio de crystal portuense, em cujo frontal mandou alguém inscrever — *Progredior.*

Não esqueçam esta ultima particularidade, que sôa como epigramma aos ouvidos de quem assistiu ali a mais d'uma representação da «D. Ignez de Castro» por uma companhia dramatica de feira, e não vê as coisas atravez d'uns oculos verdes.

No dia 16 de Maio appareceram pelas esquinas uns cartazes immensos em papel de varias côres annunciando o spectaculo dos touros pelo theor seguinte :

CIRCO DO PALACIO DE CRYSTAL

Domingo, 17 de maio de 1868

(A's 4 horas da tarde)

Extraordinaria funcção comica de tauromachia

«Achando-se n'esta cidade os inventores das celebres *pantomimas tauromachicas*, que tão bem recebidos teem sido em varias povoações de Hispanha, demorar-se-hão alguns dias com o fim de darem varias e escolhidas funcções.

Programma

»Dominó Noir — symphonia pela banda do palacio, Auber. — *Ali*, touro de 3 annos — será apresentado em liberdade; dous negros executarão varias sortes dentro de 2 barris. — *Lucifer*, touro de 3 annos — será recebido e sorteado pelos clowns Mr. Cort e Mr. Chart. — *Fausto* — fantasia pela banda, Gounod — Intervallo de 15 minutos. — 2.^a PARTE: — *Africana* — grande valsa pela banda, Meyerbeer. — *Bensiamet*, touro de 4 annos com pontas douradas — será sorteado por 2 meninos. — *Ferrabraz*, touro de 3 annos com pontas prateadas — apparecerá com uma rica monha sobre a cabeça, mostrando todos os artistas da companhia a sua habilidade e destreza em tirar-lh'a sem lhe causar mal algum. — Terminados que sejam os jogos tauromachicos proceder-se-ha perante o respeitavel publico ao sorteio dos objectos seguintes: um relógio de prata, etc...»

O cartaz continúa ainda, mas o essencial é o que fica transcripto.

E, vejamos agora, se com os apontamentos, que me forneceu um amigo, porque eu tenho a franqueza de confessar que não assisti ao espectáculo, posso dar uma remota ideia ao leitor d'extra-muros, do que foi aquillo n'aquella tarde de 17 de maio.

* *Primeiro touro*: — *Ali*.

A' hora marcada, a banda desempenhou a symphonia.

Depois assomou á entrada do circo a ponta enorme d'um boi, a qual

se recolheu a bastidores passados momentos, voltando em seguida a espreitar para o público, sem o possuidor se dignar apresentar-se.

Nas galerias começou um rumor, como de vulcão em trabalho.

Depois appareceu o bicho, espicaçado por umas figuras de gallego muito caracteristicas, encostou-se á trincheira e não se moveu d'ali.

Chamava-se Ali o animal, segundo o cartaz, e era touro de tres annos; podia ser isso, mas convem notarmos que, antes de touro de tres annos e de Ali, tinha sido boi dos que andam por ahi aos carros da terra, a ajuisar pela sua bonhomia, pela sua magreza... e pela sua pallidez.

Começou a pateada; mas uma pateada imponente, solemne.

Vieram ainda dois gallegos, d'estes de páo e corda e chouriço, com mascaras pretas na cara, e deram em fazer negaças ao quadrupede, refugiando-se em duas barricas ao menor movimento d'elle.

Vae depois, o boi, como envergonhado da triste figura, que o obrigavam a fazer, com nobre magestade encarreirou para a porta, por onde tinha sahido; e logo lhe cahiram a puxar pelo rabo os ditos gallegos.

E o boi a dar urros;

E a platêa, cada vez mais infurecida do logro, a patear, que era um dia de juizo.

Por ultimo deixaram o rabo ao quadrupede e elle desapareceu.

* *Segundo touro: — Lucifer:*

Ao apparecimento do segundo animal, boi do trabalho, inoffensivo como o primeiro, apesar do endiabrado appellido, a pateada tocou o delirio. E como não cessassem de espicaçar o bicho, e elle rompesse uma trincheira, ou coisa que o valha, procurando evadir-se, o público entendeu que a melhor maneira de fazer terminar o edificante spectaculo era obstruir o circo, e logo começaram n'elle a chorar as cadeiras...

Até que o animal se retirou da arena e o snr. visconde de Villar d'Allen, sahindo a um camarote, convidou o público a ir á czinha receber o dinheiro, que tinha dado á entrada.

Por isto se vê que o spectaculo não podia ser mais convidativo, e que «os inventores das celebres pantomimas tauromachicas, que tão bem recebidos tinham sido em varias povoações da Hespanha» eram artistas de grande merecimento — no seu genero.

* E vêem depois cá para o terreiro fallar no *Progredior* do fron-

tispicio e gritar que somos um povo de vandalos?!—Muito embora vandalos; antes isso do que tolos, do que parvos, do que imbecis, que é o que parecem apostados a provar que somos, os interpretes da inscripção latina.

Vandalos, porque, depois d'esgotada a paciencia, protestamos contra a maior das indecencias, que não era senão o requinte d'outras indecencias passadas!

Vandalos, porque não consentimos que nos mintam descaradamente, que nos engodem como a lorpas de rabona e tamancos!

Vandalos, porque demos uma lição, que lhes deve ficar de memoria, aos especuladores da curiosidade pública, aos vendedores de gato por lebre, aos agiotas do Pedro Sem e do balão d'oito metros de diametro!

Vandalos muito embora, se o vandalismo está n'isto; mas tolos, parvos, imbecis é que não.

Continuem no caminho encetado, e abordoem-se ao *Progredior*, que esse é que os ha de salvar.

* *

UMA FERA NO POVOADO. — AVISO AOS PAES DE FAMILIA :

Vou-lhes apresentar um homem — que nasceu para ser bicho.

Quer dizer: Vou-lhes apresentar um bicho — que tem o exterior d'homem. Ou, se querem, antes: Vou-lhes apresentar um homem — que tem o interior de bicho.

Mas de bicho, com garras de hyena, e dentes de tigre, e instinctos de chacal. Instinctos, dentes e garras, tudo interior!

E que por essa mesma razão ama com os extremos de qualquer d'aquelles quadrupedes, se não chega a amar com os extremos d'elles reunidos, o que se me afigura mais verdadeiro.

Vão vêr. E' elle que se pinta a si mesmo, em uma producção intitulada *Amor e abysmo*.

Diga-se porém antes de tudo o nome do sugeito. Sirva isto de sobre-aviso para os paes de familia, que teem meninas de coração sensivel a qualquer olhadura apaixonada.

O homem anda ahi á solta, segundo me consta, e póde fazer das suas.

Não póde fazer, que faz. Vejam se se lembram de o ter visto. Chama-se Leite Junior. E *Junior!* de mais a mais tenro ainda, quem sabe se na flôr dos 22 annos, e já com pêllos brancos no coração!

E' triste!

* Mas... folheemos as suas *paginas intimas*, o seu *Amor e abysmo*, dedicado a uma Elvira desconhecida:

Começa o meu amigo referindo-se ao quaderno de papel almasso que tem diante de si, cozido com linha branca:

«Este pequeno livro é o espelho da minha alma. Todos os meus pensamentos, todos os meus sonhos, são aqui reflectidos, como em noite luminosa a lua e as estrellas se reflectem na agua pura do lago.

»E' o meu confidente: nada lhe occulto.

»Á mingoa d'um seio amigo em que possa esconder minhas dôres, é aqui, onde todas as noites, quando tudo dorme, quando não se ouve o mais leve rumor, quando a natureza parece repouisar das fadigas do dia, que eu, triste e meditabundo, venho conversar a sós com a minha alma, buscar um linitivo ás magoas do coração...»

Assentado que o snr. Leite Junior, vem triste e meditabundo, ás noites, quando a natureza parece repouisar das fadigas do dia, conversar no seu pequeno livro a sós com a sua alma e buscar linitivo ás magoas do seu coração, prosigamos:

«Amor fatal!... — (agora é que são ellas) — O' mulher, para que me appareceste na estrada da vida, cercada de um resplendor que me cegou?... Para que me vieste arrancar do turbilhão dos prazeres, aonde a desmoralisação do seculo me tinha arrojado desde tenros annos?... Para que me inflammaste no coração um sentimento esquecido ha tanto tempo?...

»E eu era feliz. Era-me o mundo um manancial de doçuras nunca exhaustas, uma taça de prazeres embriagantes, inexgotavel, infinda!...

»Que vida que fruia eu!

»Um prazer hoje, amanhã outro, depois outro, e outro!...»

Aquillo é que era vida!

E elle era feliz!

E elle saboreava a taça infinda de prazeres embriagantes, e essa taça não era outra coisa senão o mundo!... porque o mundo não tem fim!

Que vida fruia elle!...

Mas ai! a gente pensa que se benze e esmurra os narizes!

Ora dize-me cá uma coisa, ó mulher!... para que lhe appareceste, ao snr. Leite, na estrada da vida? Para que o foste arrancar ao turbilhão

dos prazeres, aonde a desmoralisação do seculo o tinha arrojado desde tenros annos? Para que lhe inflammaste um sentimento esquecido ha tanto tempo?

Dize lá, mulher? que tinhas tu com este sujeito? para que foste bulir com elle? Devia-te alguma coisa? — se te devia, mandasses-lhe a conta a caza, mas não o fosses inquietar aonde elle estava fruindo a vida... — hoje um prazer, ámanhã outro, depois outro e outro!... Agora... revê-te na tua obra! anda!

* Isto é o homem. Encaremos agora com o bicho:

«Tudo me sorria; até mesmo as lagrimas da mulher cahida no laço arteiro, me faziam saltar de jubilo!

»Que bello fazer rojar no pó, e cahir uma a uma, as pérolas da sua corôa de virgem, calcar-lhe aos pés o orgulho, depois cuspir-lhe nas faces e deixal a alfim extorcendo-se na agonia do desespero e da vergonha!...

»Tudo findou.»

Ahi o temos hyena, tigre e chacal... vejam n'ó á vontade mas de longe. De perto é perigoso, ainda que a mulher cahida no laço arteiro seja o seu bocadinho d'apetite.

E' uma fera-Junior, que seria bom encerrar n'uma jaula... ou n'uma camiza de forças.

Até eu, se fosse consultado para o caso presente, dava mais pela camiza do que pela jaula.

Meras presumpções!

* Depois o snr. Leite viu uma mulher... e não saltou de jubilo, porque a não fez cahir no laço arteiro, nem a rojou no pó, nem lhe arrancou, uma a uma, as pérolas da sua corôa de virgem, nem lhe calcou aos pés o orgulho, nem lhe cuspiu depois nas faces, nem a deixou alfim extorcendo-se na agonia do desespero e da vergonha... não fez nada d'isto, mas amou-a...

Se foi peor a emenda que o soneto, não sei; elle mesmo não o sabe...

«No meio das densas trevas da minha vida de libertino, surgiu uma estrella radiante, resplendente, e fez com seu brilho desaparecer um passado inteiro!...

»Ah! não sei se deva amaldiçoar, se bem-dizer essa estrella...

»Porque não a conheci eu, antes d'essas cadeias que a prendem e m'a roubam?...

»Elvira! como eu te amo!

»A's vezes dá-me tentação de rasgar o peito e mostrar-te um coração onde só tu reinas!

»Verias então o amor que te consagro...

»Mas quê? Acaso terás necessidade de provas para acreditares no meu amor?

»O sobresalto que sentiste ao vêr-me a vez primeira, não te diz que Deus nos destinára um para o outro?

»Não reparaste tambem que ao vêr-te fiquei extatico e quasi mudo?

»Acaso nossas almas não se comprehenderam logo?

»E depois não tens observado a mudança que se tem operado em mim?

»Não te haviam dito que eu era alegre, divertido e jovial? E que vês agora?

»Que a alegria fugiu-me, que evito o tumulto, e procuro os logares solitarios para te contemplar com os olhos d'alma.

»O' Elvira! crê-me! Juro-te, por Deus que me ouve, que só a ti amo!

»Se minto, que Deus me faça o ente mais infeliz do Universo.»

Vê-se que o snr. Leite, na verdade está apaixonado. Se não estivesse apaixonado estava outra coisa, que eu não quero dizer... por delicadeza...

Ha um ditado que reza assim: com doidos nem para o céu... e a gente anda n'este mundo por vêr andar os mais, e não sabe agora o que logo lhe póde acontecer.

Se elle diz que ás vezes tem suas tentações de rasgar o peito... e mostrar-lhe a ella o coração onde só tu reinas—é muito capaz de fazer uma asneira...

Porém... Mas não... Tu não tens necessidade de provas para acreditares no amor d'elle.

Pois não sentiste um sobresalto quando o encaraste?

E não reparaste que elle ficou a modo de parvo quando te encarou?

Ora ahi está.

Além de que, é visivel a mudança que se tem operado no snr. Leite Junior ha tempos a esta parte.

Provavelmente disseram-te que elle era alegre, divertido, jovial...

pois bem; agora anda trombudo e cabisbaixo pelos cantos e logares solitarios... a contemplar-te com os olhos da alma.

E' que elle só a ti ama!...

Se não... que Deus o faça o ente mais infeliz do Universo!...

Pobre Leite!

* E continúa... para concluir no seguinte número.

Repito: Pobre Leite!

* *

DE COMO OS SOLDADOS PARAGUAYOS ERAM DE COURO:

Isto é para os assignantes dos «Gafanhotos», que não tenham lido a correspondencia, que veiu do imperio de Santa Cruz com data de 23 de Abril para o «Jornal do Porto».

Ha n'ella materia que farte para galhofa; mas não quero que digam que eu exaggero, que estou d'opinião anticipada contra os bravos da passagem do Humaitá e d'outras coisas por igual inacreditaveis, se não viessem em lettra redonda, ainda que em máo portuguez.

Na tal correspondencia falla-se do Lopes, que é um homem das Arabias e um nigromante de primeira força. Vamos a isto:

«Quando todos os generaes alliados se lisongeavam de o ter encuralado, e a imprensa do imperio e da Prata punham luminarias antes do tempo, que n'isso consiste o erro mais perigoso que sempre commette, transportava-se commoda e placidamente com as guarnições para o ponto que ora fortificava, deixando em *Curupaity* outras compostas de soldados firmes, impassiveis, a quem não dá pret, nem de comer, mas que por *isso mesmo* não seriam capazes de estremecer se ouvissem a trombeta horrivel do juizo final: eram... (isto é comico e irrisorio tambem) eram de palha e cobertos de couro, mas bem feitos e robustos, ao que se affiança.

»De systema analogo era tambem a artilheria...»

»Estas cousas não se inventam, constam das partes officiaes e varias correspondencias que se dizem com muita naturalidade.

»Ninguem explica como Lopes conseguiu evadir-se debaixo de tantas vistas attentas n'elle, e agora, para coroar a cousa, diz-se, que inutilisadas que sejam as suas novas fortificações tenciona transferir-se para Villa Rica, outro ponto estrategico e onde dará começo a uma guerra de

recursos, que muito deve incommodar os alliados. Estes, por sua parte não se descuidam de o hostilizar como merece. Bombardeam constantemente Humaitá com uma ostentação de força desnecessaria. Lopes não está lá nem por alli offerece resistencia séria a uma marinha forte e numerosa como a imperial, e por isso julga-se mais racional escalar sem receio a fortaleza, na quasi certeza de que a sua guarnição será composta dos taes soldados de palha, que nem para prisioneiros servem, de preferencia a abalar os alicerces do mundo com tão medonho estampido da sua grossa artilheria.»

Isto lê-se na correspondência particular do Rio de Janeiro para o «Jornal do Porto», e não sei se haverá alguém que ponha em dúvida a exactidão dos factos narrados. Eu, pela minha parte, creio em tudo o que ali se diz, e estou bem certo de que não é tudo.

Faltam os episodios, que devem ser impagaveis e de que não constam as partes officiaes. Quem me dera a mim uma relação dos episodios da guerra do Brazil contra o Paraguay, que tinha que fazer, se quizesse, para o resto da minha vida, ainda que ella se estendesse muito para além do meio seculo!

Mas a coisa promette. Mais d'um poeta conterraneo do côco e do sabiá prepará os seus apontamentos e encordoa á pressa a tiorba para poemas de folego. Polkas já nós temos a celebrarem os grandes feitos; o que nos faltam agora são poemas.

Que não esqueçam, no meio d'isto, os soldados de palha e as peças de páo nos inexpugnaveis fortes de Humaitá e Curupaity.

Soldados e peças estão mesmo aconselhando o verso heroico, onomatopaico, d'inspirar enthusiasmos e aquecer o sangue nas veias ao menos provido d'instinctos guerreiros.

* E tu, Cervantes, meu amigo, que resumiste n'um todos os Quichotes passados, presentes e futuros, dize-me se não escrevias especialmente para este seculo e para esta idade, em que se havia de travar uma lucta sanguinolenta, pavorosa, de leões, entre um exercito d'impavidos soldados brasileiros e outro de não menos impavidos soldados paraguayos; uns de carne e osso como a gente, os outros de couro e palha, como qualquer jumento embalsamado.

E dize-me tambem, se o heroe do teu livro não era menos ridiculo atacando os moinhos de vento, do que o é a famosa esquadra bombar-

deando inexpugnaveis fortalezas—que não teem folego vivo — á espera que se rendam!

Ah! Cervantes! Cervantes!

E mandam-nos de lá descripções pomposas de batalhas incríveis, que hão de assombrar os evos—porque nós, ao que se vê, somos pouco espantadiços!... Boa gente! boa gente!

* Mas...—perguntarão talvez os evos—mas a palha dos soldados de couro?—Essa, teve provavelmente o competente destino; foi para o exercito.

* *

UM TRADUCTOR ALARVE:

Está provado que não é preciso saber qualquer traduzir francez para traduzir um livro do francez.

Basta que saiba hespanhol como o snr. Eduardo Silva ou que não saiba nada como o snr. Tres estrellinhas, que nos deu n'um dos luminares da nossa terra, o «Nacional», a versão d'um livro de Lamartine, o Raphael.

O que parece incrível é que n'uma redacção, por mais inepta e parva que seja, não haja um bestunto com o sufficiente criterio para impedir a publicação d'aquillo nas columnas do periodico a seu cargo.

Na traducção do livro de Lamartine ha mais do que o requinte da asneira sem offensa de terceiro; ha a profanação d'um nome respeitavel, por um lorpa, que tem a prosapia d'esconder o seu.

Lá vai a coisa textualmente:

RAPHAEL

PAGINAS DOS VINTE ANNOS

por

A. de Lamartini

traduzido por * * *

.....
 «Eu reconheci Raphael atravez do seu pallor e magrez. Sua figura perdendo de sua mocidade nada havia perdido de seu character; não tinha feito mais que mudar de belleza. Era esta a da morte. «Rembrandt» não teria procurado o typo d'outro Christo no Horto. Seus cabellos negros

cahiam em anneis pelos hombros como os d'um lavrador depois do cansaço do dia. Sua barba era longa, mas plantada com uma symetria natural, que deixava ver a cúpula graciosa dos labios, a prehemencia das faces, as arcadas dos olhos, o afilado do nariz, a concavidade pensativa das fontes da cabeça e a alvura da sua pelle.

.....
 » Algumas vezes á noite, inclinando-me á janella, que deitava para o jardim percebia uma outra janella aberta, illuminada com uma luz a alguns passos da minha. Uma figura de mulher, encostada como eu, afastava com a mão de sua fronte as longas e negras tranças de seus cabellos para olhar tambem para o jardim, resplandecente pela lua, as montanhas e o firmamento. Que não distinguia n'este claro escuro senão um perfil puro, pallido, transparente, misturado nas ondas negras d'uma como lua e collada ás fontes da cabeça. Esta figura desenhava-se no fundo luminoso da janella, illuminada pela lampada do quarto.»

Quando um homem tem a desfaçatez d'escrever coisas semelhantes, e de as mandar para uma redacção, e a redacção tem a não menor desfaçatez de as publicar, fica o leitor em dúvida sobre qual dos dois será mais descarado ou mais ignorante, se o auctor do escripto, se a redacção que lhes deu publicidade...—a não os collocar a ambos na mesma plana.

Eu, com franqueza, voto por esta ultima classificação.

* *

POR NÃO PODER SER :

Esperavam talvez por elle, pelo *Joanninha*, pela segunda peça do *meu viveiro*, não é verdade?

E comtudo não apparece, nem se falla, n'estas trinta e duas paginas de revista, em coisa, que se lhe assimilhe...—porque será?

E' simples o motivo d'esta falta, e o leitor provavelmente já o previu.

E' porque julgo que o *homem* não perde por esperar mais algum tempo, e vale pouco o sacrificio de mais um quarto de folha d'impressão.

Por hoje está terminada a tarefa.

CSSF
 56771

OS GAFANHOTOS

1.^a SERIE

REVISTA MENSAL

N.º 5-1868

JULHO—

A Marrada, fragmentos d'um poema sem nome dedicado aos *intrepidos vencedores do Curupaity...* em gripho — De como se apagou a candeia, da «Gazeta litteraria» — Em que falla aos peixinhos o snr. Augusto Cesar de Sá—Traços ao correr: Mr. Michel, que foi a Pariz—Quichotada: Quem leva mais é quem vence — O povo é um soberano, tem fome, ninguem se inporta com elle; e uma historia para variar — De como os brasileiros iam filando o Lopes — Recepção a sôco no Palacio de Crystal: entrada 100 reis — Historia d'um chinó a proposito d'outro chinó — Uma fera no povoado: Aviso aos paes de familia — *Tu quoque, Brutus?! Pois tambem tu... ó Bruto?! — Pennada: A proposito da guerra — As «Pupillas do snr. Reitor» e o dramaturgo Ernesto Biester — Por não poder ser—continuação do número antecedente.*

A MARRADA

FRAGMENTOS D'UM POEMA SEM MOME
DEDICADO AOS *intrepidos vencedores do Curupaity...* EM GRIPHO.

Heroes de cem batalhas sanguinosas,
Soldados de valor nunca excedido,
Que jámais ante a força haveis fugido,
E não sabeis matar senão ás grosas...
 Que feros vos bateis
Como ainda ninguem se tem batido,
 De frente—e á marrada...
Que eu tenho celebrado em minhas prosas,
E em phraze escolhida e sublimada,
 Como bem merecis...

Vingadores da patria da banana,
 Da vossa patria augusta,
 Que de nada tremeis...
 A quem o maior p'rigo não abana,
 A quem a maior bomba não assusta,
 Que por arma empunhaes um grande troço,
 E por lança uma canna...

Valentes do Sardão e Matto-grosso,
 Da terra dos sagüis e papagaios
 A quem um orader ainda moço
 Dos Ponas descendente e dos Sampaivos,
 Cedendo ao magnetismo das *imagens*,
 Que no craneo lhe fervem como lava,
 Appellidou selvagens...

Terriveis matador's de paraguayos,
 D'esse povo que o Lopes acorrenta
 Desde mil oitocentos e sessenta,
 Segundo reza a fama...
 E que vós, com furor nunca excedido,
 Animados do vosso ardor guerreiro,
 Mandaes morder a lama,
 —Por motivos que deixo no tinteiro...

Illustres campeões, bravo rebanho...
 Escutae o que vou dizer agora
 Ao som da minha lyra de castanho!

.....
 Vai depois, principiam á pancada;
 Era a qual mais levava e qual mais dava
 Sem ninguem se queixar;
 Uma lucta d'heroes, como os d'Homero,
 Que morriam sem dar uma piada!

Até que o Paraguay, no desespero,
 Perdeu a cortezia,
 E largou á dentada,
 Como quem desde a vesp'ra não comia.
 E começa o Brazil a fraquejar,
 Cedendo á força bruta da queixada
 Do inimigo antropophago...
 Mas n'isto corre o bravo Goyabada,
 Ao meio das fileiras brazileiras,
 E diz assim á tropa ensanguentada :

—Soldados! nem um passo á rectaguarda!
 Nem um passo, leões! não tenhaes mêdo!
 P'ra cantar a victoria ainda é cedo!
 Não mancheis, por quem sois, a vossa farda!
 Comvosco não ha gente que se meça;
 Vós, que tendes recursos e cabeça,
 Não façaes a final uma borrada...

 Soldados brazileiros!... á marrada!—

Aquillo não foi nada!...

Sabem vossinhorias e excellencias
 O que fez Sansão aos philisteus
 Por causa d'umas certa indecencias
 Dirigidas a Deus?
 Que tomando nas mãos uma queixada
 De burro, que topára por acaso,
 Fizéra tudo raso?
 —Pois assim foram elles, os selvagens,
 P'ra uma banda e p'ra a outra ás cabeçadas;
 Só em vez da queixada do gigante
 Eram tres mil queixadas!

Que succede no campo? — Os paraguayos,
— O cobarde inimigo, —
Depois de terem feito alguns ensaios
P'ra atacar os valentes do Piranga,
E não correrem p'riço,
Resolveram cobrir-se com a noite,
Sem tambor's, nem cornetas, nem charanga,
E cahirem sobre elles como açoite,
Deixando todo o exercito
A caldinhos de franga...

Mas antes dos selvagens atacarem,
Manhosos, traiçoeiros,
O grande acampamento,
Já os nobres soldados brasileiros,
Os valentes guerrilhas,
Tinham posto p'ra as costas o armamento,
E aguardavam do Lopes a canalha
Em cabello e palmilhas.

E soaram mil gritos nas quebradas!...
— Travára-se nas trevas a batalha!!

.....

E depois veiu o sol; e co'os seus raios
Cobriu de luz o campo, onde se viam,
Em triste cambulhada,
Montões de paraguayos
Sem alentos de vida,
Com a raiva nas caras estampada.

Venceram a peleja então os outros?
Venceram, quem duvida?
A coisa foi fallada;
Venceram... á marrada.

Ó musa, que inspiraste os grandes vates
 A cantar os successos mais notorios,
 Desde Eneas fugindo co'os Penates
 Até á data d'esta;
 Não me deixes assim sem suspensorios
 No meio dos caminhos,
 E te vás repousar, dormir a sesta.
 Eu preciso de ti mais do que outr'ora,
 Em que todo o meu forte era cantar
 Barões sem pergaminhos.
 Ó musa, por quem és não vás embora!
 Não me deixes... agora,
 Que o assumpto merece os teus carinhos.

Quatro vasos da armada encouraçados,
 O Pangoia, o Tapuya, o Capurica,
 (Os quaes, antes d'entrar em taes assados,
 Tinham sido transportes
 De farinha de páo e fava rica),
 Victoriosamente commandados
 Pela náó Jepinhonha,
 Singravam pelo rio paraguay, o
 Como quem dos infames
 Não receia a presença nem n'a sonha.

Mas eis que, de repente,
 Se vê do grande rio a superficie
 Coalhada de gente,
 Que vem a fazer frente
 Ao Pangoia, ao Tapuya e companheiros,
 Em chatas e jangadas!

Preparai-vos p'ra a lucta, ó brazileiros!

.....

Começou a abordagem ;
E chegaram a entrar nos quatro vasos,
Contando do inimigo co'a derrota,
Os subditos do Lopes, o selvagem ;
Mas não tardaram muito
A descer em torpel, de cambalhota,
Do rio ás profundezas...
Incommodando os peixes na passagem.

Que valentes soldados! que proezas!
Que dia glorioso p'ra a armada!
Que victoria p'ra as armas brazileiras!
E que pagina d'oiro p'ra a marrada!

.....

Agora vai a guerra terminar ;
Já não ha fortalezas nem trincheiras,
Nem qualidade alguma de muralha,
Em que se possa o barbaro acoitar,
... Nem soldados de palha!

E pelo chão, a rôdo,
Só tibias e caveiras!
E por cima de tudo, ao vento dadas,
As triumphaes bandeiras!

E o Lopes p'ra enforcar-se,
Depois que viu as coisas transtornadas,
Esquecendo que tem mulher e filhos,
Anda á cata d'atrilhos,
De barbantes, de cordas enceradas.

Ó poder fabuloso das marradas!

* *

DE COMO SE APAGOU A CANDEIA — DA GAZETA LITTERARIA:

Ha muito que se faz sentir a falta da «Gazeta Litteraria do Porto». Não ha homem algum, d'estes que prezam as lettras patrias e lêem periodicos francezes, que não andem pensativos e cabisbaixos pelo inesperado desaparecimento d'uma folha, que deu tantas esperanças de vida ao princípio, e se mostrou aos collegas desprevenidos com um arrego, muito para lembrar as entradas de leão, de que falla certo proverbio, e para agourar muito mais as saídas de orelhudo com que remata o mesmo.

Todavia esperemos ainda. Póde muito bem ser que o soberbo cometa se sumisse para reaparecer mais brilhante. Ha cometas assim, muito especialmente no céu pouco limpo da nossa litteratura hebdomadaria, em que o assignante mais analphabeto é um sol ao pé do escriptor mais intelligente,—que lhe fica sendo humilde planeta...

Se porém morreu, que a terra lhe seja leve, e não entrem no rol dos seus peccados as estopadas historicas (?) do redactor *em chefe*, as cartas de critica lisongeiramente espantadiça e lorpa do snr. Gastão Vidal de Negreiros, e as verrinas indecentes e descabidas, e as tolices de todas as dimensões d'outros escriptores de nota, cujos nomes o público ha muito festeja — á espera do primeiro livro para festejar em vez dos nomes.

Se o periodico do snr. Camillo morreu, lastimemos-lhe o viver ephemero e inglorio—e passemos adiante. Logar ao coveiro e aos gattos-pingados.

* *Quinze dias depois*: — Não me tinha enganado. Estava escripto.

Morreu a «Gazeta Litteraria do Porto», e eu sei o motivo por que morreu, ou por que se suicidou, para usar do termo adequado. Suicidou-se por motivo de coherencia, tanto mais para louvar n'ella, quanto é certo que raras vezes pude achar coherencia entre o seu titulo principal e os artigos, com que se mostrava aos leitores semanalmente.

O motivo está no seguinte; o redactor principal da folha escrevêra no prologo do seu primeiro número:

«É melhor estar ás escuras, que n'um quarto alumiado por sail; quer-me parecer isto.»

Nem foi outro o motivo da morte da «Gazeta Litteraria». Preferiu deixar-nos sem pavío, a alumiar-nos com a fumarenta purgueira dos seus massudos artigos.

Fez bem. Devia ter ido ha mais tempo. Ainda uma vez: a terra lhe seja leve.

* *

EM QUE FALLA AOS PEIXINHOS O SNR. AUGUSTO CESAR DE SÁ:

Em tempos, que já lá vão, passeava aqui pelo Porto um individuo chamado Augusto Cezar de Sá.

Este individuo fazia dramas e romances por um sarilho.

Romance de geito que ellé pilhasse, era drama certo; pelo mesmo theor com os dramas; não lia um de que não fizesse logo um romance... a exemplo dos mestres...

Creio que chamam por ali, a isto, systema-Biester; não affirmo todavia. Mas felizmente que não passavam de borrão os dramas e os romances; oxalá que n'este ponto Augusto Cezar achasse imitadores; não teríamos por certo o gosto de vêr no palco do nosso theatro a ultima producção do snr. José Romano, de indigesta memoria, nem, na imprensa, as parvoices d'um certo Carlos Borges, orador de meetings.

Depois desapareceu o esperançoso e fecundo escriptor. Esperançoso, porque na verdade ha muito a esperar d'elle; fecundo... já se sabe porquê.

Tinha ido *estudar* para Coimbra.

* Em Coimbra, Augusto Cezar continuou a cultivar as bellas-lettras em companhia d'um individuo, cujo nome é tambem uma esperança e não sei se mais alguma coisa.

O resultado d'esta união foi o apparecimento d'uma comedia e d'um drama... que eu não pude lêr... por motivos justificaveis.

Até que um dia se me offereceu isto n'um periodico:

«DISCURSO: Recebemos e agradecemos o discurso que o snr. Augusto Cezar de Sá recitou na sala da Associação dos Artistas de Coimbra, de que s. s.^a é socio honorario.

» Ainda não tivemos occasião de o lêr, mas afigura-se-nos um exemplar, no seu genero.»

Isto li eu n'um periodico sério d'esta cidade, e é muito de presumir que os outros, a quem fosse enviada a brochura, dissessem o mesmo, porque os nossos periodicos sérios, louvado Deus, não sabem senão repetir e copiar.

Isto li eu, digo, e para logo me vieram desejos de conhecer por mais uma face nova o talento do meu conterraneo Sá.

Procurei e achei.

O discurso tenho-o aqui. E' um folheto de 16 paginas, oito das quaes estão em branco, não incluindo uma carta-dedicatória, de treze linhas, endereçada ao snr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, cavalleiro da ordem militar de N. S. Jesus Christo, etc..

* Começa o discurso d'esta maneira, sem que o folheto nos diga, á imitação d'aquelle, que nos dá conta da *Caridade* do snr. Vieira de Castro, se o orador estava risonho e passeou a vista pelo auditorio:

« A minha profissão está feita. Apostolo do trabalho, entre os que trabalham quero um logar tambem. Artista pelo coração e pela crença, entre os artistas quero parar. A mariposa que doideja no vergel, quêda alfim n'uma flôr. Se não lhe é tumulo, é-lhe leito. — Repousa, deixai-a viver. O missionario que nas florestas d'além mar ensina a religião do Christo ao povo que a não conhece, tem por premio o céu. Premio valioso do meu apostolado é, por certo, a vossa attenção; e suprema gloria sería para mim que as minhas palavras chamassem ao gremio da associação os que as suas vantagens desconhecem.»

Não me dirão que vem fazer aqui a mariposa... e quem será a mariposa? — Que vem fazer ao discurso, ignoro; quem é, pelo que o meu fraco intellecto alcança, julgo que será o orador.

O snr. Augusto Cezar, o apostolo do trabalho... depois de ter doidejado no vergel, quêda alfim n'uma flôr... que se não lhe é tumulo, é-lhe leito...

Depois... repousa; deixai-o repousar!

E a profissão d'elle está feita... deixai-a estar...

Quer um logar entre os que trabalham... deixai-o querer...

Tambem o missionario, que nas florestas d'além-mar ensina a religião do Christo ao povo que a não conhece, tem por premio o céu...

Vamos adiante, para não ter de perguntar que premio terei, ao cabo d'esta massada estupendissima a que metti hombros, de revistar mensalmente as bernardices dos meus contemporaneos...

Porque a resposta havia de ser desanimadora... e *tocante*, a fazer obra pelos desejos de muitos dos meus officiosos leitores, e eu quero mostrar n'esta cruzada contra os parvos uma persistencia muito para lembrar a teimosia heroica do exercito brasileiro — em operações contra o Paraguay.

Continuemos pois:

* O snr. Augusto Cezar faz em seguida a apologia da serra, do buril e do malho, como quem não é estranho ao poder e milagres do malho, do buril e da serra... Para prova do que, menciona os monumentos erguidos a Camões, a Pedro IV, e a Pedro, o Grande da Russia... fechando a numerosa citação com este rasgo: «E' que as artes têm poder para tudo!»...

E logo abaixo, diz-nos que vem, aos seus ouvintes, «lembrar-lhes vantagens da associação, hoje festa do seu quinto anniversario, e o lucro que com ella tira a patria e as gerações futuras, para quem todo o homem trabalha e deve trabalhar.»

E' grandiosa a theze do snr. Sá; vejamos como elle prova tudo isso que mencionou.

«Viver só para si, é nada — rompe o orador em seguida ás palavras que deixo transcriptas. — A estrella que se ergue, passa e desaparece todas as noites quasi á mesma hora, nem causa bem á terra, nem mal lhe traz. Passa as mais das vezes desapercebida e, quer tremendo com frio, quer ardendo em calor, ninguem deseja a sua vinda, ninguem deseja a sua fuga. É assim o homem que só para si vive, que só para si trabalha. É-lhe a terra immensa, longa estrada! Segue, até que fatigado repousa para sempre á sombra do funebre cypreste, e ninguem lhe murmura sobre a campa uma oração singela!»

Começa bem o modesto auctor de mais de cincoenta dramas ineditos, e digno socio honorario da Associação dos Artistas de Coimbra. Começa bem, repito, e continúa fallando — do operario, que *morre á mingua e lega á familia a mizeria*;

—Do soldado, que no calor da acção, vertendo o sangue pela causa da liberdade, presta preito ao throno e lega um bem á posteridade...

A respeito d'este soldado, que eu não sei que vem fazer ao discurso, a não ser como a borboleta das primeiras linhas, diz assim :

« A patria dá-lhe o que póde; os homens que mais tarde nascem e que o topam na miseria, riem do velho, padrão de immensas glorias que espantaram as nações do mundo, e passam além arrastados pelas ideias do seculo. Tão pequeno premio e tão grande oívido! E que resta ao ancião?... Dois galões no braço, duas fitas na farda, duas medalhas ao peito, um futuro de miseria e uma familia com fome!... »

E prosegue:

« E, todavia, a guerra, senhores, é fogo que devora o mundo, raio que aniquila tudo, espada de exterminio, brandida por irmão ao peito de irmão; e no fim, um raio pallido da lua illumina um fantasma por quem tantas vidas se ceifaram, sentado nas ruinas, contemplando um montão de cadaveres n'um lago de sangue! »

E depois de fallar do artista e do soldado, continúa voltando-se para o mar e encarando no marinheiro—de pé no tombadilho *do fragil esquife*, em presença da tempestade :

« Aqui um mastareo quebrado; além o timão partido; rotos despojos de imponente náu! mais além um cadaver boiando na superficie das aguas!... Padrão de gloria d'um monarcha da terra desfeito pelo vento no revolto oceano! E o nauta teve por sepultura o mar, por epitaphio as ondas, e por oração o bramido da procella. E passa o tempo e a esposa aguarda-o! E passam os annos e as filhas esperam-no! Curtem saudades, privações e maguas, mais tarde deixam de esperar, mas soffreram tanto, tantos sóes se passaram, que já para o naufrago não ha uma lagrima, nem uma prece sequer!... Annos mais e a viuva morre e as filhas vão sorrindo abrilhantar as orgias, e riem nos braços do amante, e choram quando a sós no silencio da tarde, até que as portas do hospicio se fecham sobre ellas, e a enxerga do hospital lhes serve de derradeiro leito, e ninguem lhes recolhe o extremo alento! »

Vê-se que o orador se aproxima a pés de cavallo, do ponto que se propoz tratar. Façamos votos para que o Pégaso da inspiração não tome o freio nos dentes e não se vá esbarrar á primeira volta.

* Entrou no assumpto. Com que proficiencia é tratado, em dezenove linhas, póde calculal-o, sem grande esforço d'intellecção, o leitor dos «Gafanhotos»;—se com aquillo não se convertem incrédulos... é desespe-

rar da conversão, que não pôde haver para o caso hermeneutica mais apurada nem mais convincente.

Mas...acrescenta o orador:

«Perdoae-me se, como outr'ora, vos não fallo ao coração. É verdadeiro o thema que escolhi, e a verdade deve ser singela. As galas são as mais das vezes o sol ardente que estiola a flôr do prado. Eu não vos recordo hoje esses homens que sahindo do nada se tornaram vultos gigantes da historia. Trabalhae! Educae os que forem nascendo entre vós, e tereis no futuro homens como elles. Dôres intimas, maguas profundas, que importam? O raio, despenhado das nuvens, derruba o cedro altivo, e o tenro arbusto, que ignorado lhe rebentára ao pé, excede um dia o cedro colosso!... Na sancta cruzada que emprehendestes, seja vossa divisa — o trabalho, a persistencia e a fé... Que importa o futuro, se no presente se passam horas de incessante lidar?... Deus, que do alto solio mira os espaços, que derruba imperios com um gesto e cria mundos com uma palavra, abre o templo ao que trabalha.»

Tudo isto é magnifico e succulento. Se-não, vejam o que das poucas linhas que ficam transcriptas se deduz:

- 1.º Que o snr. Sá já fallou ao coração dos artistas de Coimbra.
- 2.º Que um orador qualquer (o snr. Sá, por exemplo) só falla ao coração do auditorio quando o thema, que escolheu, é falso.
- 3.º Que a verdade deve ser singela.
- 4.º Que, as mais das vezes, as galas são o sol ardente que estiola a flôr do prado...
- 5.º Que muitos homens que sahiram do nada se tornaram vultos gigantes na historia (D. Affonso Henriques, por exemplo.)
- 6.º Que os ouvintes devem ir educando *os vultos* que forem nascendo entre elles, se quizerem ter no futuro homens como os sobreditos *vultos*.
- 7.º Que o raio derruba o cedro altivo, enquanto que poupa o arbusto, o qual um dia excede o cedro colosso, que pelos modos não é cedro altivo que se mencionou ao princípio.
- 8.º Que o futuro não deve importar a quem lida incessantemente... porque tem mais em que se intreter.
- 9.º e ultimo: Que Deus, que do alto solio mira os espaços, etc., abre o templo ao que trabalha...

Ora com o devido respeito ao orador, pergunto eu se esta última

parte—não envolve herezia? se não se pretende inculcar a Deus como porteiro ou sacristão do templo do trabalho?

Acho que sim... mas não affirmo.

* E fecha d'esta sorte o zimbório do seu discurso o famoso orador:

«As grandes emprezas como os grandes genios, têm um fim grandioso. Trabalhae e esperae. O céo ajuda quem trabalha, («a quem trabalha» queria dizer) e os mysterios do futuro estão escriptos no livro de ouro pela mão de Deus.»

Pela ultima sentença vê-se que o snr. Sá é um rapaz de pensamentos profundos... e de muitas esperanças.

E' pena que não intercalasse, no discurso impresso, os apoiados e mais demonstrações d'enthusiasmo com que devia ter sido acolhida a parlenda...—Eu sei: quiz imitar o seu collega Vieira de Castro, na já citada *Caridade*...—s. s.^a, como elle... «pensou que era melhor não intercalar no discurso os bravos, os apoiados e todas as manifestações d'approvação e d'enthusiasmo público, para não alterar a leitura», e convenhamos que n'isso andou muito acertado.

Não me lembrava...

* *

TRAÇOS AO CORRER:—MR. MICHEL, QUE FOI A PARIZ:

Com certeza, Pariz é uma grande cidade! Pariz é uma Babilonia! Eu sei de individuos, que depois d'uma visita de dois mezes a Pariz, deviam fazer outra de doze a Rilhafolles.

O motivo é simples de mais para me fazerem entrar em explicações; ao que eu não me exino é a apresentar um d'esses taes, não como typo, mas apenas como esboço:

Miguel Martins era aqui no Porto...—hoje quem não tem que fazer, faz-se photographo; Miguel Martins era photographo, ainda que me dizem que pretendia e pretende ser tudo.

Não tem que vêr; por isso não é nada.

Mas passeando nas ruas da cidade como um simples mortal, ninguém reparava n'elle senão por acaso, e não voltava depois o rosto para attentar melhor.

Foi tempo esse. Agora mudaram-se os ventos, e já não acontece assim.

Um bello dia Miguel desapareceu; ninguem perguntou por elle, mas soube-se mais tarde que tinha ido a Pariz. Quando se apresentou de volta ninguem o conhecia; mas tambem elle não conhecia ninguem.

Foi rã para lá e voltou uma coisa muito inchada, muito cheia de vento, muito assoprada, que nem era rã, nem animal conhecido; como devia ser aquella outra rã de que se occupa a fabula de Phedro, quando estava prestes a rebentar em presença do boi.

* Miguel Martins, depois que foi a Pariz, arranjou um abdomen supinamente aristocratico, muniu-se de colleirinhos que dissessem com o abdomen, de colleirinhos-parenthesis, ou colleirinhos-tolipas, uniu a suissa ao bigode, tomando para modelo os bustos de gesso, da magestade italiana, os quaes ahi se vendem, pelas ruas; e assignou-se — Miguel *de* Martins.

Este *de* é impagavel, e é todo uma photographia do sugeito.

Mas não é tudo o que me souberam dizer d'elle.

Em Pariz Miguel *de* Martins fazia-se chamar pelos criados da hospedaria *Mr. de Martin*, e por tal se despediu dos seus numerosos conhecimentos em cartão de visita.

—Oh! Pariz é uma grande cidade! Pariz é uma Babilonia!... E Rilhafolles?

* *

QUICHOTADA

QUEM LEVA MAIS É QUEM VENCE

Um dia, a toque de caixa,
Vieram os brasileiros
Corridos dos paraguayos
Por matagaes e lameiros.

Aquillo foi dar sem dó
Em quem dava só as costas
Ao inimigo... cobarde,
Que deixou muitos em postas.

Os que puderam salvar-se,
 Esbaforidos, suados,
 Entraram no acampamento
 Sem patrona—e desarmados.

*

E dizia n'um officio,
 Que tinha d'ir no paquete,
 O valente general...
 Que foi na fuga um foguete:

«Mais um acontecimento
 Que tem de passar á historia!
 Mais uma lição de mestre!
 Mais uma grande victoria!

»O louco, o cego inimigo,
 Que tantas vezes cedeu
 Á força dos nossos bravos,
 Mais uma vez se atreveu!

»Mas foi dar-lhes novo ensejo
 P'ra se mostrarem leões,
 Aos soldados brasileiros...
 Que são p'ra as...ocasiões!

»Do inimigo...oitenta mortos!!
 E a mortandade tamanha
 Acrescentem-se, apresadas,
 Doze peças de campanha!

»Dos nossos, mortos, nem um!
 Apenas dois ferimentos,
 Que, segundo o meu pensar,
 Não passam dos filamentos.

»E eis aqui posto em resumo
O que tenho de memoria
De tão famosa batalha,
Que amanhã será da historia.»

*

E nada mais poz no officio,
Que tinha d'ir no paquete,
O valente general...
Que foi na fuga um foguete!...

* *

O POVO É UM SOBERANO, TEM FOME, NINGUEM SE IMPORTA COM ELLE
—E UMA HISTORIA PARA VARIAR:

No outro dia veio-me por acaso ás mãos um periodico intitulado o «Egytaniense», que vê a luz do dia na cidade da Guarda, e n'elle pude lêr, a abrir o artigo de fundo, o seguinte, que me commoveu de véras:

«É triste, senão sinistra, a crise que nos ameaça; o povo, o sustentaculo de todos os poderes, o mantenedor de todas as regalias, que sorriem aos grandes, geme e ninguem o soccorre!

»É o soberano, vestido de andrajos; é o soberano, tendo fome!»

Tem razão o illustre escriptor. Eu não sei se o povo tem fome, e se anda vestido de andrajos, mas é certo que é o sustentaculo de todos os poderes, e que será triste, senão sinistro, quando amanhã desperte e não encontre em cima da meza uma bucha para levar á bôca, nem ache um grande, um nobre, um...vassallo, que lhe fie cinco réis d'agoa-ardente para matar o bicho,—é um modo de dizer...

«...o povo geme e ninguem o soccorre!

«É o soberano vestido d'andrajos! é o soberano tendo fome!»

Pois é triste, na verdade!...

* Um dia tambem, Alphonse Karr leu n'uma gazeta estas palavras, que o impressionaram singularmente, a proposito da reforma eleitoral:

«Se o governo quer saber a verdade, não tem mais do que lançar a vista para a ATTITUDE DO POVO em toda a França.»

—Ora vejam—disse elle consigo mesmo— como estes senhores dos periodicos sabem estas coisas, e como são miraculosamente informados!... gente que não ignora nada e a quem nada escapa! O individuo, que escreveu estas linhas, estava hontem á noite no theatro... pois muito bem; isso não tirou de que elle soubesse o que se passava em toda a França, mesmo nas aldeias mais ignoradas. Pelos modos a *attitude* do povo é ameaçadora; aquillo, quanto a mim,—o povo francez é como o povo que ainda hontem os comparsas da Opera representavam ao vivo—todos alinhados—fazendo os mesmos gestos—e cantando ou berrando ao mesmo tempo, a um signal do contra-regra, «partamos!», ou outra palavra que tal.

Pensando por esta fôrma, Alphonse Karr procurou o seu amigo íntimo Léon Gatayes, e propoz-lhe para irem ambos vêr a *attitude* do povo fóra de Paris, n'algumas terras de provincia.

Dito e feito. No dia seguinte partiam, caminho da Normandia.

E como passassem a barreira, viram o povo que trazia para o mercado carroças com repolhos e varias hortaliças. Não era isso o que os viajantes procuravam. Elles bem sabiam, depois da leitura da gazeta, qual devia ser a *attitude* do povo.

Ao mesmo tempo, em toda a França, o povo devia estar de pé—com a perna direita um pouco á frente, os braços cruzados, a cabeça ligeiramente inclinada, e de modo a lembrar o *Spartacus* de marmore, que se encontra nas Tulherias, etc..

Seguiram e viram:

Em *Mantes*, metade do povo que vendia á outra metade horriveis porcos brancos de diversos tamanhos, os quaes grunhiam a ensurdecer a gente. Do que não parecia tractar-se era da questão eleitoral.

Em *Yvetot*, alguns patos que nadavam n'um charco, e alguma gente a vêl-os nadar.

Em *Rouen*, gente a vender, a comprar e a transportar algodão em sacos. O povo mettia distrahidamente e de passagem a mão nos sacos amontoados, e guardava sempre alguns nacos d'algodão.

Em *Bolbec*, na praça, em volta d'um chafariz, coroado com uma bonita estatua de marmore branco, um grande ajuntamento d'homens e mulheres. Aquillo, sim; aquillo já tinha seus ares d'uma *attitude*. Metteram-se por entre os magotes de povo: — fallava-se d'um ladrão, que se havia introduzido na igreja da freguezia, e tinha esvasiado a caixa das esmo-

las para os pobres, onde a final, havia uns trinta reis.—Gatayes, lastimou de véras o ladrão, que tinha sido evidentemente roubado.

* E seguiram depois até o Havre, e do Havre até Étretat; e voltando ainda ao Havre, embarcaram para Honfleur, tendo occasião de notar que o povo, durante a carreira, guardava ainda pouco uma *attitude*, que fizesse lembrar a do *Spartacus* das Tulherias;—na generalidade o povo tinha enjões e mordida freneticamente em limões;—um sугeito, com o auxilio do vento, offereceu a *Neptuno em cólera* o seu chapéo e a sua marrafa.

Por ultimo entraram em Paris os dois viajantes, Karr e Gatayes, muito convencidos de que a *attitude* do povo em toda a França, não era a dos comparsas da Opera, nem tão pouco a do *Spartacus* de que ainda ha pouco se fallou.

* Ora, voltando ao povo que morre de fome e é o sustentaculo de todos os poderes, não dá tambem vontade á gente d'encavalgar n'um burro e de ir por essas terras fóra com dois alforges, um de cada lado, á procura do soberano vestido d'andrajos... para lhe estender caritativamente a mão, convidando-o a aceitar um logar entre os pobres do asylo?

Dá; se-não por outro motivo, ao menos por quebrar a espinha á serpe da maledicencia, que principia a assobiar *que elle geme e que ninguem o soccorre*.

Mas, é que o povo não geme, é que o povo não carece dos soccorros de ninguem; e eu peço que me concedam licença—para descalçar as botas e dormir a sésta, que se me está tornando um pouco trabalhosa—a digestão do jantar.

* *

DE COMO OS BRAZILEIROS IAM FILANDO O LOPES:

Tinham sido distribuidos a cada soldado do exercito brasileiro um cartão de visita com o retrato do Lopes e um par d'oculos de vista cansada para mais facilmente se poder agarrar o Barba-Roxa d'aquelles sitios incultos.

Não adianto novidade nenhuma. Só ignora estas coisas quem não lê as correspondencias particulares do Rio para o «Braz Tisana» e «Comercio do Porto.»

Vamos adiante.

*

Para não se perderem nos mattos virgens, tinham-se juntado os espiões em magotes de trinta e mais, á procura do homem, fazendo-se acompanhar, alguns da turba, de rewolvers, apitos e alabardas.

... Quando se escuta a voz d'um dos que se haviam temerariamente afastado da *partida*:

—Cá está elle! agarrei-o! venham cá! É o Lopes!

Foi como se tivessem gritado «lobo». Aquelles bravos não pararam senão no acampamento.

Mas o Lopes nem sequer se mecheu do logar em que estava acocorado! Pois como se havia de mecher o infame... se não era outra coisa mais que os restos incorruptos d'um soldado de couro?...

* *

RECEPÇÕES A SOCO NO PALACIO DE CRYSTAL: ENTRADA 100 REIS:

Em um dos dias do mez findo, annunciou-se pomposamente, no Palacio de crystal, um espectáculo, que devia ser a continuação d'outros não menos pomposamente annunciados, como o balão d'oito metros e a corrida de touros... mansos.

O annuncio, em negocio de divertimentos, é tudo. A burla vem depois, mas, quando se dá por ella, já não é tempo de retroceder, e o dinheiro apurado segue o seu destino para os cofres da empreza. É por isso que os espectáculos do Palacio de crystal são sempre pomposos—em cartaz.

A coisa era intitulada—Tiro aos pombos—e dizia-se nova n'esta cidade. Effectivamente era coisa nova o tal divertimento dos tiros.

Imagine o leitor um homem com uma espingarda de dois canos, carregada e engatilhada, mettida ao rosto, e um outro homem, a distancia de quatro passos do primeiro, arremeçando ao ar uma pomba, a quem o experto caçador não dá tempo de abrir as azas e desfaz ao primeiro tiro, e terá uma ideia do que foi o divertimento com que vieram mais uma vez agenciar tostões os empresarios do Palacio de crystal...

Mas não é tudo. Um espectador, a quem o estúpido passa-tempo indignou, como para mostrar o rebaixamento a que tinha chegado o orgulhoso *Progrebior* do frontispicio, disse para outro:

—Aqui só falta uma taberna e uma loja de barbeiro.

Pelos modos não é permittido dizer-se isto portas a dentro do gran-

de emporio das industrias, porque logo cresceu para o espectador inofensivo um dos empresarios da caza, com os punhos cerrados e os braços estendidos, ameaçando desconjuntar-lhe os queixos.

Foi um escandalo. Houve reboliço, berros, encontrões, até que serenou tudo, graças a alguns espiritos ordeiros—para mais tarde recommençar.

Isto não tem commentarios possiveis.

Ora desde este momento, em que a empreza do Palacio de crystal se mostrou d'uma tão exquisita attenção para com um dos individuos que tinha comprado á porta o direito de emittir o seu juizo sobre o que se lhe apresentasse, compete á policia e ás auctoridades assegurarem a inviolabilidade das costellas, de quem entre alli, confiado em que não está em Ranhados ou Chão de Maçãs.

Eú já tinha predito ha muito, que ainda, grades a dentro dos parques do *Progredior*, haviamos de vêr instalado o vinho de ramo, o peixe frito e o jogo de bola; o que eu nunca pensei, foi de vêr tão cavalheirosas recepções pelos donos do estabelecimento...

* *

HISTORIA D'UM CHINÓ A PROPOSITO D'OUTRO CHINÓ:

Hoje encontrei um chinó ruivo, pellado em sitios, de carro descoberto, e lembrou-me um caso que li n'um dos livros de não sei que notavel escriptor francez.

O caso é o seguinte:

Um velho avarento, d'estes que aos sessenta janeiros trazem o primeiro casaco e o primeiro collête que vestiram, para mais de vinte annos havia que tinha assistido á deserção do último cabello da cabeça; e desde logo se munira d'um chinó comprado em segunda mão.

Ao tempo a que me refiro, este chinó era quasi uma segunda calva—afóra o asqueroso da primeira.

Um dia chegou-se um parente a elle, ao avarento, e disse-lhe:

—Porque não compra um chinó em termos, snr. J.?

—Este remedeia... e eu já estou velho para figurar.

—Pois venha d'ahi.

Tomou-lhe o parente o braço, o qual parente suspeito que fosse um herdeiro presumptivo, e levou-o a caza d'um cabelleireiro.

Escolheu o avarento um chinó á sua vontade, que não lhe deixava a descoberto as nudezas da nuca, nem uns dois dedos de calva acima das orelhas; e o outro pagou.

—Está satisfeito?—perguntou o cabelleireiro, vendo-o ageitar-se desvanecido ao espelho.

—Não estou descontente; mas diga-me, se não poderá aproveitar ainda este chinó, que eu trouxe, para alguma coisa?

—Posso, sim, senhor. É uma industria nova; mando botar-lhe uma pala... e fico depois com um bonet.

* Quantos chinós por ahi a lembrarem a conveniencia d'uma pala... não desfazendo no chinó ruivo de que fallei ao principio...!

* *

UMA FERA NO POVOADO:—AVISO AOS PAES DE FAMILIA:

Isto já vem do número passado; é o heroe do artigo o snr. Leite Junior, amante furioso, homem de extremos que, por causa d'uma Elvira das suas relações, dá com a cabeça por paos e por pedras, como já se viu e melhor se verá.

Segue por diante o monstro horrendo:

«Demais, que maior provas queres do que aquella que te dou tornando-me perjuro?

»Por ti vou cuspir na honra de uma familia; vou faltar á palavra dada; vou deixar no desespero do engano uma innocente que me tinha dado as primicias do seu coração de virgem!...

»Por ti vou passar aos olhos da sociedade por um homem infame, preverso, sem honra!...

»Por ti vou semear a vergonha e a amargura no seio de uma familia honrada e feliz!...

»Por ti vou manchar a amisade com o mais hediondo do crime — a ingratitude!...

»Por ti... Ah! por ti vou trocar as doçuras do hymeneu por um amor sem esperanças, por um futuro de trevas, pelo abysmo, talvez!.....

.....

»Oh! mas que importa, se eu te amo?...

»Que importa que eu seja um infame, que me veja despresado por

toda a sociedade, que em toda a parte me persiga o remorso, se eu só quero o teu amor, ó minha Elvira!...

»E diz-me o coração que te não sou indifferente...»

Vamos; isto nem sequer provoca o riso; antes provocasse; era bem melhor,—que não teríamos a luctar com a náusea!

E corre em lettra redonda!...

* Já agora, venha mais. Venha o resto; venha tudo...

«.....»

»Insensato! Julguei por um momento conversar com o anjo dos meus sonhos!...

»Ah! «Ella» não me ouve, não me póde ouvir!...

»A estas horas, quem sabe? nos braços de outro, talvez se não lembre de mim...

»Nos braços de outro!

»Oh! inferno!

»E não poder eu arrancal-a d'alli!

»Não poder roubal a todas as vistas, e ir com ella gosar, em remoto êrmo, as delicias de um amor sem fim!...

»Meu Deus! que terrivel destino o meu!

»Vêr a mulher do meu amor nos braços de um outro, e não poder cravar um punhal em esse maldito...

»Amigo! O' amigo, perdôa a um louco.

»Essa mulher que eu amo é tua...»

.....

«O' Elvira! dá-me o teu amor e serei feliz.

»Pertença embora esse teu corpo de fada a outro homem, mas que a tua alma seja minha, minha só!

»Que ella seja o ecco fiel da minha.

»Que goses, se eu gosar; que soffras, se eu soffrer; que sintas, se eu sentir... E serei ditoso!...

»Promette-m'o, ó Elvira! Que receias?

»Que eu te escarneça? que seja mentido o meu amor?

»Oh! não o creias!

»Despreza-me embora, mas acredita que te amo como nunca amei!...

»Sim! faltava que não me acreditasses!

»A taça da amargura não está repleta ainda! Vasa-lhe mais essas gôtas de fel, para complemento do martyrio!»

.....
 «O' Elvira! não fujas ao brilhante papel que Deus te quer fazer representar!

»Acredita-me: só o teu amor é capaz de me regenerar!.....

»Além, na noite do futuro, pareço vêr radiar uma estrella com resplendente e desconhecida luz...

»E' a esperança... essa filha do céo, sem a qual a vida seria um deserto, sem oásis, sem fim!

»E eu espero...

«Oh! se não esperasse, morria já!...»

.....
 «Quando duas almas assim se *chocam* e se comprehendem, é porque Deus as fadou uma para a outra.»

.....
 «Findou-se tudo!

»Tudo?...

»Oh! não! tenho uma esperança que me sorri ainda!...

»Quem sabe? quem lê no futuro? quem póde sondar os arcanos que se passam lá em cima?...

»O futuro é uma noite escura, sem lua nem estrellas.

»O futuro é um livro em branco...

»Cada dia que passa fica gravado n'uma pagina que não mais se volta...

»Mas a pagina que segue ha-de ser cheia tambem...

»E ha-de ser esse livro immenso só de lagrimas cheio? Nem um sorriso ao menos? Conterá só dôres? Será sempre uma urna de funereas cinzas?...

»Não! oh! não!... Tenho esperança...

»Ah! mas esta esperança encerra um desejo que importa um crime...

»Mas se um d'*elles* tem de desaparecer diante de mim, que seja...

»E' só o que eu peço.»

Será desfructe?

Não é. Não póde ser. O que é, sei eu. E' toleima.

Estou a conhecer o auctor das linhas transcriptas acima, sem nunca o ter visto...

Um pobre diabo, um papa-moscas, um João José sem animo para matar um caracol, fugindo para os portaes quando vê um cão de lata ao rabo, acompanhado sempre d'um apito, e incapaz de seduzir ninguem, quanto mais de saltar de jubilo ao vêr as lagrimas das *mulheres cahidas no laço arteiro...*

O que o snr. Leite possui em alta escala é a monomania do namôro, mas do namôro tragico, fatal. Cada criatura do sexo feminino para elle é uma victima.

Parece-me ouvil-o dizer com os seus botões, engatilhando um sorriso soberano depois de se ter observado a um espelho:

— Pobres mulheres! tenho pena de vós. Não ha uma que não me siga com a vista. E' bem certo que sou um tigre... um javali...

Mas o que elle é, já o leitor sabe; é um pateta inofensivo.

* ¿ E se todos os dias pela manhã o fechassem n'um quarto e lhe refrescassem o toutiço com um banho de chuva, e de tempos a tempos, quando o ataque ameaçasse mais forte, lhe cingissem o craneo com um capacete de neve?

Convém experimentar...

* *

TU QUOQUE, BRUTUS?!—POIS TAMBEM TU...Ó BRUTO?!

O leitor não conhece provavelmente o snr. B. B. d'O. de Abrantes; eu tambem o não conhecia ha ainda muito pouco tempo, mas se devemos admittir que *o estylo é o homem*, vai para uma semana que tive o gosto de travar conhecimento com elle.

Deve ser um individuo perspicaz, um tanto desconfiado de si, excessivamente modesto, o que no dizer d'um escriptor francez é tambem uma fórmula de ser orgulhoso, amante da litteratura amena, sem exceptuar a da quarta pagina dos periodicos, entregando-se nas horas vagas a fazer versos e a passal-os em letra bem talhada, com titulos em caracteres gothicos, para um folheto de papel regrado, com sua capa de papel de chita. Quanto ao resto, 22 annos, e caixeiro da loja do pai.

Isto é o que se me afigura do individuo, cujas iniciaes eu tive a satisfação de vêr no couce d'um estirado artigo, publicado n'um dos periodicos mais em voga, da capital, e dedicado a um outro individuo, chamado Pirão.

A fallar a verdade, não lhe gabo o conhecimento por me cheirar a pouco honesto. Pirão, ainda que entre nós e n'esta epocha, ha de ser sempre um homem de moralidade equívoca.

* Entremos, porém, um pouquinho, no que me deu a conhecer mais um cultor das lettras patrias, modestamente occulto por de traz das expressivas iniciaes B. B. d'O.—(duas vezes B é muito...):

«Pediste-me que te respondesse no «Diario Popular» e estive quasi resolvido a não satisfazer aos teus desejos... attendendo á minha deficiencia intellectual, e mesmo porque a escripta é julgada severamente por esses phariseus da moderna litteratura, os quaes, segundo me consta, teem o desapiedado costume de levar até ao Golgotha da estupenda critica, as producções litterarias dos nossos mais abalisados engenhos.»

Isto é forte. Mas assim é que eu gósto de vêr amarrotados os colleirinhos a esses phariseus da moderna litteratura, que não sabem apartar o trigo do joio, e teem por costume levar ao Golgotha quantos engenhos abalisados nós por ahi temos... sem desfazer no auctor do artigo, que póde ser levado ao Golgotha—antes mesmo de ser engenho abalisado.

Amigo B. B., não m'os poupe! Se ha gente que mereça montaria, são indubitavelmente esses critiqueiros de má morte que murmuram de tudo e de todos;—atire-lhes a valer, mas por quem é não uze das manhas, que sempre adornam o irracional, a quem pertencem as duas iniciaes do seu nome. Os proprios escriptores inofensivos correriamos risco de entrar em caza com alguma canella partida. Antes de atirar, veja lá a quem atira e para onde atira, ó B.!

* Continúa o individuo d'Abrantes ameaçando as cabeças e lombos dos criticos de nossos dias, que teem o pessimo gosto de metter ao pica-deiro do ridiculo, um a um, esse rebanho d'escriptores montesinhos, que nós aturamos diariamente, e cujas vozes—como diz o rifão—não chegam ao céo.

«... Tendo como já disse, a convicção do rachitismo da minha intelligencia, direi aos pifios anatomistas das lettras gordas, que não tenham a lembrança de abrirem o aveludado estojo do seu escalpello, por quanto estas mal coordenadas linhas, vão despidas de balofas pretensões e só teem por fim—completar um desejo...»

Basta, snr. B. B.; nem tanta modestia, que parece mal. Elle... mo-

destia, sim! O snr. B. sabe perfeitamente o que vale. Por mais que ajuste a mascara ao rosto e contrafraça a voz, meu amigo, ha uma coisa no seu todo, que o denuncia á gente, que o não deixa mentir; são as orelhas; é o orgulho da raça.

Tendo-nos fallado do rachitismo da sua intelligencia, o inimigo irreconciliavel dos criticos pede-lhes, a elles, aos pifios anatomistas *de lettras gordas*, de não se incomodarem com a sua obra...

Donde se conclue muito logicamente, que o illustre amigo do snr. Pirão, apesar d'intelligencia rachitica, nem por isso deixa de se considerar na classe dos escriptores—de lettras gordas.

Oh! as orelhas!...eu logo disse.

* Acabou-se. O resto da carta é uma parvoçada, que nem as honras da transcripção merece, ainda que essas mesmas honras sejam muito contestaveis no bocado transcripto.

Como queiram;—eu é que não estou para o aturar.

Oh! os dois BB da assignatura...!

* *

PENNADA

A PROPOSITO DA GUERRA

Ó guerra do Paraguay,
Que famosa guerra és!
Canta a victoria o vencido,
E o vencedor é corrido
Por aquelle aos ponta-pés!...

* *

AS «PUPILLAS DO SNR. REITOR» E O DRAMATURGO ERNESTO BIESTER:
Seja-me licito occupar algumas paginas d'este número dos «Gafanhotos» com um assumpto, que devêra pertencer ao número seguinte. É uma excepção.

Trata-se das «Pupillas do Snr. Reitor», livro que tanto nos soube

encantar e prender, a nós todos que o lemos, reduzido a comedia-drama pelo snr. Biester,— ultimamente levada á scena pela companhia do theatro da Trindade.

Para bem principiar, devia já d'aqui fazer um pedido ao *imaginoso* dramaturgo; e fal-o-hia de certo, se não receasse incomodar o orgulho de s. exc.^a, orgulho, que tem por alicerces a mesma arêa, que serve de baze á sua reputação de fabricante de dramas... originaes.

O pedido resumia-se a que retirasse do palco as suas «Pupillas», comedia-drama, em attenção ao auctor das «Pupillas», chronica da aldeia, o qual, a meu vêr, nunca pensou que se podesse espremer d'ali facilmente uma coisa para o theatro.

Mas pondo de parte o pedido, a que eu não cuido que o illustre parodista do livro do snr. Julio Diniz se digne de prestar a menor attenção, vou occupar-me um pouco da sua obra.

Eu tenho aqui as «Pupillas», romance, e lastimo de véras não ter tambem as «Pupillas» comedia-drama em cinco actos e sete quadros. Do confronto ressaltariam por certo mais ao vivo os defeitos, as abherrações, as incoherencias, que no correr do espectáculo, apenas produzem uma sensação desagradavel no espirito de quem leu e soube comprehender o romance;

Concedido que d'aquelle enredo, todo singeleza e simplicidade, se podésse urdir uma comedia de folego, como a que vimos, na qual a attenção do espectador, por tanto tempo voltada para o mesmo assumpto, se não sentisse fatigada.

Sem o drama, pois, tenho apenas a occupar-me dos pontos, que no deslizar das scenas, mais funda impressão me deixaram...—Não é tudo, mas é alguma coisa.

* Abro o livro do snr. Julio Diniz no ponto em que Pedro, o filho mais velho de José das Dornas, propõe a seu irmão Daniel, o recém-formado medico, um passeio e de caminho uma visita a caza da noiva.

É accete a proposta; vão. Abre-lhes a porta, não Clara, mas a irmã, que fica sobresaltada com a presença d'uma pessoa estranha, e a quem Pedro, para serenar, diz:

—«Não se assuste, Margarida. É tudo gente de caza. Este é o meu irmão Daniel, é o cirurgião novo...»

Clara está no poço; os dois vão ter com ella, a rapariga fica a principio constrangida, e reprehende por meio d'estas palavras o noivo:

—«Então isto faz-se? trazer assim uma visita sem dizer nada á gente!...»

Aqui ha verdade.

Agora vejamos como o snr. Biester compoz esta scena:

Daniel, horas depois da sua chegada á caza paterna, fica a sós com o irmão que, nos modos, parece impaciente.

Espera a noiva.

Ora para alongar a scena, o nosso *fabuloso* dramaturgo achou poder transplantar, de sessenta paginas distante, para aqui um dialogo travado entre os dois e sustentado pelo Pedro a proposito de caça e perdizes e cães.

No romance o objecto da conversação não é de se estranhar, porque se trata exactamente do ajuste d'uma caçada; no drama, quando Pedro aguarda a noiva, elle, que está cego d'amores por ella, fallar assim com um tal afogo e entusiasmo dos seus perdigueiros, é... reticencias.

Mas eis que chega Clara com a irmã.

Acanhamento da parte d'ambas em presença do «desconhecido»;

E vai então Pedro, o rustico, Pedro, o homem do campo, educado na ignorancia dos costumes e usos dos salões, curva-se e diz ás raparigas:

—«TENHO A HONRA de lhes apresentar meu irmão Daniel...»

Se dissesse:

—«Apresento-lhes...»

...não era tão natural. Assim:

—«Tenho a honra...de lhes apresentar...meu irmão...»

...é natural e engraçado a um tempo.

Vê-se que o snr. Biester, ainda que o neguem criticos mordazes, tem dedo para estas coisas. S. exc.^a comprehendeu perfeitamente o Pedro do romance; offereceu-se-lhe uma boa occasião de nos mostrar isso mesmo, aproveitou-a...e não ha razão de queixa.

* A linguagem do Pedro, meia de homem do campo, franca e verdadeira (Julio Diniz), meia de sugeito educado na convivencia de pessoas *illustradas*, presumida e impropria (Ernesto Biester), aquelle dizer mascarado e desigual do filho mais velho do José das Dornas, é uma das belezas, que mais resaltam no *consciencioso* trabalho do *não menos consciencioso* dramaturgo.

Sem ainda mudar do logar onde estavamos:

Eu disse que Pedro, no romance, propõe a Daniel uma visita a caza da noiva.

Mas o que não disse muito acintemente, porque o reservava para mais tarde, foi que ao subirem a encosta d'uma pequena collina...

«...lhes chegou aos ouvidos o som d'umas vozes longinquas cantando concertadas; simultaneamente pararam a escutal-as.

» Pouco a pouco a musica tornava-se distincta, e cedo, ao lado do cruzeiro desenhavam-se tambem as figuras graciosas d'um bando de raparigas, que voltavam á aldeia entoando em côro uma saudação á Virgem Maria—a predilecta da piedade popular.» Harmonisavam-se tão bem aquellas vozes...»

Fiquemos por aqui. Agora o drama:

Elogia Pedro a Daniel os seus perdigueiros, como já deixei dito, emquanto espera aquella que lhe traz acorrentado o pensamento e o coração, quando se escuta fóra, a distancia, um côro religioso, assim como de freiras n'uma opera profana, posto que sem o acompanhamento do orgão,—musica do snr. Frondoni;

E pergunta Daniel ao irmão:

—Que é isto?

E responde o irmão:

—«*É um bando de raparigas que voltam á aldeia, entoando em côro uma saudação á Virgem Maria—a predilecta da piedade popular...*»

O snr. Julio Diniz deve agradecer, se já não agradeceu, ao intelligente parodista do seu livro, o empenho que tomou em polir o filho mais velho do José das Dornas, «educado de pequeno para succeder ao pai no amanho das terras.»

Quando mal nos precatamos, em vez d'aquelle rustico do Pedro, estamos ouvindo o snr. Julio Diniz ou o snr. Ernesto Biester...de rabona e chinellos de bezerro.

Um Pedro de contrabando, que nunca existiu senão na fertil imaginação do escriptor lisboeta!—A gente chega até a desconfiar de que uma outra pessoa lhe marcou a pedido os trechos e as scenas da novella, aproveitaveis para a comedia, e de que elle nem sequer se deu ao trabalho de estudar os personagens, que devia pôr em acção...—tanto a character lhes vai a linguagem, que de tempos a tempos se vê forçado a enxertar

no dialogo, tão natural e correntiamente sustentado no livro do snr. Julio Diniz.

Vejamos ainda mais.

* Quasi no princípio do romance, a paginas 42, diz o auctor que, em uma noite d'inverno, Margarida ainda criança, fôra obrigada pela madrasta, a mãe de Clara, a conservar-se a pé serandando, até concluir uma certa tarefa que lhe marcára...

«Margarida não tentou uma só queixa ou súplica, em seu favor. Calou-se e obedeceu.

»Era, como disse, no inverno; fazia um frio excessivo. A lareira estava apagada já; da parede defumada pendia uma candeia, cuja luz bruxuleante era a única a illuminar o recinto. O vento assobiava nas innumeras fendas da porta da cozinha, e entrava em correntes impetuosas pelo tubo da chaminé, indo inteiriçar os membros regelados da desditosa criança, que, só a custo, podia já suster a roca e torcer o fio, para terminar o trabalho. O silencio da noite era interrompido por mil ruidos sinistros, proprios para amedrontar as imaginações supersticiosas, como sempre, mais ou menos, são as da gente do campo.

»Margarida, n'aquelle momento, sentiu mais amarga, que nunca, a sua orphandade e o seu desamparo. Chorou, chorou a ponto de se suffocar e pediu á Virgem que se compadecesse d'ella.» Etc..

Passemos á comedia-drama.

É momentos antes de principiar a esfolhada. Margarida sentada ao lado de Clara recorda a sua infancia de tantas amarguras e prantos, e, naturalmente, succede fallar do caso narrado acima.

Notêmos antes que, além, é Julio Diniz no seu gabinete de trabalho, meditando, escrevendo, revendo, emendando, e aqui é a aldeã, ainda que um pouco instruida, não afeita, contudo, ao dizer facetado e composto dos romances.

Pois diz ella assim á irmã:

.....
«Era como te disse no inverno; fazia um frio excessivo. A lareira estava apagada já; da parede defumada pendia uma candeia, cuja luz bruxuleante era a unica a illuminar o recinto. O vento assobiava nas innumeras fendas da porta da cozinha, e entrava em correntes impetuosas pelo tubo da chaminé, vindo inteiriçar-me os membros regelados... O si-

lencio da noite era interrompido por mil ruidos sinistros, proprios para amedrontar as imaginações supersticiosas...

»N'aquelle momento senti mais amarga, que nunca, a minha orphanade e o meu desamparo. Chorei, chorei a ponto de me suffocar, e pedi á Virgem, que se compadecesse de mim...»

Não ha que vêr nem que estranhar. Onde o snr. Biester metter a thezoura ou o bedelho, o disparate é certo, é infallivel.

Ora, eu já conhecia o snr. Biester como auctor de coisas em tres, quatro ou cinco actos, e, francamente, não *engraçava* com elle; affigurava-se-me, até, mais um pilha dramatico do que um escriptor de theatro, original e sério. Hoje acho que nem como remendão satisfaz. É aquillo que se vê nas «Pupillas», comedia, em que os personagens, desde o José das Dornas até ao João da Esquina, fallam a mesma linguagem, a linguagem do snr. Julio Diniz, a contar do momento em que no romance o dialogo seja substituido pela narrativa...—é aquillo, e pouco mais.

Tino como o d'este dramaturgo...!

* Mas não basta. Ha ainda muito. Falta-me porém o espaço para concluir d'esta feita, e o remedio é appellar para o número seguinte.

Que remedio!...

* *

POR FALTA D'ESPAÇO:—*continuação do número antecedente:*

É triste coisa, snr. «Joanninha»!...

Ser assumpto, só á falta d'outro assumpto! ser homem, só á falta d'outro homem!...

Pois deixe que não passa do mez que vem. Agora sim, que tomei o caso em brio.

Será um dos primeiros a figurar, soffra quem soffrer...mas não chore, que parece feio...

Até lá.

CSSF

56772

OS GAFANHOTOS

1.^a SERIE

REVISTA MENSAL

N.º 6-1868

AGOSTO—

Carta aos illustres membros da colonia brazileira residentes n'esta cidade — De como se vai accender outra vez a candeia da «Gazeta litteraria» — Pennadas: I A digestão da giboia — As mulheres gordas, a formosa franceza e um visitante que não é pêco — As «Pupillas do smr. Reitor» e o dramaturgo Ernesto Biester (*do número antecedente*) — O «Commercio do Porto» a fazer cócegas á gente — O Porto... gosa!... e a companhia do theatro da Trindade — I: O «Supplicio d'uma mulher» — II: A «Chave d'ouro» — III: A: «Familia Benoiton» e a «Conspiração na Aldeia» — IV: As comedias restantes — Pennadas: II Um ataque geral — Um jornal que se publica diariamente — O meu viveiro: *Typos e caracteres*; O Joanninha — Novos commettimentos: Prodigios da metralha brazileira — O «Commercio do Porto»... burlesco — Pennadas: III Ao general... Banana — Qual d'elles é... o outro? — Errata importante.

*

CARTA

AOS ILLUSTRES MEMBROS DA COLONIA BRAZILEIRA
RESIDENTES N'ESTA CIDADE

Illustrissimos e excellentissimos senhores:

Abri o número antecedente da minha publicação mensal, como talvez tivessem occasião de vêr, dedicando os fragmentos d'um poema inédito, aos bravos de Curupaity, aos heroes da passagem do Humaitá, aos façanhosos soldados brazileiros, que têm dado agua pela barba, como por cá se diz, áquelles estupidos de paraguayos, — não desfazendo em quem está presente.

Hoje principio dedicando a vv. s.^{as} e exc.^{as} estas mal cavacadas li-

nhas em prosa, na dúvida de que o verso, como coisa baixa, não lhes esteja á altura dos impenetraveis bestuntos.

É certo que o Brazil se prepara a immortalidade, com a guerra do Paraguay, e não só isso, mas que está grangeando uma certa importancia, a importancia dos *terríveis*, entre as nações bellicosas da Europa, as quaes o não perdem d'olho, segundo informações particulares...

Essa importancia vem-lhe incontestavelmente da intrepidez e disciplina dos seus soldados, e da sciencia practica da guerra a qual sciencia não falta aos seus generaes.

Ás vezes até me chego a convencer de que esta guerra do Paraguay, é, como se dissessemos agora, um objecto de luxo para o Brazil. Quiz tambem ter o seu Chalons, o seu campo de manobras, o governo do imperio... e declarou guerra ao Lopes, sob pretexto de não sei que offensas dirigidas por este á bandeira nacional.

Os heroismos que desde o principio da guerra se téem practicado por lá, não são para narrar-se em tão curto espaço. Cada paquete é portador infallivel da historia de novas bravuras, d'altos feitos e d'inqualificaveis atrevimentos, muito para darem epopêas. VV. s.^{as} e exc.^{as} bem o téem lido... e sentido.

Mas é que em tudo se ha de metter o demonio da maledicencia e da inveja, e sobre tudo ha de fazer cahir a sua baba empestada e negra!

Practica-se o espantoso, digo mais, o inaudito feito da passagem do Humaitá; a Europa, a Asia (peço-lhes que não leiam *asia*), as cinco partes do mundo — incluindo o snr. visconde da Trindade, são unanimes em reconhecer, que só por si «uma divisão da armada brazileira tinha feito o que não farião todas as armadas e chatas do globo»; e vai e começa a assobiar por entre grandes estraladas de riso o já citado demonio:

— Parvos! Se o feito colossal da passagem do Humaitá estava, não na grande cheia do rio mas na divisão da armada brazileira, na pericia dos vossos capitães e no arrojo da vossa guarnição, porque não o practicaram mais cedo?... Vamos! ide pentear macacos e não queiraes metter-nos os dedos pelos olhos. Dai á enchente o que é da enchente e ver-vos-heis nós como d'antes.

VV. s.^{as} e exc.^{as}, verdadeiros patriotas, de indignados, sentem ferver-lhes em caldeirada, no craneo, o cerebro com o sangue azedado de bilis, e fazem das tripas coração para não se botarem a perder, ao primeiro encontro com o demonio da maledicencia, que lhes assobia isto.

Consintam que lhes diga muito á puridade que procedem mal, e não levem a mal a franqueza da minha opinião. Pois quem presta ouvidos, agora, ao demonio da maledicencia? — Ella se calará se quizer. O Brazil soube ultimamente collocar-se muito acima do nivel das nações da sua igualha, e até muito acima de si mesmo, para recear as pedradas dos Tobias liliputianos e myopes.

Descancem vv. s.^{as} e exc.^{as}, muito illustrados membros da colonia brazileira, com pé de castello aqui no Porto; descancem. A bandeira nacional, como claramente o attestam os officios expedidos do quartel general do exercito em operações contra Lopes, subiu... 99 0/0!

Que mais querem?

E depois, o resto:

¡Aquellas escaramuças diarias, em que os subditos do Lopes tomam a offensiva, em número avultado, para fugirem diante de seis voluntarios da patria e um cabo d'esquadra, os quaes voltam cobertos de loiros depois de terem aprisionado vinte e cinco a trinta dos mais ferozes paraguayos, e deixado no campo uns oitenta cadaveres... entre mortos e feridos!

— Mas os brazileiros não são intrepididos, ainda assim; ás vezes tambem lhes fallece o animo.

Mentira! que não sei de maior prova d'intrepidez do que a dada ultimamente pelos soldados da armada brazileira, passando n'uma lancha com víveres (peço-lhes que não leiam *vivêres*) por entre a esquadra inimiga, que, assombrada por tamanho arrojo, nem se lembrou de chegar o mórão aos ouvidos das peças! ¹

E aquella tomada de Curupaity a toque de caixa e por um fogo vivissimo do inimigo, que muito lembraria a tomada de Sebastopol na guerra do Oriente... se não estivesse reservado aos paraguayos o poder de se transformarem em soldados de sola nos casos de perigo?!...

Falle! guinche! vozeie para ahi a maledicencia! Duvida por ventura de todas estas coisas? Se duvida, ponha então de môlho toda a historia, sem exceptuar a sagrada, e não fallemos em tal.

¹ Aqui ha um pequeno equívoco. Dêmos a Pedro o que é de Pedro; quem ia na lancha de víveres eram os paraguayos; a esquadra, que ficou de bôca aberta era a brazileira. Mas isso não tira...

Mas notem vv. s.^{as} e exc.^{as} até que ponto esse demonio de lingua de dois gumes leva o seu rancor aos filhos do imperio, para nem ao menos respeitar os membros da colonia residentes aqui! — Ouçam-n'o, ao infame:

—Que balôfo patriotismo o d'estes individuos! — rosna elle — um patriotismo, cuja alma está no commercio da cachaça, do café e do assucar! um patriotismo, cuja mola real é o cambio sobre Londres! um patriotismo, cujo único despertador é a inconstancia dos fundos!... Querem vêr que famosos patriotas são estes? Dêem-lhes a libra esterlina a nove mil reis fracos, e deixem-n'os lá uns com os outros. Affianço-lhes que á primeira chegada do paquete lerão com tanto enthusiasmo, com tanto empenho, as noticias da guerra paraguaya como costumam lêr diariamente a revista estrangeira do seu periodico favorito, o «Commercio do Porto»... (sempre o commercio!)

É muito, não é? Isto afflige aos proprios estranhos, quanto mais a vv. s.^{as} e exc.^{as}, que se não andam a esta hora á cabêçada por aquelles paizes incultos, desbastando nas fileiras do Lopes, é só por terem negocio e familia, não esquecendo outras circumstancias, como ser agora a estação dos banhos das caldas, etc...

Patriotas balôfos, vv. s.^{as} e exc.^{as}, cujo santo amor da patria está mais que provado no alvoroço com que receberam a fausta notícia da passagem do Humaytá — (ou da elevação do cambio sobre Londres a 19³/₄ — assobia a bicha) — e no modo unanime por que demonstraram publicamente o seu regosijo... mandando á noite pôr luminarias ás janellas das cazas respectivas e pedindo aos visinhos para não deixarem ás escuras a frente das suas!

Patriotas balôfos... vv. s.^{as} e exc.^{as}!

Eu, que sou um grande apologista dos brazileiros, e não menos do seu homonymo, as bananas, peço-lhes que não o duvidem, — tambem tive a ideia de espetar um lampeão a cada canto da minha varanda e paten-tear a minha adhesão aos seus enthusiasmos, pelo sacrificio de dois côtos de vela de cebo. Mas, pensei; dirão talvez:

— Este ainda é *mais parvo* do que elles. Quer inculcar que tem dinheiro nos bancos do Brazil...

E eu por modo algum quero ser mais do que vv. s.^{as} e exc.^{as}. «Acima d'um brazileiro só outro brazileiro», é um aphorismo (leiam «afurismo, com f-u, fu), que eu aprendi a acatar desde que fiz a sua descoberta,

n'um dia em que não tinha nada que fazer; aphorismo que lhes offereço com a humildade do meu nome.

Sem que me despeça

De vv. s.^{as} e exc.^{as},

illustres membros da colonia,

P. S.

Está á vista o paquete. Espere-mos noticias de novos atrevimentos do exercito brasileiro, e um cambio mais bem figurado, que o das últimas remessas.

U. L.

* *

DE COMO SE VAI ACCENDER OUTRA VEZ A CANDEIA — DA «GAZETA LITTERARIA» :

Dizia eu no derradeiro número dos «Gafanhotos» em um estirado artigo de trinta e nove linhas, entre mais coisas de não menor importancia :

«Ha muito que se faz sentir a falta da «Gazeta litteraria do Porto»....

».....Póde muito bem ser que o soberbo cometa se sumisse para reaparecer mais brilhante.....

»Se, porém, morreu, lastimemos-lhe o viver ephemero e inglorio — e passemos adiante. Logar ao coveiro e aos gattos-pingados.»

E quinze dias depois accrescentava ao notar o silencio, que não tinha deixado de pezar um momento sobre aquella publicação, cuidando ter descoberto a causa d'esse estranho silencio :

«Não me tinha enganado. Estava escripto.

»Morreu a «Gazeta litteraria do Porto» e eu sei o motivo por que morreu ou por que se suicidou, para usar do termo adequado. Suicidou-se por motivo de coherencia.....

»O motivo está no seguinte: o redactor principal da folha escrevêra no prologo do seu primeirc número: «É melhor estar ás escuras que n'um quarto alumiado por sail. Quer-me parecer isto».

»Nem foi outro o motivo da morte da «Gazeta litteraria». Preferiu deixar-nos ás escuras a alumiar-nos com a fumarenta purgueira dos seus massudos artigos».

E concluia:

«Fez muito bem. Devia ter ido ha mais tempo. Ainda uma vez: a terra lhe seja leve.»

E o silencio que nem um momento sequer tinha deixado de pezar, havia muitas semanas, sobre a publicação do nosso primeiro romancista, continuou até que tres ou quatro dias depois da distribuição do último número dos «Gafanhotos», me foi entregue, creio que da parte dos editores do periodico de que o snr. Camillo era redactor, o seguinte aviso impresso em caracteres pezados e sobre-maneira funebres:

«A empresa da — Gazeta litteraria — «pede» a maior venia aos seus bondosos assignantes, pela interrupção havida na sua publicação. Circumstancias imprevistas assim o exigiram.

»No proximo mez de agosto, porém, continuará a sua publicação com a devida regularidade, para a qual de novo «pedimos» a coadjuvação generosa que «nos» téem dispensado.»

Não morreu, pois, a «Gazeta litteraria do Porto». Regosigem-se com a noticia os leitores sisudos, — que ainda lêem periodicos francezes. O snr. Camillo continuará a sacudir o pó mofento dos seus alfarrabios sobre as cabeças dos numerosos assignantes; o que não importa o mesmo que dizer, continuará a atirar-lhes com poeira aos olhos; o snr. Gastão Vidal de Negreiros terá ensejo para saudar mais um vate de peão e faniqueira, que se dignou entrar na choça do pobre, e os demais collabores farão por bem merecer do público, seguindo o caminho trilhado anteriormente.

Não morreu, pois, a «Gazeta litteraria do Porto»; aquelles signaes de coherencia, que eu suppunha ter descoberto entre o seu desaparecimento e as palavras do redactor, já transcriptas, eram apenas apparentes. O snr. Camillo não tinha apagado a sua candeia litteraria por julgar que «era melhor estar ás escuras que n'um quarto alumiado por sail»; apagára-a, é verdade, mas «por circumstancias absolutamente imprevistas assim o exigirem», o que não impedirá de a tornar a accender «no proximo mez de agosto.»

(Escrevo a doze d'este mez e ainda o Lazaro não deu rumor de si...)

Não morreu, pois, a «Gazeta litteraria do Porto». Hibernou, apenas;

circunstancias imprevistas obrigaram-n'a a hibernar — em pleno verão. O facto é do número d'aquelles que repugnam á sciencia e ao senso commum; mas em litteratura, e nomeadamente na litteratura hebdomadaria, o que o leitor menos enxerga é senso commum e sciencia. Ali reina o disparate, e na gazeta em questão, como se vê, o disparate começa muito antes de ella fazer pela segunda vez o seu apparecimento no mundo — d'elle.

Viverá, pois, a «Gazeta litteraria do Porto». Aquellas sahidas de orelhudo, de que fallei, não eram as da despedida. Recolheu-se talvez a bastidores a enfiar de novo a pelle de leão, que lhe tinha cahido logo ao entrar na arena, e vêl-o-hemos agora apparecer, arrastando uma cauda que não lhe pertence, e meneando umas orelhas — que são suas.

Viverá, pois, a «Gazeta litteraria do Porto»... e já que a terra não lhe foi leve, como lhe desejei que fosse, na presumpção de que tinha morrido, — faço votos ao céu para que a vida não lhe seja pezada...

Amen.

* *

PENNADAS

I

A DIGESTÃO DA GIBOIA

Ha seis mezes que se esperam
Grandes noticias da guerra;
Coisas graves, fabulosas,
D'abalarem céos e terra:
—A prisão do infame Lopes,
Auctor de mais de mil mortes,
A tomada dos seus fortes,
E em seguida a rendição
D'aquelle povo d'escravos...—
Ha seis mezes que se esperam
Taes noticias, mas em vão;
Pois que fazem esses bravos,

Que o Brazil sustenta lá?
—'Stão fazendo a digestão
Da passagem do Humaitá.

* *

AS MULHERES GORDAS, A FORMOSA FRANCEZA, E UM VISITANTE,
QUE NÃO É PÊCO.

A formosa franceza! quem não deu um tostão para vêr a formosa franceza no seu throno d'elegancia?!

A maravilha do seculo XIX!

O primeiro modelo d'Academia!

O espanto das gentes!

Eu vi-a em effigie, n'uma grande tela borrada a côres, sem dar coisa alguma, á porta do edificio onde se mostrava e... fugi.

Pelos modos, a formosura d'aquella franceza estava em ter umas pernas, que pareciam duas traves mestras na grossura, e pezar duas vezes o snr. Sampaio da «Revolução de Setembro».

Ora, quando a formosura fôr isto, com perdão das pessoas nutridas, eu não deixarei de fugir d'ella. Similhante formosura apenas se admite em duas classes d'animaes, que eu saiba: nos bois e nos cevados.

Mas... são gostos: e é que se este pela formosura gorda se generalisa, teremos de vêr muitos paes de meninas casadoiras a engordarem as filhas, com a certeza de que serão procuradas e será picado o lance na proporção dos chumaços gordurosos com que se adornarem.

E entretanto o algodão a faltar nas fabricas e a subir de preço no mercado!

E as commissões scientificas a formarem-se, e a estudarem a grande questão economica: «Da crise algodoeira tendo por causa única o empenho das mulheres magras em quererem parecer gordas e das gordas em quererem parecer gordissimas. Dos meios para se atalhar immediatamente a este mal.»

E as mulheres a engordarem de dia para dia como se nada fosse com ellas!

* O assumpto, como vêem, dá para muitas e substanciosas considerações economicas; mas eu quando peguei na penna — sem vaidade! —

não foi para levantar poeira nos arraiaes economicos, ainda que eu não tenha visto lá senão poeira; foi para lhes dar conta d'uma scena presenciada por um dos meus amigos no gabinete da monstruosa formosura.

Este amigo não sabe de difficuldades nem de repugnancias, quando se trata de admirar a natureza — como no caso presente.

Dado o tostão entrou, e viu:

1.º—*A maravilha do seculo XIX...*

2.º—Um parvalheira dirigindo-se em francez á maravilha.

3.º—Uma duzia de basbaques escutando de bôca aberta.

O meu amigo juntou-se á pinha dos basbaques, e escutou, não sei se tambem de bôca aberta como elles, o seguinte:

O parvalheira:—Madame, quand passe meilleur, en chaud ou en froid?

A maravilha:—Moi, je me porte mieux pendant l'été, quoique ce soit dans les pays chauds comme en Italie, par exemple.

O parvalheira:—Oui; je suis admiré... (voltando-se) Diz que passa melhor no verão do que no inverno!

Os espectadores:—(espantados)—Sss!

Um incrédulo:—Não! essa agora é gorda!

O parvalheira:—Cependant il parait qu'une personne grosse...

A maravilha:—(continuando)—En été je n'ai même pas ce qu'on appelle des boutons de rougeur. Ce que vous voyez ici (apontando para o pescoço)—a été causé par la frayeur.

O parvalheira:—Oui; bem sei. (Voltando-se)—Diz que aquillo que tem no pescoço... lhe foi causado pelo frio, no verão. (Para a maravilha)—Mais alors ce fut une constipation!

A maravilha:—Pas du tout. À Lisbonne je voulais me faire voiturer jusqu'à l'hôtel, et lorsque je montais dans la voiture, voilà que je manque l'étrier et la frayeur, comme je vous ai dit, m'a causé ça.

O parvalheira:—Agora comprehendo; merci; je comprends. (Para os outros)—Quando chegou a Lisboa ia a subir para uma sege, mas faltou-lhe o equilibrio, e como sentiu frio, veio-lhe aquillo ao pescoço.

E o cicerone parvalheira cumprimentou a sua interlocutora e atravessou pelo meio dos espectadores com a sombraceria de quem sabe quanto vale.

O meu amigo tambem não se demorou muito tempo a examinar a maravilha, e sahiu satisfeito.

Tinha gosado...

* *

AS «PUPILLAS DO SNR. REITOR» E O DRAMATURGO ERNESTO BIESTER — (*Do número antecedente*):

Continúa a comedia-drama do snr. Biester a fornecer-me assumpto para mais algumas paginas d'esta publicação mensal.

Se o meu proposito fosse demonstrar que s. exc.^a nunca devia ter posto em scena as suas falsas «Pupillas», em attenção ao auctor das verdadeiras, eu ter-me-hia satisfeito com o que deixei escripto no precedente número. Mas vou um pouco mais longe; quero provar que o nosso fecundo dramaturgo não fez senão disparates em tudo o que fez; modificando, transpondo, supprimindo ou augmentando, com isso padeceu o romance, e com o romance não poucas vezes a verdade e o senso commum.

Prosigamos.

Acaba Margarida de recitar á irmã a ladainha que o snr. Biester foi buscar a uma narração do livro do snr. Julio Diniz, e que principiava: «Era como disse no inverno; fazia um frio excessivo»,—quando se ouve um tropear de sócos, e entram em scena duas alas d'homens e mulheres *cantando em côro* a canninha verde, e dansando ao som d'uma viola.

Esta entrada é obra do snr. Biester. No romance abre a scena quando já tem principiado a esfolhada. Pois é uma entrada d'effeito! sem esquecer a canninha verde cantada em côro pelos homens e mulheres, que vêem ao serão....

Uma novidade para a gente das nossas aldeias minhotas!...

E depois, a esfolhada! Leiam-me a descripção da esfolhada no romance, e digam-me se no drama reconhecem aquillo por o que pretende inculcar.

E a xacara popular da «cabreira» cantada por Clara?—Como diz bem aquella musica suspirada, delambida e engravatada do snr. Frondoni, depois do côro chuleiro da canninha verde pelos comparsas!

E o auctor do livro a dizer que a xacara era cantada «em uma d'essas singelas e monotonas melopeias de quasi todas as nossas xacaras populares»!

Mas é que assim... é mais bonito!

* Ainda Clara não tem acabado de cantar a balada, quando José das Dornas grita *milho rei!*

Seguem-se os abraços do estylo.

Principia a animar-se o serão com o acontecimento, acompanhado das galhofas do velho e dos ditos dos circumstantes.

E as espigas vermelhas a apparecerem ora nas mãos d'um, ora nas mãos d'outro, e os abraços a repetirem-se, — até que d'uma vez foi parar *milho rei* ás mãos da noiva de Pedro, que teve de cumprir a *sentença*, como lá lhe chamam.

E chegada ao pé de Daniel, «foi quasi a tremer que o abraçou. E quando se sentou junto d'elle, sentia-se constrangida e não ousava erguer os olhos.»

A final appareceu tambem a Daniel uma espiga de milho vermelho.

Ergueu-se o novo cirurgião, abraçou distrahidamente a todos até chegar a Clara, «que apertou ao peito, de maneira a redobrar o enleio em que se achava já a rapariga.»

Depois acabou a esfolhada pela meia noite e começaram as dansas; a noiva de Pedro foi sentar-se ao pé de José das Dornas e Daniel seguiu-a; até que a uma declaração amorosa d'este, a rapariga se ergueu de chofre, não podendo reprimir um grito, que alvoroçou os presentes.

Isto é no romance. A tempestade vai-se formando a pouco e pouco, até que rebenta. Nada d'aquillo se estranha, porque é muito natural.

No drama, porém, é dito e feito. Daniel chega á esfolhada, senta-se ao lado de Clara, ouve cantar a xacara da *pastora* com acompanhamento d'orchestra, musica do snr. Frondoni, acha *milho rei*, mal o pae tem acabado de abraçar a todos, faz a declaração á rapariga, e... segue o resto; ella ergue-se indignada, e logo Pedro e os demais a perguntarem-lhe o que foi; se lhe doe alguma coisa.

Ha um adagio que reza — demos tempo ao tempo —; e se elle, que é um bom conselho, devia ser aproveitado, era por quem tivesse de tratar a scena que fica descripta; por desgraça o snr. Biester não é homem de meias medidas; quiz encurtar caminho, espicaçou o Pégaso por atalhos não sabidos, e o resultado foi chegar ao cabo da pequena jornada com as ventas indispostas.

Francamente, não sei, em drama, de scena mais desenchabida, mais fria e chôcha, do que esta da esfolhada, em que era força que reinasse

muita animação e muita alegria até ao momento em que a noiva de Pedro se ergue ás palavras atrevidas do futuro cunhado.

Ora eu estou cada vez mais persuadido de que o illustre dramaturgo lisboeta, cuja bagagem d'actos é numerosa, se dispensou d'entender a chronica do snr. Julio Diniz, para d'ella compôr uma coisa para o theatro; ou queiram explicar-me por outra qualquer via este factó d'uma verdade incontestavel, e que fica apontado no principio d'este artigo; que o snr. Biester augmentando, cortando ou transpondo scenas do romance, não fez senão inconveniencias, para não empregar o termo proprio, ingrato a ouvidos melindrosos.

Que cegueira o tomou, que não o deixa vêr os mais estranhaveis desacertos?

E d'ahi — talvez seja cegueira; a cegueira dos homens de nada, a quem outros de menos que isso apregoaram d'homens de muito; pobres Narcizos, cuja myopia não os deixa vêr clara a imagem no tanque!

* Ha no romance um episodio burlesco, o dos amores de Daniel com a filha do João da Esquina, que vem, posto no drama, assegurar-me de que não foi descabido o epitheto de «remendão litterario» com que julguei ter marcado o logar, que lhe era devido entre as pessoas que escrevem, ao parodista das «Pupillas do snr. Reitor».

Não cuidem que no modo acre de fallar a respeito do illustre dramaturgo — (não reparem na repetição do adjectivo; n'esta nossa terra é illustre, quem não tem, de seu, titulo algum por que se recomende); — não cuidem, ia dizendo, que n'este modo acre de fallar a respeito do illustre dramaturgo anda animosidade ou despeito. Nem uma cousa nem outra.

Apenas tenho conhecimento do snr. Biester como auctor de traducções mais ou menos originaes, e ultimamente como *reformador* do livro do snr. Julio Diniz.

Posto isto para os que não crêem na sinceridade e no desapaixonado da critica, senão quando ella se apresenta com os ares lôrpas de juiz eleito de qualquer freguezia rural, no uso das suas funcções, occupar-me-hei do modo porque foi aproveitado para o drama o episodio dos amores do filho mais novo do José das Dornas com a filha unica do João da Esquina.

Alguns dias depois da sua chegada á caza do pai, Daniel visita o

collega João Semana, que está a descansar das fadigas do dia; encontra, porém, um seu antigo conhecimento, a criada do velho cirurgião, que o tinha visto crescer de pequenino; e então é o recordarem-se dos tempos passados. A isto segue-se o pedir-lhe ella para ir visitar o mestre de Margarida e entrar em caza de João da Esquina.

Vai; e depois de ter dirigido algumas finezas a Clara, que estava á cabeceira do primeiro doente, e que via pela segunda vez, visita o tendeiro, acabando por tocar-lhe amorosamente o coração da filha, a mais trigueira rapariga do logar, elogiando-lhe a côr da tez; a qual côr era o unico motivo de todos os seus padecimentos, d'ella.

No dia seguinte voltou Daniel a caza de João da Esquina; mas antes d'isso já os dois conjuges se tinham conspirado para o prenderem de geito que o resultado fosse o *conjungo vobis...* etc...

Voltou n'aquelle dia, e continuou as suas visitas a caza do tendeiro o filho de José das Dornas; por modo que não restou dúvida alguma aos progenitores da rapariga mais trigueira do logar sobre a paixão, que trazia em chammas o peito do moço.

Conferenciaram ainda os dois e ajustaram que se dêsse «o grande passo».

Vestiu João da Esquina o fato de vêr a Deus e foi procurar José das Dornas.

Explicado tudo, o que o tendeiro queria, era que, em face d'uns versos, que Daniel lhe tinha escripto á filha e por que elle se mostrava escandalisadissimo, o lavrador obrigasse a casar com ella o filho.

Mas isto fez rir o outro e nada mais; sendo a conclusão de tudo, sahír João da Esquina de caza de José das Dornas sem probabilidades de se aparentar com ella pela união dos dois namorados.

O episodio terminou n'este ponto.

E só dois mezes corridos é que se effectua a esfolhada e tem logar mais tarde a scena da espera na fonte, e a entrevista no quintal e a do passeio do reitor com Margarida pelas ruas da aldeia.

Ora, antes de passar ao drama convém notar que este caso dos amores de Daniel com a filha do tendeiro não é *verbo d'encher*, como podem julgal-o os que lêem romances para matar o tempo.

A digressão, deixem-me assim chamar-lhe, é feita muito d'industria para preparar o leitor a entrar naturalmente no objecto principal do romance, a paixão estouvada do rapaz pela noiva do irmão; e não só para

isso como para nos esboçar o character voluvel do filho mais novo do José das Dornas em pontos respectivos a mulherio.

* *Desçamos* á obra do snr. Biester.

No segundo acto, como já ficou notado no precedente número, chega Daniel á caza paterna com as suas esperanças e a sua carta de medico-cirurgião, e é recebido pelos seus antigos conhecimentos, inclusivè pela velha criada de João Semana, que o abraça, etc..

Não é nova a scena; o que é nova é a maneira por que se apresenta. No romance passa-se em caza do velho facultativo ao outro dia ou dias depois da chegada de Daniel,—no drama é na habitação de José das Dornas, mediante o espaço d'uma hora á da vinda do rapaz.

Questão de logar e de tempo!

E logo a velha Joanna a pedir-lhe para que vá em vez do amo visitar o mestre de Margarida (e Margarida presente; outra modificação...) e chegar de volta a caza de João da Esquina! Isto, quando elle ainda não teve tempo de largar a bolsa de viagem e mudar de piúgas.

Mas Daniel é bom moço; promete fazer as duas visitas e pelos modos cumpre; ao menos quanto ao que respeita ao tendeiro, porque no acto ou quadro seguinte, um pouco antes de principiar a esfolhada, chega Joanna, e conta a Margarida o escandalo dos amores de Daniel com a Francisca do João da Esquina, amores que datam da visita d'elle á caza do tendeiro.

A isto segue-se a paixão do filho mais novo do José das Dornas pela noiva de Pedro; e temos:

= A declaração d'amor feita por elle ao ouvido d'ella na esfolhada (3.º quadro), o que dá em resultado o caso de que fallei ha pouco;

= A scena da fonte, em que Daniel (4.º quadro) espera Clara e lhe falla uma linguagem apaixonada;

= A entrevista do quintal (5.º quadro) em que o mesmo Daniel é surpreendido pelo irmão em dialogo com a noiva;

Não sendo senão no 6.º quadro, depois de tudo isto, e quando já ninguem se lembra da historia dos amores do cirurgião novo com a filha do tendeiro, incluindo o rapaz, que o snr. Biester achou a proposito metter á bulha, como de poucos dias, os versos dedicados por Daniel a Francisca, tomando da novella a scena em que João da Esquina vai offendi-

do pedir a José das Dornas uma reparação para o credito da filha! (Peço desculpa da longura do periodo. É negocio de folego...)

Quer dizer, que poz mal a paginas 257 o que estava bem a paginas 135; um salto de 122 paginas, salvo o erro... para attender á necessidade de preencher um acto.

Mas não admira! Se desde o principio ao fim, a comedia-drama é obra mais de carpinteiro, que de litterato; se respeita menos á penna, que ao martello e á cunha!

Entendeu o nosso fecundo dramaturgo que tinha satisfeito ao fim a que apontava, de compôr um drama com as «Pupillas do snr. Reitor», logo que do enxerto das scenas do romance umas nas outras lhe resultassem quadros ou actos mais ou menos ligados; e vai e fez aquillo. Pois — fez muito bem. Pena é que em toda a composição não haja sombra de logica nem da verosimilhança com que no livro do snr. Julio Diniz se desenvolve o romance!

Mas a logica dispensa-se em litteratura, no drama especialmente, e a verosimilhança tambem. Saiba-se uma vez por outra abalar os nervos do espectador com um lance imprevisto, com uma scena commovente, farejada n'um dos livros de Paulo F'eval ou de Xavier de Montepin... e ter-se-ha conseguido uma reputação, que valerá muito mais do que tantas, conquistadas pelo trabalho, pelo estudo e pelo talento.

Em litteratura corre tudo assim. Antes de qualquer ser litterato, e para que o seja de nome, á terceira babusice, que mande para a gazeta, carece d'aquella dóse de charlatanismo com que fazem recommendar os seus productos os auctores de pomada d'urso e de licores transmutativos.

Um dia talvez isto mude um pouco d'aspecto; ha de ser quando os leitores de senso se resolverem a enxotar para fóra do mercado os vendilhões d'elixires de longa vida, os falsificadores das obras dos outros, que ainda não téem um nome, os contrabandistas de fazendas estrangeiras, nacionalisadas e vendidas como de sua fábrica.

Mas quando será isso? — Eu sei...! provavelmente quando os leitores de senso forem capazes d'alguma cousa util.

* Alongou-se o artigo e ainda ha mais que dizer a respeito da comedia-drama do snr. Biester.

Continuar-se-ha pois.

* *

O «COMMERCIO DO PORTO» A FAZER CÓCEGAS Á GENTE :

A seriedade do «Commercio do Porto» tem-se tornado proverbial.

É a seriedade do homem de negocio, que foge de ter contractos com os individuos, que deixam crescer bigode e usam luneta.

No emtanto, lá de tempos a tempos, sem perder a compostura, sabe tambem mostrar que tem chalaça e dizer duas coisas para rir.

Ahi vai como elle conta chistosamente um caso, já de si muito engraçado :

«*Diversos usos do violão.* — Era até hoje sabido e conhecido de todos que o violão era um instrumento harmonico. Acaba, porém, de ter logar na rua de Santo Antonio uma experiencia, pela qual se prova que o violão é um instrumento... contundente. Eis o caso :

»Hontem pelas 4 horas e meia da manhã passavam por aquella rua dois individuos, um dos quaes levava um violão. Junto ao theatro Baquet travaram-se de razões e ao cabo d'ellas o do violão tal pancada deu com elle nas costas do seu adversario, que o fez em pedaços (ao adversario). Acudiu a patrulha e julgou que o melhor meio de pacificar esta desharmonia (a desharmonia entre o violão, instrumento harmonico, e o individuo que o levava) era prendel-os a ambos. Assim o fez, levando-os para o Carmo (ao individuo e ao violão), d'onde depois foram para a administração do 2.º bairro.»

Ora havemos de confessar que é uma notícia muito engraçada esta do violão, instrumento contundente e harmonico...

Ainda quizeram dizer que não foi o adversario do homem do violão, quem foi feito em pedaços, mas sim o violão; a isto responde-se com as palavras do proprio historiador do facto, as quaes nem sequer admittem commentarios :

«Acaba, porém, de ter logar na rua de Santo Antonio uma experiencia, pela qual se prova que o violão é um instrumento contundente.»

Sempre ha violões bem desordeiros!

* *

O PORTO...GOSA! — E A COMPANHIA DO THEATRO DA TRINDADE :
Isto aqui no Porto é um encadear de diversões, que Deus nos acu-

da. Hontem, o Palacio de crystal com o seu «tiro aos pombos» e as suas «illuminações de cal»; hoje, a companhia do theatro da Trindade com a sua Familia Benoiton e o seu Procopio Baeta; ámanhã talvez, um ventri- loquo de nomeada e um expositor de figuras de cera.

E ainda se queixam!...

Porque o Porto está peor do que uma aldeia.

Porque no Porto não ha onde matar o tempo ás noites.

Porque no Porto morre-se de aborrecimento, de tedio, de fastio.

Porque o Porto faz pensar n'uma cidade habitada por automatos, sem a graça das do snr. Hermenegildo.

—Mas é que o Porto não está peor do que uma aldeia!

—Mas é que no Porto ha onde matar o tempo ás noites!

—Mas é que no Porto não se morre...etc. (vid. atraz para não des- perdiçar espaço).

Aqui ha sempre que vêr, e eu não sei que lucram certos individuos em andar de campainha na mão por essas praças e cafés em nos des- acreditar aos olhos dos estranhos, que vêem ao Porto á cata de distracções e coisas.

Querem mais? Não estão satisfeitos com os surprehendentes fogos de cal nem com as semsaborias do snr. Procopio Baeta? Pois bem. Visitem Pariz e Londres; demorem-se por lá oito ou quinze dias, o tempo suffi- ciente para se aborrecerem, viagem, estudem, e voltem...—depois falla- remos.

Agora está em scena a companhia do theatro da Trindade.

I—O *Supplicio d'uma mulher*:

As poucas linhas, que se vão escrever, não téem mais valor algum, do que o que merecem os juizos baseados sobre impressões de momento, os quaes, diga-se de passagem, não são os menos d'engeitar.

O «*Supplicio d'uma mulher*»...—falleemos em primeiro logar do «*Sup- plicio d'uma mulher*», drama cujo merecimento reputo superior a todo o restar.te catalogo das peças levadas aqui á scena pela companhia do thea- tro da Trindade.

Como estudo e como obra d'arte, não sei de muitas, que se lhe egua- lem e menos d'alguma que se lhe avantage. Como estudo ha que vêr no «*Supplicio*» uma das mais tremendas luctas, que se podem travar n'um coração de mulher amante; como obra d'arte, basta dizer que o espe-

ctador mais entendido n'esta rotina d'alcapões e portas falsas com que os dramaturgos costumam sacudir os nervos do respeitavel público, assiste, desde a primeira até á última scena, presa d'uma curiosidade sempre viva e sempre crescente, e não poucas vezes d'uma commoção comparavel só ao abalo, que nos deixa por alguns instantes o choque d'uma pilha galvanica.

* N'este drama em que de princípio a fim o remorso d'um crime, commettido ha uns poucos d'annos, remorso atroz, horrivel, mistura de continuo o seu fel com as lagrimas d'um arrependimento sincero, e em que a punição d'esse crime, já de tão longe expiado, é o fecho do ultimo acto, quizeram muitos moralistas, d'estes moralistas sandeus, que não vêem senão com os olhos da cara, enxergar laivos d'uma *liberdade* reprehensivel (o termo griphado é lá do vasconço d'elles).

Quem seja um dos taes, deve tel-o adivinhado o leitor. Apesar da formidavel papeira, do abdómem rotundo e do andar pezado, como de boi d'embarque, ainda não perdeu a mania de córar, como a mais púdica das virgens, mal se lhe offerece occasião propicia, e de voltar o rosto d'enojado, e de correr as cortinas das janellas, quando o acaso lhe defronta com um espectáculo de moralidade contestavel.

Será escusado dizer que o bojudo e casto sujeito de que se trata, que tem mais apparencias de negociante de polvo e bacalhao, do que de vestal, accessivel ao rubor do pejo—é o «Commercio do Porto».

N'este espelho das meninas envergonhadas lê-se com referencia ao drama de que estou fallando:

«O «Supplicio de uma mulher» é uma producção de merecimento, posto que um tanto livre. Póde dizer-se um perfeito estudo sobre a mulher. Além do bem tratado do assumpto, a traducção está feita com esmero.

»O primeiro acto é o que póde com razão taxar-se de mais livre.»

O drama tem merecimento, mas é um tanto *livre*. Livre e asnatica a um tempo é a linguagem do «Commercio»! pois não vêem o púdico dizendo que o «Supplicio» se póde chamar um perfeito estudo—*sobre a mulher?*...

Livre, em quê?—Explique-se, para que não lhe chamem tolo!—Onde está ali a immoralidade?—em se nos apresentar uma mulher criminosa?

—mas ella arrepende-se! mas ella é castigada! que mais? queria o castigo sem o crime? a punição sem o delicto?

Não entendo semelhante gente... que vê *liberdades* em tudo.—Denuncia-se uma chaga no corpo humano, que ameaça contaminar-o de dia para dia, se não lhe acodem com o cauterio e o livram da podridão. ¿E esse corpo hão de deixal-o cahir a pedaços, porque a ferida é repellente e o cheiro que d'ella se exhala affecta os narizes delicados? — Não. Que saiam os que não têm *estomago* para estas coisas e deixem operar á vontade, que se trata da salvação d'uma vida.

* Ainda se disse mais a respeito do «Supplicio d'uma mulher». A folha miguelista da localidade, que já editou um livro contra os maçons e traz no quarto volume a «Bibliotheca da juventude christã», estrebuchou e gritou como energumena ao dar conta do immoralissimo espectáculo.

—«Em que paiz estamos, que não se prohibe que suba á scena o mais deshonesto dos dramas?—onde está o snr. inspector dos theatros?—Que é d'elle que não olha por estas coisas?—Quem dirá, depois de ter visto o «Supplicio d'uma mulher», que o theatro é uma escola, onde se vai aprender a respeitar a virtude e a castigar o vicio? Deixemo-nos de vãs interrogações. O mundo está perdido!»

E está!... lá isso está!

Ora eu lhe digo:—O theatro é uma escola, e uma escola de grande aproveitamento e lição, mas é preciso que da parte do espectador haja a idade e o senso preciso para lh'a poder tirar. Ali não se professa a cartilha do Padre Ignacio nem o Manual encyclopedico; quem pensa que deve levar crianças para o theatro, porque lhe disseram que era ali *uma escola*, anda erradamente. As crianças deixam-se em caza entretidas a folhear o Cathecismo de perseverança, ou a lêr a... Bibliotheca da juventude christã.

Vai ao theatro quem sabe discernir o verdadeiro do falso, o trigo do joio; quem tem os olhos abertos á luz do dia, e não quem se apresenta com elles ainda grudados das primeiras purgações remelosas.

Mas questionar com moralistas, como os de que se trata, que não vêem ou não querem vêr um palmo adiante do nariz, além de tempo perdido, é refinada tolice.

Digam-me, antes de mais nada, quem ensinou logica a Tartufo!

* Seria imperdoavel, depois de fallar do drama, d'origem franceza, esquecer de dar o seu quinhão d'elogios ao traductor, que tanto contribuiu da sua banda para que elle nada perdesse cotejado com o original. São hoje tão raras as boas traducções, que ninguem, cuido eu, tomará á conta de lisonja o pouquissimo que fica dito a respeito do anonymo, que tão bem levou a cabo a arriscada tarefa de verter para a nossa lingua o «Supplicio d'uma mulher».

Quanto aos actores, comprehenderam e não só comprehenderam, mas sustentaram-se á altura dos papeis respectivos, ambos de grandes luctas e lances formidaveis, o snr. Tasso e a snr.^a Emilia Adelaide.

Creio que basta de «Supplicio».

II—*A chave d'ouro* :

Devo-lhes dizer que a «Chave d'ouro» é uma estopada em cinco actos, em que os personagens não vivem n'este mundo e menos ainda n'este caro torrão, apezar dos nomes soarem portuguezmente.

Ali, portuguezes, só os nomes. O resto conhece-se logo que é negocio de contrabando pouco para figurar como objecto de fábrica nacional.

* A proposito d'esta coisa devida á penna, salvo o erro, do snr. Luciano Cordeiro, dizia o «Jornal do Porto» o seguinte :

«*A chave d'ouro*, peça extrahida de um proverbio de Octave Feuillet, se bem nos recordamos, é uma comediasinha em cinco actos, que não seria talvez muito difficil resumir em um só. As mulheres fallam n'esta peça com a candura e o pudôr de jovens educandas de vestido branco e coração tão alvo como o vestido. Os homens afinam as phrases pelo mesmo diapásão. É um concerto de branduras e de meiguices celestiaes, em que entra o amor com tres bemoes na clave. O enredo é innocente como uma pêra madura. O todo tem o merito e o defeito de um capilé feito com agua benta. É saudavel, mas sente-se a necessidade de fumar um charuto e beber um absintho por cima.»

Ora eu no dia seguinte áquelle em que assisti ao desempenho da peça, li a notícia do «Jornal do Porto», e, com franqueza, não pude entrar na avaliação d'ella, desde o ponto em que se dizia que a «Chave» «era um concerto de branduras e de meiguices celestiaes, em que entrava o amor com tres bemoes na clave», iuclusivè.

Se a crítica está tão apurada!

Vejam que no caso sujeito, quem não souber música, fica sem saber de que importancia gosa o amor no drama.

E depois :

«O enredo é innocente como uma pêra madura.»

Aqui não ha que dizer ; eu creio que ninguem duvidará da innocencia d'uma pêra madura ;

Mas :

«O todo tem o merito e o defeito d'um capilé feito com agua benta...»

Nova difficuldade em que me põe a critica apurada do «Jornal do Porto», e que me leva a perguntar : — Quem já bebeu ahi um capilé feito em agua benta, ou quem pelo menos lhe sabe dos *meritos* e dos *defeitos* ? — Esperemos por quem me illucide sobre este caso importante, para poder depois avaliar quaes sejam os meritos e os defeitos, que o noticiariista descobriu no todo do drama em questão. Até lá....

E termina :

«É saudavel (o capilé feito em agua benta?), mas sente-se a necessidade de fumar um charuto e beber um absintho por cima.»

Mas eu, que nunca fumei um charuto nem bebi um absintho, que nem tolero nas guelas o fumo d'um, nem supporto nos labios uma gotta do outro, como poderei avaliar a última observação do atilado crítico ?

D'onde concludo, que, para o leitor se poder guiar pelo «Jornal do Porto» na avaliação d'um drama qualquer—da «Chave d'oiro» por exemplo, carece :

- 1.º De entender um pouco de musica... applicada ao amor.
- 2.º De saber dos effeitos d'uma pêra madura na economia animal.
- 3.º De ter bebido um capilé feito com agua benta ou de tratar com pessoa que saiba explicar-lhe os meritos e defeitos d'elle.
- 4.º e ultimo. De fumar charuto e beber absintho.

Ora... hão de convir n'isto : que entre nós a critica e os criticos de noticiario se estão tornando... demasiado exigentes !

* Ajudou, como um dos principaes personagens do drama, ao aborrecimento da noite, o snr. Tasso, que por não saber o *papel* — fez um tristissimo papel.

Os demais actores, para não fazerem desfeita ao primeiro galã da scena portugueza, portaram-se como elle.

III—A «*Familia Benoiton*» e a «*Conspiração na aldeia*»:

Duas comedias de Victorien Sardou, que tiram o principal merecimento do estudo apurado d'alguns typos, que apesar de não serem nossos conhecidos, são como que o espelho de muitos que por cá existem.

Está, porém, fóra de todo o elogio o ultimo acto da «*Familia Benoiton*», que desce a confundir-se com as farças de cordel.

Se a gente chega a desconfiar de que não é obra do mesmo actor, aquillo...!

E nada mais para evitar delongas tediosas.

* Quanto a actores merecem nomear-se com elogio, os snrs. Isidoro e Tasso, e a snr.^a Emilia Adelaide; o individuo, a quem tocou o desempenho de rapaz recém-vindo de Londres na «*Familia Benoiton*» chega a enojar. Além de não ter comprehendido o papel, é exaggerado até á provocação...

IV—*As comedias restantes:*

O snr. Procopio Baeta—parvoíce incoherente e chocha.

Os dois candidatos — dialogo engraçado em que os snrs. Isidoro e Taborda disfarçam notaveis defeitos.

Para as eleições—entre-acto sem chiste, a não contar com o pouquissimo, que lhe imprime o talento dos actores, a cujo desempenho está a cargo.

A grã-duqueza de Gerolstein no penultimo andar -- outra sensaboria muito inferior ao snr. Procopio Baeta...

* E com isto, incluindo as «*Pupillas*», de que se falla n'outro lugar, se foi a companhia do theatro da Trindade, levando d'aqui em oito dias, segundo reza a gazeta, um lucro de quatro centas libras... deixando de si poucas saudades.

* *

PENNADAS

II

UM ATAQUE GERAL

—Amanhã dá-se um ataque
Aos reductos do Humaitá,
Que deverão ser tomados!—
Disse um bravo capitão
A alguns dos seus soldados.
—Isso, sim! mas quem o dá?—
—São vocês, e sem receio,
Que fugiu toda a canalha!
Até eu não falto lá!
Não preciso que me ensinem
A arrostar com a metralha!—
—E quem nos diz que os traidores
Não têm posto nas trincheiras
Os seus soldados de palha?!...
Basta já de ficar mal;
Não vamos fazer asneiras!—
Volve o outro pensativo:
—Fallarei ao general...—

* *

UM JORNAL QUE SE PUBLICA DIARIAMENTE:

A imprensa é um sol, um cometa, um pharol, um archote, um candieiro e uma lamparina; a imprensa, tem-se ahi dito que é todas estas coisas mais ou menos ardentes e luminosas, e eu creio piamente no que ahi se tem dito.

O que não sei é em qual d'estas classes de luminares terei d'incluir uma folha que se annuncia do seguinte modo:

A OPINIÃO POPULAR

jornal diario

Proprietario e redactor principal o snr. André F. Meyrelles do Canto e Castro

Como se vê o proprietario e redactor da «Opinião popular», o snr. André Meyrelles, é um homem, que toma a peito as emprezas em que se mette; os trabalhos de redacção da «Opinião popular» começaram no frontispicio, no *jornal diario*, que é uma novidade... entre nós.

A novidade ainda continúa nas seguintes linhas:

«Publica este jornal (diario) todos os dias sob o titulo *Bulletin pour l'étranger* as noticias principaes do dia.»

Necessariamente deve ser uma coisa muito fóra das raias... do commum das gazetas este jornal diario: se até publica todos os dias—sob um titulo estrangeiro—as noticias principaes do dia!...

Mas voltando á questão velha; que será?—... archote, candieiro ou lamparina?—Depois do exposto, quanto a mim é archote; nem póde ser outra coisa, attendendo aos materiaes, que entram na composição d'esta lumieira; breu e palha; deve ser isso.

Muitas prosperidades...

* *

O MEU VIVEIRO:

(TYPOS E CARACTERES)

II

O Joanninha

Eu prometti. Faltar por modo nenhum. Era de fazer desesperar o homem, e com razão.

Conhecem-n'o?—É um pobre diabo! um desgraçado!—faz versos á lua! e para cúmulo de desdita... já achou editor (?)... que lh'os publicasse.

Terá dezenove annos e conta as seguintes obras:

Joanninha, poema em quatro cantos, etc..	300 réis
Rosas brancas, poemeto	120 »
Que joven Telemaco! scena comica	60 »
O nariz, poesia comica	60 »
Vestidos curtos—idem	60 »

Total 600 reis

O poeta infeliz, cuja fecundidade se póde calcular pela precedente lista, se não tem já uma bibliotheca de valor, pelo menos conta uma numerosa bibliotheca. Com 600 reis póde o leitor adquirir os productos variados d'aquelle engenho precoce. Não é barato—mas tambem ninguem achará caro. E depois, é como se assistissemos ao despontar d'um novo astro no horisonte da litteratura patria.

Eu confesso que se não comprei as obras do poeta novel, foi porque um amigo me antecipou na execucao da ideia e teve a delicadeza de m'as offereccr em toda a sua virgindade... não contando quatro ou cinco folhas abertas ao acaso.

Este sugeito escrevêra em dedicatoria na primeira folha do primeiro folheto:

«Ao meu amigo Fulano

offereço

este papel impresso

por não o poder lêr.»

Desculpei-o. Aquelle meu amigo nunca tinha assistido a um d'esses quadros com que se enleva a imaginação mais prosaica e romba, o abrir da manhã; nem se lhe dava d'isso; o hymno com que diariamente acolhia o magnifico espectáculo era mais obrigado a saxofone do que a outro qualquer instrumento, imitativo do canto alegre das aves.

Elle erguia-se invariavelmente ás 10 horas da manhã, depois de ter dormido oito.

Está pois desculpado o homem. Voltemos ao assumpto principal.

* *Das faixas infantis despido apenas...* e mal sabendo engatinhar por um traslado de cursivo, Joanninha começou a dar de si uma ideia muito lisongeira...—por fórma que aos dezeseis annos já não cria nas mulheres nem em coisa alguma d'este mundo.

Sceptico!... mas a culpa não foi d'ellê; a culpa foi d'uma pomba...
—tem a palavra a propria victima:

Porque me foges, pomba, e porque levas
Contigo esp'ranças mil e mil venturas?
Eu perco-me nas trevas
E nem tu me seguras!...

É certo que a pomba não o segurou, o que muito me faz admirar,
porque o geral das pombas não é assim; antes o lançou no inferno! Mas
o que é «inferno»?—vai o leitor sabel-o em duas pennadas:

Inferno é ter um ceu d'astros dezerto...
Inferno é não ouvir a tua falla;
E ter a luz já perto
E a noite apagal-a...

Ora aqui está o que é inferno. Bem se vê que o diabo não é tão
mao como o querem fazer.—Segue, com referencia á pomba:

E tu dás-me esta vida amargurada!...
Que posso eu esperar sem um amigo?...
Ao cabo da jornada
A pedra d'un jazigo...

Cobrir-me-ha da relva a verde esteira,
—Alfaia de quem já na terra dorme—
Ser-me-ha cabeceira
Pedra tosca e informe.

E se vieres um dia ao cemiterio
.....

Has de sentir em ti fogo que mata,
Como de quem tem sede e não tem agua...
E então aquilata
Por ti a minha magua...

Ora foi por causa d'estas e d'outras que Joanninha perdeu tão cedo as illusões e as crenças.

Cahiram murchas já as minhas crenças
Como caem as folhas da deveza...

disse elle por essa occasião, e nunca mais tornou a abrir pio sobre o assumpto,—que me constasse, a não ser para nos dar parte de que n'uma noite caminhára sem bussola nem leme e déra com os ossos n'um abysmo.

Coitado!... felizmente que não se aleijou na quéda.

* Mas se as crenças lhe cahiram murchas, e as illusões tambem (se o traziam illudido e elle era tão verde...!) nem por isso deixou de continuar no cultivo das lettras patrias. Em mais d'um beneficio appareceu Joanninha a recitar versos da sua lavra com uma voz de papo e n'um tom soturno, o que muito fazia rir as platêas e commover os camarotes.

Ainda não ouvi recitar o Joanninha, que não fosse com a panella na garganta. Em familia creio que já não é assim, e Deus nos livre que fosse; a panella é só para os casos solemnes...

Era noite de grande alvorço e enthusiasmo no theatro de S. João, ha pouco mais d'anno e meio. Annunciavam os cartazes o «Arco de Sant'Anna» em beneficio do snr. Noronha, e camarotes e platêa estavam cheios a não poder ser mais.

As chamadas ao auctor da opera repetiam se, as palmas estralavam por todo o theatro, os ramos cruzavam-se no ar...

Se-não quando, alguém arremette com a cabeça para fóra d'um camarote da segunda ordem, tosse alto e grosso, estende o braço para a scena e... o panno fica suspenso, o maestro cruza os braços e resigna-se a escutar. E' o Joanninha quem falla, quem recita. Façam ideia...

Não pude obter os versos, mas lembra-me que o mancebinho animava o snr. Noronha a continuar no caminho encetado, e lisongeiramente lhe chamava irmão; porque a musica é irmã da poesia, e o snr. Noronha era musico e elle, como o outro que diz, era poeta.

Não sei se o notavel compositor lhe agradeceu a descoberta e a fidalguia do parentesco; mas, entalhado na descripção da festa, lá noticia-vam as gazetas do dia seguinte, á excepção do «Commercio do Porto», que não teve conhecimento do que se passou no theatro, o facto do reci-

tativo, com seus elogios muito bem merecidos ao recitador e aos versos.

E ha individuos que ainda se queixam do noticiario! Porque não se queixam antes do pouquissimo que valem? (isto é commigo). Escrevam coisa de geito, saibam guardar as devidas conveniencias, e o noticiario far-lhes-ha justiça!...

* N'este ponto sou obrigado a cortar o fio ao discurso em vista d'uma intimação do compositor. Mao fado persegue o Joanninha! Ainda esperar!...

* *

NOVOS COMMITTIMENTOS: PRODIGIOS DA METRALHA BRAZILEIRA:

Um dos documentos curiosos para a historia da guerra do Brazil contra o Paraguay, é a ordem do dia n.º 222, datada do Quartel general, em Pare-Cué.

Estes bravos dos brasileiros fazem gato-sapato dos pobres dos paraguayos!

Aquillo é um atirar-lhes á caveira, um metter-lhes os tampos dentro, que Deus nos acuda!

O que parece incrivel é que ainda haja por lá, por aquellas incultas paragens, folego vivo para resistir a tanta bravura...

Olhem que se fosse cá, ao tempo a que se estão a matar paraguayos, já a Europa estava um dezerto. Mas aquillo é gente que não vai á primeira... e ainda mal.

Vamos ao documento:

«Ordem do dia n.º 222

»S. exc.^a o snr. marquez, marechal e commandante em chefe, tendo em vista reconhecer os recursos de que dispunha o inimigo nas immedições do Tebycuary, onde constava achar-se acampado o seu exercito, dispoz, para tal fim, uma columna expedicionaria, cujo commando foi confiado ao exc.^{mo} snr. brigadeiro João Manoel Menna Barreto, composta de 1:500 homens de cavalleria e uma bateria de quatro peças de montanha, sendo d'aquelles 370 do exercito argentino.»

Partiu a expedição; e chegada ao passo da Porta, quando tentava atravessal-o, porque o julgava desguarnecido, foi cumprimentada da mar-

gem opposta por «continuadas descargas de infantaria e tiros de metralha, disparados por força inimiga».

Como a coisa cheirasse a esturro e o commandante da força brasileira não estivesse para gastar cera com ruins defunctos, seguiu a columna expedicionaria para o passo da Estancia, meia legua mais acima.

Ahi, novos cumprimentos dos paraguayos; e nova retirada dos brasileiros, para o Passo das Ovelhas, ainda meia legua acima do último.

E como não houvesse resistencia da parte opposta do arroio, no dizer da citada ordem do dia, fizeram-se varias operações guerreiras, sendo muito de nomear a bravura com que o snr. coronel Tres estrellinhas (os nomes não véem para o caso) transpoz o arroio, montado em pello, (o coronel, entenda-se) á frente dos seus homens, montados igualmente.

Vai depois apparecem «VARIAS COLUMNAS de cavalleria e infantaria paraguaya» e fazem «retroceder os intrusos para o ponto de partida», obrigando o coronel Tres estrellinhas, cuja bravura em transpor o arroio foi digna de menção, a repassal-o, seguido da sua gente,—montada ainda em pello.

Agora tem de novo a palavra a ordem do dia, n.º 222:

«Não se achava porém concluida esta operação que começou desde logo a effectuar-se, quando se apresentou a columna inimiga carregando sobre as 48 praças de caçadores, que ainda restavam na margem opposta, as quaes a receberam com uma descarga de fuzilaria e á bayoneta, passando depois a nado para a margem esquerda.»

Pasme-se do arrojio d'estas 48 praças de caçadores e da poltroneria das «GROSSAS COLUMNAS d'infanteria e cavalleria paraguaya», que se deixaram correr como gallinhas.

Não basta; ha mais ainda; prosegue o curioso documento official:

«Avisado a tempo, fez o ex.^{mo} snr. brigadeiro Menna Barreto romper sobre a columna atacante a nossa artilheria jogando a metralha, e bem assim a fuzilaria, que disposta convenientemente, aproveitando a fórma convexa da margem, cruzava sobre a mesma força os seus fogos, sendo isto bastante para a sua precipitada fuga.»

Não entenderam? — eu lhes explico:

As forças brasileiras, que tinham transposto o arroio, safaram-se deante das GROSSAS COLUMNAS de infantaria e cavalleria paraguaya, e repassaram-n'o, ao tempo que ainda eram cassadas da banda de lá algumas praças; vai se-não quando acode ao ponto o snr. Menna Barreto,

faz jogar de cá a metralha — «sendo isso bastante para a precipitada fuga do inimigo»....

As reticencias dizem muito mais do que tudo o que eu poderia dizer em quatro paginas d'elogios á metralha brasileira.

Aquillo, tambem, vai da qualidade das metralhas!

Os paraguayos tiveram medo e fugiram! não foi outra coisa!...

E para concluirmos com as citações, diz a ordem do dia n.º 222, em seguida á noticia da fuga precipitada do inimigo em presença da metralha brasileira :

«Não havendo conveniencia em levar mais adiante o reconhecimento, porquanto, segundo as instrucções de s. exc.^a estava completamente satisfeito o fim da expedição, resolveu o exc.^{mo} snr. brigadeiro Menna Barreto contramarchar; e pondo-se em movimento ás 6 horas da tarde do dia 9, depois de se lhe haver reunido a força argentina, que não tinha podido passar para o outro lado do arroio mais do que 11 homens, chegou ao acampamento do Tayi ás 12 horas da noite do dia 8 do corrente.»

Bravos campeões! cada vez me convengo mais de que sois dignos do espanto do universo! Até á primeira....

* *

O «COMMERCIO DO PORTO»... BURLESCO:

Ainda não estava composto o artigo das cócegas, aquelle que diz respeito aos gracejos do «Commercio do Porto»,—quando me veiu á mão esta noticia, que eu julgo ser tambem chalaça:

«*Tentativa de suicidio.*—Hontem, ao fim da tarde, deu entrada no hospital da Misericordia uma rapariga cujo nome por emquanto se ignora, em consequencia de haver tomado em agua uma porção de phosphoros, com o fim de se suicidar (!). Não se sabem tambem os motivos que a levaram a tão desesperado intento.

»A infeliz perdeu o uso da falla e está em perigo de vida.

»Não temos mais minuciosos promenores a respeito d'este facto.»

Que maganão! nem parece um periodico sério!... só a fazer cócegas á gente, só a fazer cócegas! Tambem não é assim, que póde atacar o nervoso!

Repito; que maganão!

* *

PENNADAS

III

AO GENERAL...

Brazileiro?!... Não mente esse teu rosto!

▶ ti, a quem Europa tanto admira

Na lucta paraguaya, audaz, insana,

▶ ti, a minha voz e a minha lyra!

▶ Não mais me calarei...

—Forte desgosto!

▶ cabaram-se as lettras de *banana!*

* *

QUAL D'ELLES É... O OUTRO:

Isto foi no tempo e no paiz em que a reputação dos empregados publicos não era das mais immaculadas.

O tempo, será no seculo passado; o paiz... a California, se não querem que seja outro.

Posto isto, contemos:

João e José eram dois empregados publicos, dos quaes o chefe dissera:

— Um é tolo e o outro é ladrão.

Soube o primeiro do caso, foi contal-o ao segundo e terminou:

— Mas isto é que não póde passar assim! Quero que nomeie qual de nós é o ladrão... sob pena...

— Ora... nem elle diria essas coisas, homem!... — atalhou o outro.

— Disse; e eu vou proçural-o immediatamente, e ha de explicar-se!... entendeste?

— Mas tu és tolo...

— Mas eu que sou?

— Vamos; ahi vaes tu tambem pegar commigo...!

— Não, não vou; mas que disseste que era eu?

- Obrando assim, és tolo, e repito.
 — Sou tolo?! muito obrigado!...
 — Obrigado, porquê? agora é que eu digo...
 — Muito obrigado, porque és tu que tens d'ir a caza do chefe.
 — Eu?! essa agora!
 — Elle disse de nós: um é tolo e o outro é ladrão; ora sendo eu o tolo, tu és — o outro...

* Não consta da chronica de que eu extrahi esta anecdotá, se o *outro* foi ou não a caza do chefe; mas é de suppôr que se contentasse com a certeza de que não era tolo.

* *

ERRATA... IMPORTANTE:

Estamos com o número antecedente:

Remedemos um erro, que passou, como é provavel que tivessem passado outros d'igual monta.

Diz-se assim a pag. 131, nos fragmentos do poema offerecido ao Brazil:

Sabem vossinhorias e excellencias
 O que fez Sansão aos philisteus
 Por causa d'umas certa indecencias
 Dirigidas a Deus?

Quando o original rezava:

Sabem vossinhorias e excellencias
 O que fez o Sansão aos philisteus
 Por causa d'umas *certas* indecencias
 Dirigidas a Deus?

Está remediado o lapso; para os outros... confio no leitor.

CSSF
 56773

OS GAFANHOTOS

1.^a SERIE

REVISTA MENSAL

N.º 7-1868

SETEMBRO — OUTUBRO —

Segunda carta aos illustres membros da colonia brazileira residentes n'esta cidade—
Distrações d'um primeiro romancista — O meu viveiro : *typos e caracteres* : O Joanninha (conclusão) — As «Pupillas do snr. Reitor» e o dramaturgo Ernesto Biester (conclusão) — Os burros e os gafanhotos; fabula — Despedida...

*

SEGUNDA CARTA

AOS ILLUSTRES MEMBROS DA COLONIA BRAZILEIRA
RESIDENTES N'ESTA CIDADE.

Meus amigos ; meus parentes ;

Illustrissimos e excellentissimos senhores :

Parabens ! muitos parabens !... Triumphamos ! A nossa causa (a minha e a de vv. s.^{as} e exc.^{as}), a causa da justiça, do decóro e d'outras substancias inflammaveis no coração de gente grave e recta, sem desfazer n'outros adjectivos igualmente rectos e inflammaveis com que eu podia arrear a minha idéa, triumphou!... E se não triumphou completamente, a caminho d'isso está.—Oh!... o exercito brazileiro!—Oh!... a esquadra brazileira!!—Oh!... os destemidos soldados brazileiros!!!...

Vv. s.^{as} e exc.^{as} desculpem-me, por quem são, estes arremeços d'en-

thusiasmo e de contentamento, filhos da minha sympathia pela causa do Brazil e da minha admiração entranhada pela bravura dos seus filhos.

Cada individuo tem um modo particular de fazer vêr publicamente o seu regosijo e o seu enthusiasmo por qualquer acontecimento feliz advindo á sua patria querida, por qualquer acção grandiosa practicada pelos seus concidadãos e patricios; — uns, naturezas fogosas, desatam á paulada e á marrada ás pessoas estranhas á terra ou ao paiz em que se dá esse acontecimento ou se practica tal acção; outros, mais expansivos, não contentes com espancarem, roubam os supra-mencionados individuos, como se tivessem por costume sahir á estrada, de bacamarte aperrado; outros ainda, illuminam as suas janellas com lampeões de tres esquinas, botam ao ar foguetes de tres respostas e mandam dizer *Te-Deums* em acção de graças; eu, só denunció o meu enthusiasmo, — quando tenho a tractar de assumpto que m'ó vale, — pelo dispendio, que faço nos caixotins typographicos, de pontos de admiração e reticencias.

Perco a cabeça e fico espantado, como em contemplação — do grande acontecimento! Depois volto a mim e segue a torrente impetuosa das exclamações!... no fim as reticencias....

Mas vamos ao que importa, ill.^{mos} e ex.^{mos} snrs.! Se a lagrima, como expressão do sentimento, da tristeza, da dôr, é livre, não devem ser menos livres as marradas nas pessoas inoffensivas, a apprehensão do alheio, as luminarias aos cantos das janellas e as admirações e reticencias em escriptos da força d'este, como prova d'enthusiasmo, de sympathia por qualquer causa sympathica e enthusiastica.

Vamos ao que importa, repito; á grande tomada da enorme fortaleza de Humaitá e ao mais que succeder vir a pêllo.

Na precedente missiva já eu provei ao leitor de má fé, apontando feitos demonstrativos de muita bravura, que o exercito brasileiro e a armada brasileira, na phrase insuspeita (leiam *frase* com *f* por causa das dúvidas) e expressiva d'um escriptor selvagem «estavam ao lado dos primeiros exercitos e das primeiras armadas do mundo.»

Agora provarei que a armada e o exercito brasileiro não só estão ao lado, mas adiante de todas as armadas e de todos os exercitos...

É nobre e grandiosa a missão do escriptor, que tomou sobre si o cargo d'intear não só os contemporaneos, mas a posteridade, dos altos feitos, que devem um dia compôr uma das paginas mais gloriosas da historia de qualquer nação de bravos e coisas! ainda, porém, mais no-

bre e grandiosa é essa missão quando tem por fim mostrar que se calumniava esse povo nos seus altos feitos de bravura — e coisas!

Eu, conscio da minha importancia n'este momento solemne em que insópo a minha penna lanciada no meu tinteiro em fórma de bota para escrever a vv. s.^{as} e exc.^{as} da guerra brazilico-paraguaya, declaro que pertenco á phalange (notem ainda que se lê *falange*) dos escriptores cuja missão aponte em segundo logar. Desaggravarei o Brazil das calúrnias e remoques, que lhe teem cahido em cima a proposito do denodo das suas tropas, mostrando que:

«...o exercito e a armada brasileira não só estão ao lado mas adiante de todos os exercitos e de todas as armadas do globo...»

Para mim, ill.^{mos} e ex.^{mos} snrs., desde muito tempo que a soldadesca brasileira é objecto da mais férvida admiração. Dando ou levando, porque a severidade da historia obriga-me a dizer que ella tem levado... ás vezes, — é sempre valente e sempre brava. Se dá, dá com bravura; se leva, leva com bravura tambem.

É por isso duplicadamente brava aquella gente embalada á sombra dos patrios coqueiros de vv. s.^{as} e exc.^{as}. Onde as tropas europeas só encontram gloria dando, os brasileiros teem a certeza de a encontrar mesmo levando.

Hoje, aquella terrivel fortaleza, que apontava ao céo, como que em desafio das iras d'elle, as agulhas das suas torres de granito, desculpem a metaphora, cahiu — não digo bem — está em nosso poder, no meu e no de vv. s.^{as} e exc.^{as}, ou no dos nossos patricios, o que vem a dar no mesmo, porque eu peço licença para ser tambem patricio.

Salvè, pois, heroes jámais assaz... — assaz é muito forte; emendo: — jámais até hoje celebrados pelas tubas incommensuraveis da fama!

Salvè, argonautas, que singrastes

As aguas nunca d'antes navegadas

com arrojo e temeridade inexccdivéis!

Uma vez ainda, conquistadores de Humaitá a ferro frio e sem sangue, de Humaitá, a inexpugnavel, salvè!

¿E a bicha, vamos a saber; que assobiará em face d'este glorioso acontecimento a bicha da maledicencia e da inveja? — Quem sabe? Tal-

vez se mordesse, de raivosa, na cauda e morresse envenenada pela propria peçonha...

Não se mordeu, meus amigos; a bicha não só não se mordeu, como assobiou umas palavras damnadas, que se podem traduzir assim:

— Grandioso feito, na verdade, o da tomada de Humaitá a ferro frio e sem sangue! Espantoso acontecimento que vai dar muito que entender aos homens da sciencia! (Reparem vv. s.^{as} e exc.^{as} que isto é assobiado em tom epigrammatico.) — Ha muito que aprender com estes atrevidos brasileiros!... Imaginem os snrs. (a bicha da maledicencia e da inveja tem sempre um auditorio numeroso, que lhe applaude as insolentes farfalhices. Aqui toma ella um certo ar de basofiosa importancia). — Imaginem os snrs. que os *alliados* cercam Humaitá, a inexpugnavel fortaleza paraguaya, de modo que para dentro não é possivel entrar uma bolacha. Depois, o general em chefe das tropas — *alliadas* — ordena um *reconhecimento* á fortaleza á *viva força*; o reconhecimento faz-se e os brasileiros são repellidos com gravissimas perdas... como consta das partes officiaes dadas á estampa. A coisa era para não tentar segunda vez e os brasileiros são demasiado prudentes para eu suppôr que a tentariam. A pasmaceira é o seu forte. Os homens da sciencia chamam *expectativa* a isso... não faço questão do termo...

»Vai se-não-quando, o cêrco á fortaleza, que era apertadissimo, para forçar o inimigo a render-se pela fome, não consentindo que lhe entrasse uma bolacha sequer para dentro dos muros, alargou-se para deixar sahir quatro mil e tantos soldados, cujo volume, segundo todas as probabilidades, devia ser superior a quatro mil e tantas bolachas.

»Milagre!

»E então os brasileiros penetraram na fortaleza e hastearam altivos a bandeira do imperio na torre mais elevada da Malakoff paraguaya!

»E o general que dirigiu tão brilhante, quanto incruenta acção, passeou o seu glorioso pennacho nas baterias inimigas, e arrastou o sabre comido de ferrugem nos corredores mysteriosos da fortaleza, ao passo que as charangas tocavam a grande marcha triumphal do segundo acto da Grã-Duqueza.

»E no Rio de Janeiro, apenas correu a noticia da consummação de uma façanha de tal calibre... rebentou o nobre delyrio dos verdadeiros patriotas, annunciando-se desde logo no estourar de numerosas girando-

las de foguetes, no alegre estrugir das bandas marciaes, e no desentoadado berrar dos estrangeiros soccados e roubados a cada esquina pelos enthu-
siastas do feito nunca feito!...

»Grande feito, na verdade, o da tomada de Humaitá, a ferro frio e sem sangue, meus senhores! Espantoso acontecimento que vai dar muito que entender aos homens da sciencia!..... ¿mas qual de vv. s.^{as} não tomaria a inexpugnável fortaleza, certo de que não encontraria um homem para se lhe oppôr á entrada?—Maior gloria cabe então ao engenhoso cavalleiro D. Quichote de La Mancha pelo seu ataque aos moinhos de vento!... E querem que se não ria d'isto a gente séria!»

Quem invoca ahi a gente séria? —A gente séria vê o cambio a 18³/₄ e applaude o grande feito da tomada!... Ora até que fallou a bicha e que tenho eu a palavra! Vão vêr vv. s.^{as} e exc.^{as} como sei annular prosapias, em duas pennadas, e estabelecer ao mesmo tempo as coisas nos seus competentes logares.

Peço-lhes que notem a inflexibilidade dos meus argumentos.

Primeiro: — É falso que para dentro dos muros da grande fortaleza não podesse entrar *uma* bolacha sequer. E isto explica-se; porque, se o nobre general brasileiro queria render o inimigo pela fome, — honra seja aos sentimentos philantropicos e humanitarios que lhe adornam o espirito sagaz, não era proposito seu matal-o á fome... sem contar que uma bolacha não enche barriga.

Segundo: — Se os brasileiros levaram para baixo no *reconhecimento á viva força*, fizeram a sua obrigação. Ninguem de senso lhes deve querer mal por isso... e eu já demonstrei que os brasileiros não conquistam menos gloria levando, do que dando.

Terceiro: — Se os paraguayos se safaram da fortaleza depois de terem batido os brasileiros no tal reconhecimento á viva força, não foi por falta de viveres, mas sim, como disse o general em chefe das tropas alliadas no seu officio de 29 de julho, «pela *pressão* que em seu espirito causára o dito reconhecimento», em que os paraguayos deram e não levaram.

O que não sei,—e desculpem-me vv. s.^{as} e exc.^{as} a minha ignorancia, que não se deve confundir com os ditos envenenados da maledicencia,—é que especie de pressão foi essa exercida pelos brasileiros no espirito dos paraguayos; até este ponto do reconhecimento, e depois sobre tudo, julguei que os paraguayos é que tinham exercido a *pressão* no espirito dos

brazileiros, porque suppunha que esta pressão d'espírito se podia traduzir livremente por medo de arriscar a pelle das costas a novas bordoadas.

Mas vamos adiante. Necessariamente disse asneira; pois façam de conta que já aqui não está quem fallou. — E segue a resposta á bicha nos termos seguintes :

Quarto : — Se os brazileiros entraram na fortaleza d'Humaitá a ferro frio e sem sangue... não foram elles os culpados; culpado foi o inimigo em não lhes esperar a arremettida feroz e selvagem. Esperasse... e veríamos depois.

Quanto aos foguetes atirados ao ar no Rio de Janeiro pelos patriotas entusiasmados e á pancadaria atirada aos lombos dos estrangeiros inoffensivos, não ha nada que dizer, acho eu. O entusiasmo, quando vem do coração e se patenteia em genios fogosos, como são os brazileiros, não conhece raias... e é para onde lhe dá.

Ao mais das arguições da bicha da inveja e da maledicencia, não respondo, porque não ha resposta possivel para insinuações malévolas e apostrophes ôcas de qualquer fundamento.

E aqui teem vv. s.^{as} e exc.^{as} como se poem as coisas nos seus devidos logares.

Tambem me quiz parecer ouvir uma risadinha d'escarneo á leitura d'estas palavras, com que, entre diversos factos apontados, um historiadador brazileiro fazia notar que o mez de julho era de gloriosa memoria para a sua patria :

«A 31 de julho o exercito expedicionario acampava em Tuyu-Cué, e o general brazileiro, que o tinha guiado em oito dias pela estrada da victoria, encarando de Tuyu-Cué as torres de Humaitá, podia dizer a seus soldados, parodiando as palavras de Napoleão quando avistou as pyramides do Egypto: *Soldados! aquellas torres ha muitos annos nos esperam! adiante! e serão nossas.*»

—«*Parodiando!* — assobia de novo a bicha por entre um casquinar de gargalhadas sobre-maneira insultuosas... e igualmente despreziveis — Se eu digo que nada d'isto é sério! Se todo este espalhafato de Timbós e Humaitás não passa d'uma parodia!... Vamos; como havia de ter graça o commandante em chefe das forças alliadas a parodiar as palavras do heroe de Marengo e Austerlitz! Como havia de ser soberbo o franganito empuleirado na capoeira das gallinhas a ensaiar o vôo robusto da habi-

tante dos penhascos dos Alpes! Como havia de ser magnifico o general brasileiro, escarranchado no seu murzello dos dias de gala, em frente das muralhas do Humaitá, dizendo isto á sua tropa embasbacada: — Soldados! aquellas torres *ha muitos annos* nos esperam. Adiante! e serão nossas!

»...E em vez d'irem para diante, os destemidos soldados levarem nas tabaqueiras para traz!... Que pena não ser tempo de remediar este esquecimento do general brasileiro!... Sempre era um dito, que merecia bem passar á historia com os outros notaveis dos grandes capitães!»

A lingua farpada da maledicencia, meus senhores, é assim. Não perde occasião de achatar as coisas mais pyramidalmente grandiosas e sabe avolumar, quando lhe convém, as coisas mais chatamente insignificantes. Oh! a lingua farpada da maledicencia!...

¿Pois, porque um chronista dos ultimos acontecimentos da guerra brazilico-paraguaya, que aliás inculca ser um homem fino, se lembrou de parodiar as palavras de Napoleão para as pôr na bôca do façanhoso general brasileiro, havemos de representar o general como um franganito empuleirado na capocira das gallinhas, e dizer que havia de ter graça montado no seu murzello, sem já fazer caso d'outras insolencias imperdoaveis n'uma pessoa bem-criada?

Basta! o acinte está mais do que provado! Se o commandante em chefe das tropas alliadas tivesse proferido aquelle discurso em frente das famosas muralhas, não valia mais nem menos do que vale hoje á frente dos seus aguerridos zuavos.

Era ridiculo? — Que tem que o fosse? era ridiculo... de grandeza.

E com isto, ill.^{mos} e ex.^{mos} snrs., se não demonstrei que «o exercito e a armada brazileira não estava ao lado mas adiante dos primeiros exercitos e das primeiras armadas do globo», não foi porque me escasseassem, para apontar, factos comprovativos da verdade da minha asserção, mas porque não estive para folhear os annaes da guerra e espalmar estes fanfarrões d'Europeus, que me envergonham as barbas, quando considero n'essa lucta de gigantes em que o Brazil anda empenhado.

Demais, é notorio, e toda a gente sabe que o exercito e a armada brazileira está adiante dos primeiros exercitos e das primeiras armadas do globo...! quem o não quizer acreditar, não o acredite; mas esta é a grande verdade, e tenho concluido.

Outra coisa; é muito de suppor que a bicha assobie novos destem-

peros ;— acceitem o conselho d'um amigo, victimado a cada instante nas aras da maledicencia : — Não façam caso...

E sou

com todo o respeito,
De Vv. S.^{as} e Exc.^{as}
o mesmo da outra carta

U. L.

* *

DISTRACÇÕES D'UM PRIMEIRO ROMANCISTA :

Uma das ultimas producções do snr. Camillo Castello Branco intitula-se «O retrato de Ricardina», romance, que, antes de apparecer em volume, foi dado em folhetins no «Jornal do Commercio».

Uma observação: convém não confundir o «Jornal do Commercio» com o «Commercio do Porto»; ha differença: o primeiro publica-se na capital, não impõe opinião aos redactores e deixa aberto o campo da discussão aos redactores; o segundo publica-se aqui... e é o «Commercio do Porto.»

Ha tempos o representante, na imprensa, da classe commercial, d'esta cidade, *offerecia em brinde* aos seus leitores os romances do snr. A. Gama e Camillo C. Branco; agora resolveu outra coisa: dá-lhes a traducção dos *Filhos de Judas*, do visconde Ponson du Terrail com o seu eterno *continuar-se-ha*; depois do «Noticiario religioso» é este o melhoramento mais recente a notar na dita folha.

Appareceu o «Retrato de Ricardina» em volume tendo antes apparecido em folhetins, contava eu, no «Jornal do Commercio», e em volume foi que o li, especie de segunda edição, revista provavelmente pelo auctor.

A obra, litterariamente, não é das que deve grangear mais creditos ao snr. Camillo, pelo desleixo com que está escripta, pela má linguagem, com que por vezes s. s.^a offende os ouvidos delicados, pelas contradicções em que se deixa cahir no decurso da narrativa.

Esmiucemos isto. E desculpe o illustre escriptor, por ainda d'esta vez não aproveitar o seu conselho de me fazer aguia... para não ter de andar á caça de moscas. Fazer-se a gente aguia não é para qualquer, e eu receio esbarrar-me ao primeiro ensaio de vôo.

Vá pelas moscas.

* 1.^a—A pag. 32 do «Retrato de Ricardina», o snr. Camillo Castello Branco emparelha em conhecimentos grammaticaes com o noticiarista de qualquer periodico sisudo.

«Se a intenção o salvou—diz o illustre romancista, contando de um individuo, que tinha morrido de repente, sem poder dispôr, como eram suas ideias, de quanto possuia a bem de varias irmandades — Se a intenção o salvou é questão de theologia moral em que não implico: *salvados*, com toda a certeza, sei eu que *foi* o irmão e os oito sobrinhos do defuncto...»

Aos meninos, porque estas coisas de grammatica dizem tambem respeito ás crianças, que passaram a arte do Figueiredo e teem de entrar em exame d'instrucção primaria, convém notar que o verbo da ultima oração deve estar no plural e que por conseguinte o snr. Camillo não andou com acerto apresentando-o no singular.

Leiam pois:

«...: *salvados* com toda a certeza, sei eu que *foram* o irmão e os oito sobrinhos do defuncto...»

Isto é de grammatica elementar.

Desculpe o imminente escriptor.

* 2.^a—A pag. 44 emprega o snr. Camillo o verbo—limpar—n'uma accepção em que só vulgarmente e muito impropriamente o tenho visto usado. Note-se:

«—Não chore, não chore, minha querida mãesinha—obstou a menina, *limpando-lhe* o pranto com o seu lenço.»

Alimpa-se o que está sujo. O snr. Camillo, que tanto prima—na opinião dos seus admiradores em bruto—na justeza e propriedade do termo, devia lembrar-se de que temos palavra muito adequada para significar o que nos quiz dar a entender com a *alimpadura* sub-linhada.

Eu creio que *enxugar o pranto* é phrase bem mais portugueza que a outra por que o snr. Camillo tentou exprimir a sua ideia.

Adiante; não vale a pena demorar-se a gente com tão pouco. Não demos agora ás *moscas* as proporções de *aguia*s.

* 3.^a—Falla-se d'um individuo, a quem, cheio d'attribulações, toma a ideia de se refugiar n'um convento de frades. Para dizer isto mesmo ex-

prime-se o auctor do «Retrato de Ricardina» da seguinte maneira; é a pag. 52:

«Renovou-se-lhe, em socegado scismar, a *fuga do mundo* para algum solitario mosteiro.»

Isto não se entende bem; e se eu soube o que o snr. Camillo queria dizer com a *fuga do mundo* do seu personagem para algum solitario mosteiro, foi por o que li em seguida áquellas palavras.

De quando em quando, o snr. Camillo tem d'estas escuridades nos seus livros.

* 4.^a—Tambem tem notaveis esquecimentos o notavel escriptor.

Já n'outra publicação assignalei o caso de duas senhoras se chamarem D. Eduarda, D. Felicissima e D. Leonarda, e ser D. Felicissima e D. Eduarda mães d'um sugeito chamado Heitor, e D. Leonarda viuva e solteira (*); agora accrescentarei mais este caso de um individuo, no romance em questão, se chamar Silvestre até pag. 147, e d'ahi por diante, sem motivos expressos nem conhecidos, figurar com o nome de Felisberto.

De Silvestre a Felisberto pouca differença vai, mas não são bonitos n'um primeiro romancista *esquecimentos d'esta ordem*. Emfim...!

* 5.^a—Outro *esquecimento*:

A pag. 170 do seu livro diz o snr. Camillo:

«Norberto Calvo negociava em comestiveis, e ganhava para si que farte, e para o seu amigo, quando os trabalhos da advocacia escaceavam ás primeiras necessidades. Além d'isto era sargento quartel-mestre da força do presidio, honras que lhe preparára Bernardo *ensinando-o a ler e a escrever*.»

E exclama o sobre-dito Norberto, mais adiante a pag. 217:

«... Se houvesse Deus, ella não tinha morrido assim... Isto de religião é uma historia, snr. doutor. Eu, *se soubesse ler havia d'escrever* que não ha Deus, nem céo, nem inferno...»

Além da contradicção em que estão as palavras do romancista com as do Norberto, ha a notar aquelle—se eu soubesse ler havia d'escrever—

* BOCAGE, Annuário de Cacholetas para 1868.

que lembra o velho chiste: — Se o seu cavallo é egua retire-o para lá...

Sem mais commentarios.

* 6.^a—Aqui teem os meninos um verbo bem empregado:

«—Entendo. Contam-se taes maravilhas da tua provincia que Frederico Soulié, se lá viesse, havia de cuidar que «Os dois cadaveres» são um idillio bom para despertar nas raparigas o amor ás boninas do monte!»

O numeroso escriptor não ignora por certo a differença que ha entre *ir* e *vir*. E' mais um lapso... e mais uma mosca. E já que estamos a tombos com isto de grammatica, não será fóra de proposito observar aos meninos, que não é de seguir este exemplo dado pelo nosso primeiro romancista no periodo citado:

«... que Frederico Soulié, se lá viesse, *havia* de cuidar que «Os dois cadaveres» são um idillio...»

E que é mais grammatical... e racional dizer-se «...que «Os dois cadaveres» *eram* um idillio...»

Impertinencias de meticulista; não é isso? Desculparão.

* 7.^a—Encontra-se o derradeiro insecto na ante-penultima pagina. São poucos mas foi o que pude apanhar n'uma leitura rapida, levado mais pelo desejo de chegar ao fim da historia, do que pelo proposito de... caçar moscas.

Terminemos:

«D. Ricardina lançava um chaile sobre os hombros, quando o filho assomou *sob* o reposteiro e disse:...»

Ora, se querem saber o que o filho disse, leiam o livro a paginas 236. O que eu lhes digo é que este filho que assomou *sob* o reposteiro não era nenhuma criança, que principiava a engatinhar, como póde supôr-se, mas um homem de vinte e tantos annos. Por isto avalie-se a propriedade com que é empregada aqui a preposição *sob*, ou imagine-se que figura havia de fazer o homem assomando *sob* o reposteiro...

* Por ultimo, apenas lembrarei, á vista do exposto, o que disse antes de passar em revista os meus apontamentos: que o «Retrato de Ricardina» litterariamente, não é das obras que deve grangear mais creditos ao snr. Camillo, pelo desleixo com que está escripta, pela má lingua-

gem com que por vezes s. s.^a offende os ouvidos delicados, pelas contradicções em que se deixa cahir no decurso da narrativa.»

Nada mais.

* *

O MEU VIVEIRO:

(*TYPOS E CARACTERES*)

II

O Joanninha

(Conclusão)

O capitulo do número precedente a respeito do poeta «Joanninha» ressentese da pressa com que foi escripto. A coisa não devia ter ido tanto a vapor... porque é séria e vale o trabalho de ser meditada.

Tenho por conseguinte de expiar a minha precipitação passada obrigando-me a voltar ao ponto da partida. Não ha muito que dizer, ou antes, que transcrever, mas a posição grave que eu assumi n'este logar e a minha consciencia de chronista obrigam.

Antes do poeta bradar, muito admirado, a uma certa pomba que lhe fugia com mil esperanças e mil venturas no bico :

Eu perco-me nas trevas
E nem tu me seguras!

já tinha dito mais coisas de não menor valor e que seria pena deixar no esquecimento.

Por exemplo, quando o sol está no occaso, o «Joanninha» fita os olhos no horisonte e

Ali minh'alma lê celeste arcano...

—Podia ter lido outra coisa a alma do «Joanninha», mas isso pouco importa :

.....
 Ali minh'alma lê celeste arcano,
 Parece adivinhar que a minha vida
 Já vai declinando ao seu occaso...
 E eu -- ave dispersa e sem guarida --
 Em saudades do ceu todo me abraço...

Vês tu? se não é para a gente de coração sensível arrebetar de paixão! E lembrar-se a gente, depois, que «esta ave *dispersa* e sem guarida, toda abrazada em saudades do ceu» deu em fazer scenas comicas, poemettos e poesias comicas!

Emquanto á vida d'elle, que

Já vai declinando ao seu occaso...

não será mau emendar para a outra vez, que

Já vai dequelinando ao seu occaso...

para obedecer ás exigencias do metro, já que a orthographia é de cada qual.

E quando terminar a minha vida,
 Quando n'alma extinguir-se o fogo immenso,
 Ai! vão chamar a minha amante qu'rida,
 E ponham-me nos faces o seu lenço...

Desculpe o snr. «Joanninha», mas reticencias no final d'esta quadra é muito pouco; ao menos consinta que eu lhe colloque uma admiração-sinha; com licença:

E ponham-me nas faces o seu lenço!...

Porque isto é para causar admiração, e grande admiração.

Olhem no que elle pensava aos dezeseis annos!

Mas era flato! porque adiante, n'outra poesia, já lhe mandava a ella, á amante, desenrolar os cabellos, accrescentando:

Depois foge e vem deitar-te
Na macia e verde alfombra.
Arrolando, hão de embalar-te
As tristes aves da sombra.

E n'essa relva mimosa,
Que assombreira o velho alamo
Verás tu, pudica rosa,
O nosso singelo th'lamo!...

Ainda é minha esta admiração final; do auctor são só as reticencias.

Lembra-me que, uma vez, um velhote, meu conhecido, ao ouvir lêr isto — com uma seriedade que muito contrastava com o riso dos circumstantes, perguntou:

— Mas quantos annos conta o auctor d'esses versos?

— De quinze a dezeseis...

— Então não tem quem lhe dê duas duzias de bôlos bem puxados! uma pelas asneiras e a outra pelas indecencias...

Ha velhos bem intolerantes! Ora que tinha agora que o pequeno convidasse a amante a vir deitar-se na verde alfombra, singelo *th'lamo* d'ambos, debaixo do velho *alámo*?! Façam o favor de me dizer! Que birra esta dos homens de mais de meio seculo em quererem abafar os instinctos generosos da mocidade militante! E abafal-os, de que modo! — já viram de que modo; com bôlos!

Chega a revoltar!

* N'este ponto devia ter começado o artigo presente a respeito da segunda peça do meu viveiro, se não fosse obrigado a retroceder um pouco.

Depois de ter arranjado uma boa dóse de scepticismo, graças á pomba que não o segurou nas trevas, e de quem já atraz se deu noticia, resolveu o «Joanninha» escrever para o theatro, tentando o genero gracioso.

Foi feliz.

A primeira coisa chama-se *Vestidos curtos*, e é uma poesia comica;

personagem unica uma criança a quem a mãe não deixa usar vestidos compridos:

De casar com o visinho
Eu que já tenho esperança
Não posso soffrer sem custo
Uma *duta* de *criança*...
É um rapaz tão bonito
O Zézinho Clemente...

A mesma observação que já tive ensejo de fazer ha pouco, a respeito da metrificacão e da orthographia :--leia-se:

É um rapaz tão bonito
O Zézinho Quelemente!

ou tem motivo de queixa o mestre de nós todos, o snr. Antonio Feliciano, auctor da arte de metrificar o verso, para uso das crianças!

Igual observação ha a fazer no seguinte relanço :

Malditos vestidos curtos
Quem dera que vos largasse,
Ao menos no fim do mez,
E tambem... ao *La Place*,
Porque eu estudo francez.

O que devêra ser emendado :

E tambem ao *La Pelace*
Porque eu estudo francez.

E n'este :

Mas eu hei de ser criança
Emquanto trajar assim ;
Ai que terrivel lembrança
Para matar d'*spleen* !...

leia-se :

Ai que terrivel lembrança
Para matar d'*espeleen*.

Quanto ao chiste com qua está escripta a *poesia*, direi, que o melhor é não dizer coisa alguma, para não offender certos individuos que pretendem ser os unicos engraçados, e não admittem que haja graça fóra das suas pessoas.

Eu ri muito. Se os outros não riram, a culpa não é minha.

Para o caso presente basta dizer que o heroe d'este pequeno artigo revela tanto geito e veia para a poesia comica e para os ditos chistosos, como antes já tinha revelado vocação para o genero melancolico e apaixonado.

É um portento!... quando se trata de ter graça, é da gente arrebentar as ilhargas; mas tambem quando lhe dá para fazer chorar... é uma cebolla espremida nos olhos de cada leitor!

Se não fosse aquella pomba,—que lhe fugiu com as illusões e as esperanças, quem sabe o que elle seria á hora a que eu escrevo!

Mas a pomba levou-lhe as esperanças e as illusões... e como se visse perdido nas trevas, e ella não o segurasse, optou pelas scenas comicas.

Obrou com juizo.

—Preço 60 rs.

* A segunda producção comica de «Joanninha» foi *O nariz*; um estudo muito engraçado sobre as diversas especies de narizes, que ha, sem exclusão do nariz do auctor do estudo. A coisa tem quatorze paginas escassas e é offerecida «ao seu amigo Agostinho Albano», o qual anda ha dois mezes a decifrar este latim da segunda lauda:

«Omnia rerum omnium, si observentur, indicia sunt et argumentum morum ex minimis quod licet capere.

»Seneca.»

D'aqui se vê por que alturas se libra a erudição do mancebo «Joanninha». Olhem que tirada a servir d'introito, a quê! a uma poesia comica, vamos com a phraseologia do auctor!—mas é que pelo dedo se conhece o gigante; e d'aqui já devem os leitores ficar conhecendo o individuo, de que se tracta, no tocante a fundo litterario.

Do que não se tracta aqui é de saber se elle sabe traduzir aquellas duas linhas de latim; ou se ignora o que ellas significam. É ques-

tão áparte e a que eu fugirei de responder, considerando que o voto do seu mestre de latinidade, o unico attendivel, lhe é supinamente desfavoravel.

Coisas!

Voltando ao ponto de partida e para não cansar o leitor com citações fastidiosas, devo dizer que *O nariz* é uma *poesia... comica*, de muito refinado sal comico e muito apurada observação... comica! Tudo comico! não desfazendo no auctor da poesia-comica. (Vid. o original).

—Preço 60 rs.

* Completa-se o *theatro* do innocente «Joanninha» ¹ com a terceira poesia — *Que joven Telemaco!* — recitada com applauso pelo actor Valle, etc..

A poesia vale bem os applausos que lhe dispensaram os amigos do auctor, amontoados a um canto da platea. Tem o côro da *Suripanta*, glossado com muito chiste, e o *Mi gustan todas* em que entra *arroz com presunto*, muito a tempo.

—Preço 60 rs.

* Chegamos a uma nova phaze da vida litteraria de «Joanninha»; á phaze dos poemetos.

Vimol-o namorado e chora-migas... arremeçado ao abysmo; depois gracioso e faceto, compondo coisas para escangalharem de riso as plateas; e finalmente encontramol-o empunhando a theorba e cantando... a Joanninha... a Nereida... e as Rosas brancas.

¹ Na ultima pagina da poesia comica, donominada «Que joven Telemaco!» lê-se:

«THEATRO» DO MESMO AUCTOR

O Nariz, poesia comica.

Vestidos curtos, poesia comica.

Que joven Telemaco, poesia comica.

Preço 60 rs.

Ahi téem os leitores um *theatro... economico!*...

Está em primeiro lugar a «Joanninha», poemeto em quatro cantos, d'onde o auctor tira o appellido por que se está tornando notavel entre nós; honroso appellido, que muito o deve distinguir no futuro.

Abre assim a historia:

Que linda a Joanninha! que formosa!

Como ella tinha graça

Aos saltos pela rua!

.....

Este principio é tentador; um poema que principia mostrando-nos a heroína aos pinchos pela rua, deve ser d'uma originalidade... verdadeiramente original! E tendo-se-nos apresentado aos pinchos, apresenta-se depois a passar atoleiros; querem ver?

Depois a Joanninha era tão leve,

Mesmo ainda ao passar um atoleiro!...

... porque a gente ao passar um atoleiro é sempre mais pezada... mesmo ainda!... desculpe a interrupção.

Mesmo ainda ao passar um atoleiro!

Póde ser que haja alguém que n'isto embique:

Eu gostava d'ouvil-a: *tic, tic!*

Ora... elle gostava d'ouvil-a *tic, tic!* são gostos! eu gostaria muito mais d'ouvil-a... *tic, tac.*

Adiante.

No que «Joanninha» se distingue é nas descripções. Descreve a mesma coisa dez vezes, e com tal arte que nem á décima vez se reconhece!

Mais além montões d'areia,

Inda mais além o mar,

Por cima de tudo isto

O véo azul de luar

Que nos fôrça, nos impelle

Ao devaneio, a scismar!

Em outra descripção :

Por toda a parte a musica! — No espaço
O arquejar dos astros, *melodia*,
Que se perde no ar; a voz dos ventos,
De manhã ou de tarde, á noite, sempre!

Reservo os commentarios para quando os achar precisos; por ora ir-me-hei contentando com o italico. O leitor ponha de sua caza o que quiser.

Falla para a gente o meu heroe :

E agora vós os do mundo
Que passaes — loucos! — a rir,
— Rans d'um charco negro, immundo,
Onde o sol não vai cahir! —
Apedrejai Magdalena...

Onde o sol... não vai cahir! a phrase é nova, mas expressiva. Fica de môlho para ser empregada na primeira occasião.

Outra novidade; a Joanninha cantava e quem passasse

... prestava ouvido ao canto
Pensando talvez que fosse
O murmurio *d'algum ninho*,
A voz d'algum rouxinol.

Uma voz, que se parecia com o murmurio d'um ninho... sempre havia de ser uma voz muito fóra do commum, concedido que haja ninhos que murmurem — do que duvido um pouco! — Eu cá nunca ouvi murmurar nenhum; e o leitor?

Um dos figurões da historia erra por montes e valles... qual Judeu Errante, á procura da mãe da Joanninha :

Quer procurar a mãe d'ella,
D'ella ao menos ter perdão;
Dizer-lhe que a sua estrella

É tambem de perdição,
Dizer-lhe que Deus é justo
Com a balança na mão...

E para dizer estas coisas andou errante o pobre do homem, com a sacola ás costas e os sapatos inflados n'um páo! Para dizer, em summa, que Deus não roubava ao pezo, como qualquer tendeiro, com a balança na mão!...

Sem a balança a coisa mudava um pouco de figura!

Para terminar com estas magras observações e citações, diga-se que a obra é escripta em todos os metros, curtos e compridos, carecendo uns de se lhes estender e outros de se lhes aparar as orelhas para acompanharem os parceiros. Ali não falta nada, graças a Deus. É um armazem de retalhos, com os quaes não se poderia compôr uma colcha nem um avental, mas de que «Joanninha» compoz... um poema!

E Engenhosa criatura!

* A *Nereida* é um poemeto — poemeto lhe chama o «Joanninha»; se é ou não, pouco importa saber — é um poemeto que não envergonha o companheiro. As mesmas preciosidades, a mesma fluencia e as mesmas liberdades.

Canta a Nereida:

«Tu nunca viste uma perola,
»Um pingue d'agua, uma bôlha,
»Quasi a cahir inda trémula,
»Sem querer deixar a folha?»

Esta bôlha é d'um effeito impagavel, e está mesmo reclamando o bico da lanceta.

Pouco depois nas aguas tranquilllas
Vogava o bergantim.
Da terra inda se viam abraçados
Os dois no palanquim.

Tem graça a chateza da quadra... e lembra o Roberto Pim-pim... pelas terminações em *im!*

E conclue assim :

«Ó noites da nereida,
»Noites d'amor sem fim!...»

Faltava ainda este *im.* Venha para a conta.

--Preço 300 rs.

* Mas abiquemos nós, também, ao fim.

«Meu carissimo poeta :

»Ha no acaso ás vezes acertos que chegam a parecer effeitos d'industria curiosa!

»Sabe onde, e como as suas *Rosas brancas* me vieram achar n'esta manhã calmosa de 15 d'Abril? pois foi

»Sob as profundas arvores,
reino dos meus penates,
onde de Roma e de Attica
devoto hospedo os vates.

»Aqui me estava eu remoto dos estrondos da cidade a ouvir poetar umas pombas e a esfolhear no animo o album da mocidade, quando os seus versos me acordaram para um sonho novo e não menos aprazivel.»

Etc. e tal e coisas, sim, senhor; e fecha d'esta sorte a epistola :

«... Permitta-me dizer-lhe em prosa chã, meu poeta, o que nas ariscadas viagens por mar se ouve sempre com delicias aos marinheiros velhos, quando a prôa vai em bom rumo e com vento de servir nas velas cheias : — *Andar assim que é bom andar.*

»Lisboa, debaixo das minhas arvores
de Tibur, 15 de Abril de 1868.

»A. F. de Castilho.»

Não ha nada mais a acrescentar, a respeito das *Rosas brancas*, ao que fica exposto pela acreditada penna do snr. Antonio Feliciano de Castilho, e mesmo porque me vai faltando a paciencia.

— Preço 120 réis

* Por ultimo, «Joanninha», não desespere; lembre-se das palavras do marinheiro, e continúe a escrever coisas bonitas. *Andar assim que é bom andar.*

* *

AS «PUPILLAS DO SNR. REITOR» E O DRAMATURGO ERNESTO BIESTER:

É mister concluir e em poucas linhas, o que havia ainda para dizer a respeito das «Pupillas do snr. Reitor», comedia-drama, que o snr. Biester modestamente inculca extrahida d'um romance do snr. Julio Diniz.

'Extrahida!...

E pergunta a gente que leu o volume, onde estaria o bom senso do snr. Biester, quando lhe *reventou* a ideia de engenhar do livro de que se tracta uma coisa para o theatro?

Porque o snr. Biester houve-se como um principiante, a quem não falta o arrojo, que dá a extrema ignorancia das difficuldades com que tem a lutar.

* Aos muitos desacertos, com que o nosso dramaturgo deslustrou o titulo da obra do snr. Julio Diniz, ha ainda a accrescentar o abuso que fez do vulto sympathico do reitor para a conclusão dos quadros da sua imitação.

O 1.º, o 3.º, o 4.º, o 5.º, o 6.º e o 7.º quadros terminam todos com o reitor em scena e por uma exclamação sentenciosa do reitor. O 2.º quadro não me lembra como termina; se no final d'este não entra o reitor... é por esquecimento. Como na scena da esfolhada o snr. Julio Diniz achou não dever introduzir o reitor, lá o mettem por sua conta o snr. Ernesto Biester. Estava no seu direito... d'imitador.

Concluamos em duas palavras, e cifre-se n'isto o que se póde espremer d'uma analyse firmada em apontamentos tirados no correr d'uma representação: — que é soffrivel no drama, o que está bem no romance, e que é soffrivel no romance o que apparece mal no drama.

Do pessimo, porque no drama ha tambem pessimo, cabem as glorias d'auctor ao snr. Biester.—Disse.

* *

OS BURROS E OS GAFANHOTOS

(FABULA)

A guerra é sempre triste,
Mas ás vezes tem coisas, que têm chiste.

Travaram-se em questão um dia os burros
Co'uns visinhos de pasto,
Soltando grandes zurros
Por haverem os taes
Quebrantado os tratados
Conhecidos por inter-nacionaes.
—Questões entre animaes!

No tempo em que fallava a bicharia
Os burros eram já civilizados,
Mas pouco respeitados
Por só terem na lingua a valentia...

Travaram-se de bulha co'uns visinhos,
Como inda agora mesmô lhes dizia,
Os supra-mencionados...

Foi bulha que durou uns poucos d'annos,
Em que os burros levaram p'ra tabaco,
E depois se mostravam muito ufanos,
Proclamando, terriveis, a victoria,
Chamando ao inimigo torpe e fraco.

Não invento; estas coisas são da historia;
Escusam de por isto dar cavaco,
Tenho boa memoria.
Chuchavam mais que davam,

E diziam que dar, davam p'ra baixo,
Mas que nunca chuchavam.

Não havia ninguém que não se risse
De tal parlapatice
Incluindo os pequenos animaes...
—(Quando digo *ninguem*,
Não quero referir-me
A alguns irracionaes,
A quem nada desdoura,
E diziam com elles, com os burros,
Sómente por comerem
À mesma mangedoura...)—

Contava eu que ria tudo á farta
Das bravatas guerreiras do orelhudo,
—Que entre os asnos abundam os quichotes;—
Ora um dia pastava na campina
Um magote de seis, ou mais seriam,
Porque os burros só pastam aos magotes
E fallavam da guerra,
Sem pensar que os ouviam
Os bichinhos da terra:

—«D'esta vez sempre os outros levam coça!—
Dizia um burro velho e já cançado,
Que puxára em seu tempo uma carroça—
Sempre somos um *povo* bem ousado!
Quem fizera o que ha dias temos feito?»

E atalhou um do lado,
Que não era de todo má figura,
E tinha 'stado absorto na leitura
D'um papel que rendia aos burros preito:
—«Mas viram o que diz a *Ferradura*
A respeito das ultimas façanhas,
Das ultimas dos nossos?»

Não ha caso d'eguaes n'outras campanhas;
No logar da refrega eram só ossos!...»

—«É p'ra que saibam!—disse um inda novo—
Que dos burros o povo
Não soffre brincadeiras,
Nem tolera sequer
Que de leve lhe offendam as bandeiras!
Povo assim não n'o ha, com tanto brio!
Não é factó, meu tio?»

Responde agora o burro interrogado:

—«É um factó, sobrinho;
Seremos dentro em pouco
Um povo respeitado;
Que se nós não pararmos no caminho,
E arredarmos a coice
As instituições velhas,
Dos leões o prestigio, esse foi-se,
E os burros mandarão!»

Acenou o auditorio co'as orelhas
Dando mostras da sua approvação;
E propunha-se a dar sequencia o Cicero
Á tocante oração,
Quando uma gargalhada
Lhe suffocou de subito
O zurro na garganta:

—«Ó asnos! que palhada!
Onde fostes buscar fiducia tanta?—
Proferiu uma voz esganiçada,
Que par'cia ter sido a da risada,
E sahia da terra—
Muito embora asneae,
Mas á volta da guerra!
Por ora é muito cedo, bem sabeis,

E da tigella á bocca
 A sopa ás vezes cahe!
 Uma coisa, é verdade:
 Porque em vez d'essa parva ociosidade
 Em que, burros, viveis
 Zurrando patriotismo,
 Não ides ajudar os companheiros
 Nos seus immensos rasgos d'heroismo?
 Aqui nada fazeis,
 E o dominio do mundo já sonhaes!?
 Vêde, porém, quem sois e o que valeis...
 Por muito que façaes,
 Ó nobres pannelleiros,
 De burros não passaes!»

Isto disse a tal voz, e do magote
 Um relincho partiu d'indignação;
 Cada qual despediu o seu pinote
 Como se do moscardo
 Sentisse o aguilhão.

— «Quem é esse atrevido, assás ousado,
 Que metteu o focinho
 Aonde por ninguem era chamado?—
 Ornejou dos da sucia o mais brioso
 Escarvando na terra furioso—
 Quem é esse atrevido, que fallou?
 Que da nossa bravura
 Instantes duvidou?
 Quem é—saia da lura!
 Quero vêr-lhe a figura!»

E da relva mais proxima saltou,
 Um enxame d'alegres gafanhotos,
 Fazendo ouvir um côro de rizadas.

—«Pois sois vós, ó pedaços de marotos,
 Que não sei onde estou,
 Que não busco esmagar-vos ás patadas!
 Atreveis-vos a pôr bocca na *gente*,
 E nem sequer tremeis... analphabetos?!..—
 (E nova gargalhada dos insectos...)—
 Ah! sim?! turba insolente
 De miz'ros acrobatas,
 Pois rides, pois zombaes?!
 Que pezem sobre vós as nossas patas!»

E os pobres dos bichinhos
 Morreram esmagados
 Sob as patas de tantos animaes!

*

Com isto aquelles burros que lucraram?
 Na guerra c'os visinhos
 Cada vez mais levaram,
 Succedendo tambem serem levados;
 E se elles burros eram,
 De burros não passaram...!
 —Ah! sim! *'stavam vingados!*

*

E agora perguntam-me os leitores:
 —Que é da moralidade
 Que tira d'estes versos massadores?
 —Que na presença augusta d'alguns brutos
 Não se deve dizer nunca a verdade.—
 Entendem, meus senhores?

TERMINA com este número a primeira serie dos GAFANHOTOS, *revista mensal*, que principiou a vêr a luz do dia a 15 de Março d'este anno.
 Com a primeira serie *suspende temporariamente* a sua publicação.

Devem estar lembrados os leitores *feis*, que ainda me restam, de que eu dediquei este meu trabalho de cada mez

AOS ALVÁRES

de todas as condições e jerarchias

em prova de subido respeito;

—pois mal sabia eu que haviam de ser estes mesmos individuos, figurados n'alguns patriotas brasileiros, deante de cuja imbecilidade eu me curvava, que tinham de tramar o desapparecimento da minha innocente revista.

De duas assentadas me levaram o unico sustentaculo, sobre que podem contar as publicações honestas e independentes: = a assignatura.

Picaram-se com o pouquissimo, que se disse, comparativamente com o muitissimo, que se podia dizer a respeito da bravura caranguejeira, que os patricios teem desenvolvido na guerra paraguaya, sentiram o sangue embravecido acachoar-se-lhes nas guelras arquejantes e trataram de bater este novo inimigo da patria d'elles, dos côcos e dos saguis.

Menos sanguinolenta foi a lucta, mas não menos gloriosa.

A final venceram.

É que, em vez de paraguayos, tinham apenas a *tratar* com sujeitos da sua força, a quem, por constituirem o maior número, esta obra tinha sido, desde o seu principio, intencional e respeitosa dedicada.

A final venceram.

Mas não podia deixar de ser assim.

Nem eu era homem, que tentasse arcar com os patriotas de lá e os alarves de cá, fraternalmente ligados para me darem caça aos inquietos «gafanhotos».

Não me despeço, porém; a primeira serie d'esta publicação termina aqui. A segunda... esperem por ella, que talvez se não faça esperar.

—Ás pessoas, que me secundaram até o fim, n'esta ingloria empreza, o meu profundo reconhecimento.

URBANO LOUREIRO.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NA PRIMEIRA SERIE D'ESTA REVISTA

MARÇO

O carnaval de todo anno—O carnaval da folhinha—Echos do carnaval—Como a gente é feliz n'um baile de mascaras—Duas opiniões differentes—O poeta Garibaldi e o guerreiro Victor Hugo—Um tribuno popular—Do theatro lyrico—Dos bufos—Dos concertos—Dos japonezes—Da companhia nacional—A força de logica—Os leitores de periodicos sérios—Anatomia d'um periodico sério—Consequencias d'um «cujo»—Eleitores... á urna!...—Os maltrapilhos da imprensa—A instrucção primaria na redacção do «Commercio do Porto». —As observações críticas do nosso primeiro romanista—Uma questão porca e um advogado limpo—Mais um que promette recrear-nos.

ABRIL

Os «Gafanhotos» e o noticiario—A casta Susana da imprensa—Um artista vagabundo—O snr. Camillo e os seus leitores sisudos—O D. João Tenorio em prospecto—Um ala-

são e um ginete — Os salvadores de Roma e das batatas — O balão d'oitto metros de diametro — Uma platêa... magistral — O snr. Vieira de Castro (Antonio), e a sua amizade fraternal — As cunhas do snr Antonio Feliciano de Castilho — O chá e a bolacha... e a Assemblêa Portuense — O «Arco de Sant'Anua» e o «Commercio do Porto» — Um dente para tres — Coisas e loisas do snr. Vieira de Castro (José) — Balzac e os editores — Uma gazeta modelo: *Estudo de costumes litterarios no Perú* — A companhia nacional do theatro da rua dos Condes — Por não haver espaço — *Post-scriptum*: Brasileiros e paraguayos.

MAIO

Brazileiros e paraguayos — Duas linhas para serem glosadas pelos periodicos serios — Esmola para o papa — Esmola para diversos — A folha commercial e os seus folhetins em segunda mão — A passagem do Humaitá e o Palacio de Crystal Portuense — Arte em Portugal — O snr. Vieira de Castro (José) aos seus eleitores da Maia — As «Intrigas no bairro», as platêas, e o «Commercio do Porto» — O meu viveiro: *typos e caracteres*; o Dr. Basofia — Dois cysnes pevidosos da margem do Douro — Litteratura official — Uma gazeta modello, *estudo de costumes litterarios no Perú* — O snr. Calixto e o dente para tres — A armada brasileira e a planta impura dos paraguayos — Um homem da sciencia — De como os vendilhões não sahiram do templo — Os Te-Deums do snr. visconde... — O «Commercio do Porto», e a escola d'instrucção primaria — Um paraguayos disfarçado.

JUNHO

Uma gazeta modello: *estudo de costumes litterarios no Perú* — Viram por ahi o Lopes? — O snr. Vieira de Castro (José) no Ermo — Meditações do snr. Bento no Prado do Repouso — O «Phebus Moniz» e o crítico das «Pupillas» — Enthusiasmos patrioticos d'um brasileiro — Educação guereira no Brazil — Entre parenthesis: *Delyrios do amor*, romance contemporaneo e mycroscopico — O lyrismo do snr. Antonio Feliciano — Um poeta brasileiro em Tuyú-Cué; versos funebres — O snr. Caldeira e os erros typographicos — Os touros no Palacio de Crystal... e os vandalos — Uma fera no povoado: Aviso aos paes de familia — De como os soldados paraguayos eram de ferro — Um traductor alarve — Por não poder ser.

JULHO

A Marrada, fragmentos d'um poema sem nome, dedicado aos *intrepidos vencedores do Curupaity...* em gripho — De como se apagou a candeia, da «Gazeta litteraria» — Em que falla aos peixinhos o snr. Augusto Cezar de Sá — Traços ao correr: Mr. Michel, que foi a Pariz — Quixotada: Quem leva mais é quem vence — O povo é um soberano, tem fome, ninguem se importa com elle; e uma historia para variar — De como os brasileiros iam filando o Lopes — Recepção a sôco no Palacio de Crystal: entrada 100 reis — Historia d'um chinó a proposito d'outro chinó — Uma fera no povoado: Aviso aos paes de familia — *Tu quoque, Brutus?! Pois tambem tu... ó Bruto?! — Pennada: A proposito da guerra — As «Pupillas do snr. Reitor» e o dramaturgo Ernesto Biester — Por não poder ser: continuação do número antecedente.*

AGOSTO

Carta aos illustres membros da colonia Brazileira residentes n'esta cidade — De como se vai accender outra vez a candeia da «Gazeta litteraria» — Pennadas: I A digestão da giboia — As mulheres gordas, a formosa franceza e um visitante que não é pêco — As «Pupillas do snr. Reitor» e o dramaturgo Ernesto Biester (*do número antecedente*) — O «Commercio do Porto» a fazer cócegas á gente — O Porto... gosa!... e a companhia do theatro da Trindade = I: O «Supplicio d'uma mulher» — II: A «Chave d'ouro» — III: A «Familia Benoiton» e a «Conspiração na Aldeia» — IV: As comedias restantes — Pennadas: II Um ataque geral — Um jornal que se publica diariamente — O meu viveiro: *Typos e caracteres*; O Joanninha — Novos commettimentos: Prodigios da metralha brazileira — O «Commercio do Porto»... burlesco — Pennadas: III Ao general... Banana — Qual d'elles é... o outro? — Errata importante.

SETEMBRO — OUTUBRO

Segunda carta aos illustres membros da colonia brazileira residentes n'esta cidade — Distracções d'um primeiro romancista — O meu viveiro: *typos e caracteres*: O Joanninha (conclusão) — As «Pupillas do snr. Reitor» e o dramaturgo Ernesto Biester (conclusão) — Os burros e os gafanhotos; fabula — Despedida...

CSSF

56 774

CSSF
56768 a 56774

